



Roni Valério da Silva Pacheco

**As novas formas de experiência cristã:
A diversidade religiosa dentro do cristianismo**

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Teologia do Departamento de Teologia da PUC-Rio.

Orientadora: Prof^a. Francilaide de Queiroz Ronsi

Rio de Janeiro
Julho de 2021



Roni Valério da Silva Pacheco

**As novas formas de experiência cristã:
A diversidade religiosa dentro do cristianismo**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Teologia do Departamento de Teologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo.

Prof^a. Francilaide de Queiroz Ronsi
Presidente e orientadora
Departamento de Teologia – PUC-Rio

Prof. Paulo Fernando Carneiro de Andrade
Departamento de Teologia – PUC-Rio

Prof. Irênio Silveira Chaves
UNIVERSO

Rio de Janeiro, 30 de julho de 2021.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem a autorização da universidade, do autor e da orientadora.

Roni Valério da Silva Pacheco

Graduou-se em teologia pelo Seminário Teológico Serrano de Teresópolis, pela Faculdade de Boa Vista e pela Faculdade João Calvino da Bahia. Bacharel em Arquitetura e Urbanismo e pós-graduado em Engenharia Estrutural pela Universidade Augusto Motta e especialista em Ciências da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora.

Ficha Catalográfica

Pacheco, Roni Valério da Silva

As novas formas de experiência cristã : a diversidade religiosa dentro cristianismo / Roni Valério da Silva Pacheco ; orientadora: Francilaide de Queiroz Ronsi. – 2021.

113 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2021.

Inclui bibliografia

1. Teologia – Teses. 2. Diversidade. 3. Neopentecostalismo. 4. Religião. 5. Espiritualidade. I. Ronsi, Francilaide de Queiroz. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Teologia. III. Título.

CDD: 200

Para Isabel Maria Pacheco e Horácio Pacheco Filho
(*in memoriam*).

Agradecimentos

A Deus, por ter me proporcionado avançar nos estudos teológicos dando-me oportunidade de crescer no conhecimento da fé.

À minha orientadora Prof^{ra}. Dra. Francilaide de Queiroz Ronsi, que, como uma amiga, deu-me apoio, com incentivo e paciência, ao investir tempo e atenção, sempre com presteza. Sem ela essa etapa não teria sido concluída.

À minha esposa Liliane, meus filhos Adan Lucas e Ana Júlia, pela paciência e compreensão em cederem meu amor, tempo e atenção que era deles por direito. Muito do que faço é por eles.

Ao meu amado pai, que nos deixou já na fase final do curso, por seu amor sem igual por mim e à minha mãe que em todos os momentos da minha vida foi de fundamental importância. Minha maior incentivadora e inspiração.

Aos meus avós Alício e Maria, que já nos deixaram, mas ficou o legado do exemplo, do carinho e do cuidado por mim.

A todos os meus familiares que contribuíram para que mais esse sonho se tornasse realidade.

Aos Pastores Arnou e Elias, por contribuírem para que esse momento acontecesse.

Ao CNPq e à PUC-RJ pelos auxílios concedidos, e de uma forma especial durante a pandemia, sem os quais este trabalho não poderia ter sido realizado.

A todos os professores do Mestrado, funcionários do departamento de Teologia e colegas de turma pela receptividade e tratamento sempre acolhedor.

À Igreja Batista Serra dos Órgãos, em Teresópolis, que desde os inícios da minha caminhada cristã me apoiou na minha jornada dos estudos teológicos.

Aos meus irmãos e amigos pelo incentivo e motivação.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES). – Código de financiamento 001.

Resumo

Pacheco, Roni Valério da Silva; Ronsi, Francilaide de Queiroz. **As novas formas de experiência cristã: a diversidade religiosa dentro do cristianismo**. Rio de Janeiro, 2021. 113p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

A diversidade religiosa existente no cristianismo brasileiro apresenta novas formas de experiência cristã e este é o tema apresentado nesta dissertação. Busca-se como objetivo identificar os novos rumos que o cristianismo brasileiro está tomando. Para alcançar êxito nessa busca, foram realizadas pesquisas bibliográficas, além de uma entrevista com o líder de uma das instituições cristãs analisadas. Nossa pesquisa pretende, dessa forma, fazer a relação entre a espiritualidade e a diversidade cristã que hoje existe dentro do próprio cristianismo brasileiro, a partir de algumas igrejas. Julgamos esta pesquisa relevante por tratar-se de uma lacuna que há sobre o tema abordado, não havendo nenhuma literatura que indique uma pesquisa sistemática sobre a espiritualidade nos novos cristianismos que se apresentam dentro do cristianismo no Brasil. Há uma inquietação que nos leva a questionar até que ponto a espiritualidade é preocupação para as igrejas dos novos movimentos religiosos cristãos brasileiros, especialmente o neopentecostalismo. Observa-se então que nessas instituições cristãs modernas, nem sempre há uma preocupação primeira com a espiritualidade, especialmente nas que parecem ter perdido o foco como igreja, buscando divulgar e elevar mais o nome da instituição do que o de Cristo. Conseguimos, por fim, compreender que por não ser dada a devida atenção à espiritualidade por parte das igrejas dos novos movimentos cristãos brasileiros, corre-se o risco de que elas saiam do rumo idealizado para uma igreja cristã e venham a tornarem-se igrejas-empresas, apenas com fins lucrativos e midiáticos.

Palavras-chave

Diversidade; neopentecostalismo; religião; espiritualidade.

Abstract

Pacheco, Roni Valério da Silva; Ronsi, Francilaide de Queiroz. **New forms of Christian experience: Religious diversity within Christianity**. Rio de Janeiro, 2021. 113p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

The religious diversity existing in Brazilian Christianity presents new forms of Christian experience and this is the theme presented in this dissertation. It seeks to identify the new directions Christianity has been moving towards. To succeed at the search, bibliographical researches were done, in addition to an interview with the leader of one of the Christians institutions which were analyzed. Our research intends, therefore, to make the connection between spirituality and Christian diversity which exists inside Brazilian Christianity, starting from some churches. We deem this research to be relevant because it addresses an existing gap about the approached theme, as there is no literature indicating a systematic research about spirituality in new Christianity that is presented inside Christianity in Brazil. There is some restlessness that takes us to question the extent of spirituality being a cause for concern to the churches from the new Brazilian Christian religious movements, especially Neo Pentecostalism. It is observed, then, that in these modern Christian institutions, the first interest is not always about spirituality, especially in those which seem to have lost focus as churches, seeking to promote the brand of the institution more than Christ. At last, we are able to comprehend that by not giving due attention to spirituality, churches from the new Brazilian Christian movements take the risk of leaving the idealized path for a Christian church, becoming corporation churches, having only finances and media as goals.

Keywords:

Diversity; neo pentecostalism; religion; spirituality.

Sumário

1. Introdução	11
2. O fim da religião: a previsão de teóricos	14
2.1. Principais previsões sobre o fim	17
2.2. A morte de Deus e o sepultamento da religião	18
2.3. Argumentos para o fim da religião	20
2.4. O futuro da religião no Brasil: a espiritualidade nos novos Movimentos	23
2.4.1. Dados demográficos	29
2.4.2. A contribuição da religião para a coesão da sociedade	32
2.5. Considerações parciais	35
3. O surgimento do neopentecostalismo aponta para uma nova vivência religiosa	36
3.1. O neopentecostalismo fortalece a ideia do individualismo	45
3.1.2. A preocupação com a espiritualidade nas experiências Religiosas da era digital e pluralista	49
3.2. Considerações parciais	52
4. Diferentes cristianismos no mesmo cristianismo	53
4.1. Bola de Neve Church: na crista da onda	56
4.2. Pier 49 Church, ligando a terra ao céu	61
4.3. Igreja Evangélica Preparatória: na contramão da experiência Pós-moderna	65
4.3.1. Uma igreja fora de sua época	66
4.3.2. Enquadramento tipológico da Igreja Evangélica Preparatória	70

4.3.3. Doutrinas e disciplina da Igreja Evangélica Preparatória	70
4.4. Similaridades	76
4.5. Considerações parciais	79
5. A revelação de Deus: caminho para uma espiritualidade Madura	79
5.1. Efeitos da divina revelação	85
5.2. A espiritualidade ao encontro do Divino	87
5.3. Práticas em comum pela espiritualidade	89
5.3.1. Dízimos, ofertas e prosperidade: negociando com Deus	91
5.3.2. A espiritualidade nas ações sociais pastorais	95
5.3.3. Distantes do evangelho: a espiritualidade ameaçada	97
5.4. Considerações parciais	99
6. Conclusão	100
7. Referências bibliográficas	103

Lista de Siglas e Abreviaturas

Dt – Deuteronômio

Rm – Romanos

Hb – Hebreus

1Sm – Primeiro Livro de Samuel

1Co – Primeira Carta aos Coríntios

Lc – Lucas

CV– *Caritas in Veritate*

Is – Isaías

Nm – Neemias

Tg – Tiago

Sl – Salmos

Ml – Malaquias

*Se te mostrares frouxo no dia da tua angústia,
a tua força será pequena*

Provérbios 24,10

1

Introdução

O pluralismo religioso já é tema recorrente nos grandes centros de pesquisas acadêmicas. O diálogo e a tolerância entre as religiões vêm sendo discutidos e defendidos há muito tempo, porém, um fenômeno se instalou na experiência religiosa brasileira nas últimas décadas. Surgiu uma diversidade religiosa dentro do cristianismo, apresentando novas formas de experiências cristãs, emergindo outros cristianismos dentro do cristianismo. Esse pluralismo cristão aparece após o surgimento do pentecostalismo e, em seguida, com as variações do neopentecostalismo, e proporcionam às experiências cristãs um novo rumo, apresentando-se consideravelmente diferentes das experimentadas outrora, nos movimentos anteriores.

O pentecostalismo e o neopentecostalismo brasileiros, já consolidados no cenário nacional, têm sido amplamente pesquisados e facilmente encontrados em literaturas de áreas da ciência que tratam de temas religiosos como a Filosofia, a Sociologia, a Ciência da Religião e, entre outras, é claro, a Teologia. Mas ainda é um vasto campo a ser explorado.

Diante dessa realidade, propomos uma pesquisa sobre a diversidade existente entre algumas igrejas pentecostais e neopentecostais que geram cristianismos diferentes do cristianismo cultivado pelas igrejas tradicionais históricas, como as Igrejas Batista, Presbiteriana, Metodista, entre outras. Em alguns aspectos, as diferenças contribuem para a diversidade no meio cristão, mas em outros vão além, chegando ao antagonismo, saindo do campo da diversidade para o da adversidade.

Entretanto, embora este trabalho tenha como objetivo compreender a diversidade religiosa nas práticas das igrejas brasileiras atuais, foram destacadas três igrejas para um maior estudo através de pesquisa e análise. São elas: A Bola de Neve Church, a Pier 49 Church e a Igreja Evangélica Preparatória.

A Bola de Neve Church foi escolhida por sua singularidade, uma vez que desde o mobiliário dos templos dessa igreja já pode ser percebido um culto fora dos padrões evangélico brasileiro; por sua representatividade no meio dos jovens, com cultos dinâmicos; e por causa de seu crescimento em número de adeptos pelo país, bem como em notoriedade, muito pela utilização da mídia digital.

A Pier 49 Church tem se destacado principalmente pelo envolvimento com a música gospel, gravando suas músicas de louvor e praticando uma liturgia mais musicada. Tudo isso transmitido sempre ao vivo para centenas de pessoas. Além disso, a Pier 49, como é chamada por seus adeptos, proporciona vários estudos e eventos entre seus fieis, visando ser uma igreja diferenciada e com propósitos bem arrojados.

Essas duas igrejas têm suas doutrinas e disciplinas bem diferentes das demais igrejas neopentecostais. Mas, na contramão delas, está a terceira igreja pesquisada, a Igreja Evangélica Preparatória, ou simplesmente Igreja Preparatória. Uma igreja marcada por princípios cristãos tradicionais do século passado, com proibições aos seus fiéis em várias dimensões de sua vida. Contudo, chama a atenção o fato de que mesmo impondo regras severas, seja no comportamento dos seus filiados, seja nas vestes, essa igreja tem se expandido pelo território nacional e se firmado no cenário religioso atual.

Ainda que o pentecostalismo e neopentecostalismo já tenham alcançado notoriedade nacional, há pouco, ou mesmo quase nada, na literatura acadêmica brasileira que apresente uma pesquisa sistemática sobre essas três igrejas escolhidas. Sobre a Pier 49 Church nenhuma literatura foi encontrada, a não ser aqueles documentos produzidos por ela mesma. Suas principais informações foram encontradas no site oficial da igreja. Já sobre a Bola de Neve Church, Maranhão Filho, ex-membro dessa igreja, debruça-se sobre a história da igreja e é até o momento o único autor encontrado com pesquisa sistemática sobre a igreja no Brasil. Quanto a Igreja Evangélica Preparatória, apenas um capítulo de dissertação de mestrado, em Ciências da Religião, pela Universidade Federal de Juiz de Fora, de Valdevino de Albuquerque Júnior.

Não se tem, com essa pesquisa, a pretensão de esgotar o tema, visto haver uma longa caminhada ainda sobre ele. Mas, torna-se necessário compreender a importância da espiritualidade cristã, compreendida como uma experiência que

integra todas as dimensões do ser humano, a partir desses movimentos que há dentro das igrejas cristãs, especialmente no meio evangélico, quando igrejas independentes são fundadas com doutrinas próprias.

Por conseguinte, as inquietações que moveram a pesquisa para esta dissertação foram: onde fica a espiritualidade nessa diversidade? De que forma tais práticas se distanciam do evangelho? Até que ponto a espiritualidade é preocupação para essas instituições? Objetiva-se, então, entender as razões que levam as igrejas hodiernas a comportamentos tão diferenciados entre si. Depois compreender os novos caminhos (rumos) do cristianismo e sua espiritualidade.

Para alcançar o objetivo da pesquisa optamos por pesquisa bibliográfica sobre o tema e entrevistas com a liderança de cada uma das três igrejas selecionadas para este trabalho. Contudo, devido a pandemia que assola o Brasil e o mundo, só foi possível concluir a entrevista com o Pastor Marco Antonio, fundador e líder da Igreja Evangélica Preparatória. Ele, com muita gentileza e simpatia, revelou a história da igreja com detalhes importantes, desde anos antes de sua fundação até os dias de hoje.

A partir da inquietação sobre o futuro da espiritualidade no cristianismo brasileiro, será apresentada no segundo capítulo a proposta de vários autores que decretaram o fim da religião. Serão analisadas as suas previsões e motivações para acreditarem e anunciarem o fim da religião. As previsões são para a religião do planeta, mas foram delimitados seus possíveis efeitos para o Brasil, a partir dos movimentos pentecostal e neopentecostal. A motivação para se voltar há um tema tão antigo foi: se a religião está crescendo e se diversificando, passando por profunda transformação, especialmente no Brasil, há certa contradição na afirmação dos teóricos que previam que ela chegaria ao fim. Em seguida, ainda no mesmo capítulo, é pensado o futuro da religião no Brasil, o que é corroborado por dados demográficos que apontam a situação religiosa no país a partir de 2010.

Avançando para o terceiro capítulo, manter-se-á a atenção para o surgimento do neopentecostalismo. Serão verificadas nesse momento a importância do indivíduo para a instituição e o impacto causado com a chegada da era digital que possibilitaram a essas igrejas transmitir os seus cultos através de mídias digitais, além de propagarem seus nomes através das redes sociais.

O quarto capítulo procurará identificar a diversidade das experiências cristãs

que essas igrejas podem propor. Por fim, no último capítulo, a revelação de Deus é apontada como um caminho para uma espiritualidade madura. Serão apresentados os efeitos da divina revelação, quando Deus busca os verdadeiros adoradores, e diz que esses podem estar em qualquer lugar, em todas as igrejas. Por outro lado, são apresentadas as práticas em comum que as igrejas referidas realizam. Da oração à assistência social, elas se equivalem quando o assunto é cuidado com os mais necessitados. Também se aproximam a partir da importância que cada uma dá à coleta dos dízimos e ofertas. E, finalmente, o capítulo é concluído com o levantamento da possibilidade do afastamento do evangelho por parte dessas igrejas.

Por fim, o quinto capítulo apresentará o caminho para uma espiritualidade madura através da revelação de Deus. Nele será proposta a participação humana em parceria com o Criador para que a revelação alcance o objetivo.

Espera-se alcançar, através da análise das posturas das igrejas propostas para o estudo, o entendimento sobre o seu valor para a sociedade brasileira e a importância para a vida dos fiéis.

2

Fim da religião: Breve relato das previsões de teóricos

Quando o neopentecostalismo chega ao Brasil, traz consigo várias expectativas, pois apresenta uma alternativa para os cristãos brasileiros, além de uma oportunidade nova de conversão para os que ainda iam se achegar ao cristianismo no país. Essas expectativas partiam não apenas dos seus adeptos, mas também dos já inseridos na cultura cristã vivenciada no país até aquele momento. Era um cristianismo tradicional¹, vivenciado pelas igrejas históricas já com suas doutrinas e instituições consolidadas no cenário brasileiro. Mas antes de abordarmos os movimentos pentecostais e suas consequências, iniciaremos com elementos necessários para nascer uma religião e as previsões que foram apresentadas por teóricos no decorrer da história, que em vez de antever o crescimento e a diversificação da religião, afirmaram que chegaria um momento em

¹ Cristianismo histórico vivenciado pelas igrejas brasileiras antes do pentecostalismo (primeira onda).

que a religião acabaria.

A religião² e a espiritualidade³ são temas explorados por diversas áreas do saber. Estudos, discussões, pesquisas, análises e abordagens vêm sendo constantemente incluídas nas ciências como Teologia, Psicologia, Ciências da Religião e Filosofia. Neles, além de encontrarmos rastros históricos da caminhada da religião ao longo do tempo, encontramos tais previsões em relação ao futuro da religião. Analisaremos não só as previsões, mas também o que os motivou a tais conclusões e a realidade sobre elas hoje.

Primeiro precisamos conhecer alguns elementos que marcam o surgimento da religião. Feuerbach aponta, como base para surgir uma religião, os fenômenos estranhos, não naturais, que chamam a atenção de forma especial:

Todos os fenômenos estranhos e extraordinários na essência da natureza, tudo o que cativa e arrebatava o olho do homem, o que inflama sua fantasia, provoca seu espanto, afeta sua emoção de um modo especial, inusitado, tudo isso deve ser considerado no surgimento da religião, pode mesmo fornecer a base e o objeto da adoração religiosa.⁴

Mas, se fenômenos extraordinários à natureza trazem elementos para a criação de uma religião, quais seriam os possíveis motivos para o seu fim? Na sequência enumeraremos teóricos e previsões que indicaram o fim de todas as práticas religiosas em todo o planeta.

² DURKHEIM, E. As formas elementares da vida religiosa, p.24- 32. “o conjunto das crenças e ritos correspondentes constitui uma religião”. Religião pode ser definida como “Um sistema solidário de crenças e práticas relativas a coisas sagradas, isto é, separadas, proibidas, crenças e práticas que reúnem numa mesma comunidade moral, chamada igreja, pessoas que a elas aderem”.

³ Frederick PARRELLA, Vida e espiritualidade no pensamento de Paul Tillich. In: Correlatio 6, outubro 2004. Até a realização do Segundo Concílio Vaticano nos anos 60, o termo espiritualidade era quase sempre considerado dentro da tradição católica. A palavra não aparecia nos escritos da Reforma e, até recentemente, muitos protestantes preferiam o termo mais antigo, piedade (alguns usavam o termo devoção, enquanto outros, como John Wesley, optavam por perfeição) para designar a vida no Espírito com sua reverência e amor por Deus. O termo começou a ser usado no catolicismo francês, em oposição, quase sempre, à palavra ‘devoção’, por causa de suas associações com o entusiasmo questionável de certas práticas espirituais e até mesmo de formas heréticas. Na língua inglesa o termo só aparece na década de 20. Mais recentemente, o vocábulo ultrapassou as fronteiras católicas para descrever, em sentido antropológico, certa qualidade disponível às pessoas que buscam viver a plenitude da vida humana. Da ideia católica tradicional acerca do movimento místico de Deus para a alma e vice-versa, agora significa a totalidade da vida da fé e até mesmo a vida integral das pessoas, incluindo o corpo e as dimensões físicas, psicológicas, sociais e políticas. Hoje em dia, estuda-se espiritualidade em todas as tradições religiosas, em todos os períodos históricos e nas escolas filosóficas. Nas palavras de John Macquarrie, ela tem a ver fundamentalmente com o ‘tornar-se pessoa em seu sentido mais verdadeiro’. Ewert Cousins escreveu: “o centro espiritual é o mais profundo da pessoa. É nele que nos abrimos à dimensão transcendental; é aí que experimentamos a realidade suprema”.

⁴ FEUERBACH, L. Preleções sobre a essência da religião, p. 60.

Os principais apontamentos de alguns teóricos pareciam ser em direção ao fim da religião. A crença de um grupo de célebres estudiosos, alguns citados adiante, era num caminho onde a religião seria substituível, sendo ela provocada por uma série de fatores, como a descartável influência da igreja, segundo eles. Propunham ser a religião irrelevante quando o ser humano encontra numa sociedade mais justa e consciente uma nova motivação para seguir as regras de bom convívio social.

Ou seja, um suposto fim da religião é tema que tem, há anos, conduzido cientistas a debruçar-se em análises e conclusões. Com isso, seguidores de seus estudos, dos que apontaram para o fim da religião, saíram a propagar suas afirmativas, espalhando por todos os cantos a possibilidade bem real de tal acontecimento. Isso, claro, chegou até os fiéis e ao meio acadêmico, traçando novos rumos para o debate. Eis, portanto, uma situação a ser pensada: estamos caminhando para o fim da religião, sobretudo no Brasil, ou para mudanças significativas em seus conceitos, dando um ressignificado e maior diversificação à religião?

Embora os apontamentos dos pensadores para o fim da religião almejassem todos os continentes, caminharemos para entender melhor as previsões, as motivações e a via que parece estar tomando apenas a religião cristã brasileira.

Possivelmente o desenrolar da história tenha apontado, em algum momento, para o fim da religião, pois para alguns teóricos, como Reale⁵, torna-se inegável a proximidade do fim das práticas religiosas. Também Nietzsche⁶ “Deus está morto - pelo homem”⁷ e Marx⁸ “a religião é o ópio do povo”⁹, dentre outros, acreditavam ser deus uma criação humana. Cada um com suas hipóteses trazem à sociedade suas certezas confirmando não acreditarem na sustentação dos sentimentos religiosos ou, pelo menos, de suas práticas públicas, ao longo do tempo.

⁵ REALE, G.; ANTISERI, D. História da filosofia, p.159.

⁶ Friedrich Nietzsche (1844-1900) foi um filósofo, escritor e crítico alemão que exerceu grande influência no Ocidente.

⁷ NIETZSCHE, F. A gaia ciência. São Paulo: Companhia das letras, 2001, p. 108. Depois que Buda morreu, sua sombra ainda foi mostrada numa caverna durante séculos – uma sombra imensa e terrível. Deus está morto;

⁸ Karl Henrich Marx (1818-1883) nasceu em Tréveris, cidade histórica da Alemanha, em família de classe média de origem judaica, foi um intelectual revolucionário, fundador da doutrina comunista. Atuou como economista, filósofo, historiador, político e jornalista.

⁹ MARX, K. H. Sur la religion, Paris, Editions soicales, 1960, pp. 42-77. A religião é o suspiro da criatura oprimida, o coração de um mundo sem coração, assim como ela é o espírito de uma situação sem espiritualidade. Ela é o ópio do povo”.

Verificaremos, a seguir, as principais previsões e o que motivaria o fim da religião, levando milhões de seguidores a uma nova visão, abandonando as práticas religiosas.

2.1.

Principais previsões sobre o fim

Alguns pensadores tornaram-se referência para o estudo do fim da religião, visto terem sido, se não as primeiras, as principais vozes a reverberarem o fim de todas as práticas relacionadas à religião. Nomes hoje bem conhecidos do meio acadêmico como Friedrich Nietzsche, Karl Marx e Georg Friedrich Hegel surgem entre os que mais elucubram sobre a possível derrocada da devoção religiosa. Uma prova da grande disseminação do tema temos em Altizer e Hamilton, que firmam que o “tema sobre a morte de Deus” vai de William Blake a Nietzsche, passando por Goethe, Darwin, Freud, Hegel, Marx, incluindo mestres da literatura, como Dostoiévsky, Strindberg e Baudelaire.¹⁰

É exatamente a “morte de Deus” que eles apontam como uma das principais causas do fim da religião. A constatação de Nietzsche de que “Deus morreu” representaria o fim de uma época e do modelo platônico de pensamento quando tudo era explicado a partir da revelação divina, e a ‘verdade’, segundo o ocidente, estava relacionada à religião judaico-cristã, às escrituras e a Deus, conforme afirma Almeida.¹¹

Já para Feuerbach, Deus não foi criado por uma ilusão gerada por conta da imaginação humana meramente, mas pela necessidade de um ser superior em seu espírito, que é o seu próprio deus, como afirma:

Tal como o homem é objeto para si, assim Deus é objeto para ele; tal como pensa, tal como sente, assim é o seu Deus. Tal o valor que o homem tem, assim o valor – e não mais – que o seu Deus tem. O que para o homem é *Deus*, isso é *seu espírito*, a *sua alma*, e o que para o homem é o seu espírito, a sua alma, o *seu coração*, isso é o seu *Deus*: Deus é o interior revelado, o si mesmo do homem expresso.¹²

Logo, cessando a necessidade do homem ter o seu deus, aconteceria a ‘morte de Deus’ e a religião não teria motivo para persistir. Teria que ser encontrada então uma nova ‘verdade’ para ser guia do povo. E isso, segundo Almeida, se daria:

¹⁰ ALTIZER T. J. J.; HAMILTON, W. A morte de Deus, p. 14.

¹¹ ALMEIDA, M. Para além da Morte de Deus, p. 223.

¹² FEUERBACH, L. A essência do cristianismo, p. 22-23. 2002.

Partindo do princípio de que, na modernidade, Deus não pode mais servir de pressuposto para a construção de qualquer forma de pensamento, o homem moderno substitui a fé em Deus (teologia), pela fé no homem (ciência), já que é ele mesmo quem instaura a ciência e lhe dá validade, concedendo-lhe estatuto de verdade.¹³

Portanto, caberia ao próprio ser humano a ‘substituição de Deus’. A ciência seria a única motivação e norteamento para a conduta do ser. Ou seja, o próprio ser humano ditaria o que lhe seria melhor como valores, leis e vivência social.

Outra aposta dos defensores do fim da crença religiosa se daria com a chegada da modernidade, quando para Marx, Nietzsche e Freud, os seguidores da religião despertariam para a grande ilusão que ela é. Isso é o que aponta Ricoeur¹⁴, os intitulado de mestres da suspeita.¹⁵

Não pretendemos aqui esgotar o tema sobre as previsões para o fim da religião. Apenas consideramos relevante expor o fato de alguns grandes pensadores e teóricos terem se debruçado sobre um tema tão intrigante, que ainda hoje inquieta alguns acadêmicos e se relaciona com o cristianismo vivenciado hodiernamente no Brasil, uma vez que, ainda que a religião não tenha chegado ao fim, grandes mudanças são percebidas nos movimentos encontrados hoje no cenário religioso brasileiro.

2.2.

A morte de Deus e o sepultamento da religião

Para teóricos, como os já citados, que estudam a religião, “a modernidade acarreta necessariamente um declínio da religião”. Berger afirma que “os filhos do iluminismo acolheram bem o suposto fato do declínio da religião”.¹⁶

Os defensores do fim da religião diziam que em algum momento a propagação e a devoção de uma religião com um deus central acabariam. Uns

¹³ ALMEIDA, M. Para além da Morte de Deus, p. 223.

¹⁴ RICOEUR, Paul. Da interpretação: ensaio sobre Freud. 1977.

¹⁵ Em 1964, Foucault apresenta um colóquio com o título “Nietzsche, Freud, Marx” (Foucault, 2000), tratando ali das “técnicas de interpretação” nesses pensadores, ou seja, dos problemas relativos à hermenêutica moderna. Em 1969, Ricoeur publica um livro sobre Freud intitulado “Da Interpretação. Ensaio sobre Freud” (Ricoeur, 1977) onde também, de forma muito parecida com a de Foucault, irá se referir a Marx, Nietzsche e Freud como os mestres da suspeita.

¹⁶ BERGER, P. Os múltiplos altares da modernidade, p. 10.

apostavam na “morte” de Deus,¹⁷ outros, na múltipla disseminação dos valores ateístas com o contágio popular. Um deles, Nietzsche, discorre num texto a ideia de um deus finito:

Não ouvimos o barulho dos coveiros a enterrar Deus? Não sentimos o cheiro da putrefação divina? - também os deuses apodrecem! Deus está morto! Deus continua morto! E nós o matamos! Como nos consolar, a nós, assassinos entre os assassinos? O mais forte e o mais sagrado que o mundo até então possuía sangrou inteiro sob os nossos punhais - quem nos limpará desse sangue? ¹⁸

Se para Nietzsche “Deus está morto”, segundo Marx, o próprio homem criou a religião e seu deus por uma necessidade de proteção e de um ser elevado que luta as suas lutas e vence. Pois, ainda segundo ele, a humanidade precisa de um ser, de alguma forma, semelhante em sentimentos, mas superior em poder, para promover a justiça contra tudo o que julga ser mal, protegendo-a e atendendo aos seus anseios. O ser humano “que procura um super-homem na realidade fantástica do céu, não encontra nada, mas o reflexo de si mesmo”¹⁹ Ele concordou e reverberou mais alto as teses que “a religião é o ópio do povo”²⁰ e que “é o homem que faz a religião”.²¹ Inicialmente ele trabalha a religião como alienação e depois a considera como ideologia. Para Marx, uma nova organização cristã criará as instituições temporais, como também as instituições espirituais, com base no princípio de que todos os homens devem se ver uns aos outros como irmãos. Ela conduzirá todas as instituições, seja qual for sua natureza, para o crescimento do bem-estar da classe mais pobre.²²

A frase tão célebre sobre o ópio, no entanto, já era vista em outros pensadores. Podemos encontrá-la, antes de Marx, com algumas nuances, em Heine²³, Hess²⁴,

¹⁷ FREUD, S. O futuro de uma ilusão, p.43.

¹⁸ NIETZSCHE, F. A gaia ciência, p. 147.

¹⁹ MARX, K. H. Contribuição à crítica da filosofia do direito de Hegel, p. 42.

²⁰ A frase está na Introdução feita à Crítica da filosofia do direito de Hegel, escrita em 1843 e publicada em 1844 nos Deutsch-Französischen Jahrbücher ('Anais franco-alemães'), que Marx editava com Arnold Roge.

²¹ MARX, K. H. Contribuição à crítica da filosofia do direito de Hegel, p.30.

²² MARX, K. H. O Capital. Edição Kindle, p. 302.

²³ Heinrich Heine, em 1840, no seu ensaio sobre Ludwig Börne escreveu: "Bendita seja a religião, que derrama no amargo cálice da humanidade sofredora algumas doces e soporíferas gotas de ópio espiritual, algumas gotas de amor, fê e esperança." Citado por Michael Löwy (2006) "Marxismo e religião: ópio do povo?" in Borón, A. et al. (orgs.), A teoria marxista hoje. Problemas e perspectivas. Buenos Aires: CLACSO, 2007.

²⁴ Moses Hess, num ensaio publicado na Suíça em 1843, traz a mesma ideia: A religião pode fazer suportável [...] a infeliz consciência de servidão... de igual forma o ópio é de boa ajuda em angustiantes doenças.

Marquês de Sade²⁵, Novalis²⁶, entre outros.

Outros autores também seguiram a linha de uma religião finita. Os livros “Deus, um Delírio”, de Dawkins²⁷, “Deus Não é Grande”, de Hitchens²⁸ e “Carta a Uma Nação Cristã”, de Harris²⁹, ratificam tal tese. Portanto, a previsão do fim da religião deixou de ser novidade, especialmente entre filósofos e sociólogos. Ainda que nunca tenha sido unânime o pensamento de uma religião finita, alguns autores concluíram, com base em estudos, pesquisas, análises e, segundo eles, evidências, que o fim da religião seria inevitável e não muito remoto. Mesmo até os dias atuais não tendo se cumprido as referidas profecias, não se pode afirmar que não tinham fortes motivos para acreditarem num derradeiro momento para as práticas e crenças em questão.

2.3.

Argumentos para o fim da religião

Os ilustres pensadores que argumentaram pelo fim da religião trouxeram perspectivas sob uma ótica interessante, o que arrebanhou vários co-proponentes do tema. Adeptos ao pensamento de uma religião finita apoiaram, difundiram e globalizaram a ideia da decadência das práticas e sentimentos religiosos.

O fim de um deus humano acarretaria diretamente na inumação da religião que o segue. Os motivos para a cessação são apresentados pelos defensores de tais acontecimentos, enumerando fatos que culminariam com o fim de tal sistema doutrinário. Como para Nietzsche, que acredita que

o Conceito de “Deus” foi arquitetado como antítese ao da “vida” tendo sido reunido nele, em terrível unidade, tudo o que havia de abjeto, de venenoso, de calunioso: todo o ódio mortal contra a vida. O conceito do “além”, do mundo verdadeiro, foi

²⁵ Marquês de Sade, em sua obra de 1797: com ideia similar em *Histoire de Juliette, ou les Prospérités du vice*: “É ópio que você faz seu povo tomar, para que, anestesiado por esse sonífero, ele não sinta as feridas que você lhe rasga.”

²⁶ Novalis, outro poeta alemão, também teria usado uma comparação semelhante em *Blüthenstaub* (Grãos de pólen-fragmento 77)), seu primeiro trabalho publicado na revista *Athenäum*, em 1798: “Sua suposta religião age simplesmente como um ópio: excitante, estonteante, acalmando os sofrimentos dos fracos.”

²⁷ Dawkins é ateu, vice-presidente da Associação Humanista Britânica e defensor do movimento *bright*. Ele é conhecido por suas críticas ao criacionismo.

²⁸ Christopher Hitchens coloca em xeque o papel da religião no livro que é best-seller mundial “Deus não criou o homem à sua própria imagem, foi o contrário”. Essa afirmação norteia o escritor e jornalista britânico Christopher Hitchens no livro *Deus não é grande* – como a religião envenena tudo.

²⁹ Samuel Benjamin Harris (Los Angeles, 9 de abril de 1967) é um escritor, filósofo, e neurocientista norte-americano. Também conhecido como Sam Harris.

criado para desprezo do único mundo que existe, para não conservar mais em relação à nossa realidade terrena qualquer objetivo, determinada razão ou alguma finalidade! Os conceitos de “alma” foram inventados para ensinar o desprezo do corpo, tornando-o doentio- isto é “santo” para opor-se a todas as coisas que merecem ser tratadas com seriedade na vida.³⁰

Como tudo em relação à religião teria sido uma grande invenção, por vários motivos, cessados estes motivos, ou encontrado substituto para acalentar o ser humano, não faria sentido a continuidade de uma religiosidade que teria ficado obsoleta.

O fim da necessidade de uma religião e seus favores já, por si só, motivaria o seu fim. O despertar de uma humanidade moderna, com várias possibilidades, descartaria automaticamente aquilo que de fato não solucionou os problemas da humanidade, nem tampouco os individuais. Mas, em vez do fim, novas religiões surgiram, talvez em concordância com o que afirma Schillebeeckx,

A religião é coisa bem terrena, pois nasce precisamente das necessidades, buscas, esperanças, angústias e ilusões mais enraizadas na realidade humana. Fala da vida e da morte, da conduta individual e da relação com o próximo, refere-se a todos os aspectos da existência.³¹

Mas ainda assim pensadores encontravam motivos para acreditarem no fim da religião. Dentre vários motivos que contribuiriam para o término do seguimento religioso estariam o crescimento da convicção ateísta, o sentimento de auto segurança e independência humana e a falta de respostas, antes buscadas na crença religiosa. Quanto ao fim da crença, ainda não são definitivos os fatores complexos que levam um indivíduo, ou uma nação, ao ateísmo. Já no que diz respeito ao sentimento da confiança na proteção religiosa, pois parte do apelo das religiões está na segurança que ela oferece em um mundo de incertezas, um novo mundo apresenta a possibilidade do homem, por si só, construir sua vida conforme seus anseios e se sentir seguro sem depender da religião. Como afirma Marx, para estes é certo que

a angústia religiosa é, ao mesmo tempo, a expressão da verdadeira angústia e o protesto contra esta verdadeira angústia. A religião é o suspiro da criatura oprimida, o coração de um mundo sem coração, assim como é o espírito de uma situação sem espiritualidade.³²

A religião seria a válvula de escape dos problemas cotidianos e o seu fim

³⁰ NIETZSCHE, F. W. *Ecce Homo*, [s/n]. 2016.

³¹ SCHILLEBEECKX, E. *Fé cristiana y sociedad moderna*, p. 100.

³² MARX, K, E, F. *Sur la religion*, p. 42.

estaria diretamente ligado à modernidade, com o despertar do ser para um espírito livre. Ou surgiria uma nova forma de controle das massas ou a humanidade aprenderia a agir como indivíduo, sem afetar negativamente a coletividade. Assim, o despertar de um homem moderno aceleraria o fim de tudo que era útil para a gerência das massas e inútil para o indivíduo.

Então, com esse novo despertar, o ser humano se torna o senhor do próprio juízo e a pretensa alienação pode dar lugar a uma nova ideologia, talvez substituta, contemplando os novos anseios de uma nova época. Pois, numa sociedade superior e de olhos abertos, não sendo mais a religião o “ópio do povo”, bem como não haver mais a necessidade de se criar expectativas de uma vida futura, aproveita-se do melhor desta vida em uma sociedade justa e agradável.

A ideia de independência de algo invisível, que de certa forma coage e aprisiona com promessa de liberdade, com a chegada da modernidade tornava-se cada vez mais plausível, e uma nova era despertava o ser humano para um novo horizonte, onde não caberia sujeição em massa. O profundo apego ao materialismo e ao individualismo seria praticado e pregado conforme discursos políticos, sociais e científicos. Não caberia mais uma religião com uma cartilha a ser seguida, sem questionamentos. Se o homem criou seu deus segundo Marx, para Nietzsche, o próprio homem o matou.

Também havia a previsão de que chegaria a era em que o ser humano passaria a ser o centro de todas as coisas. Talvez desiludido com a religião, passaria a buscar nele mesmo, no ser humano, um substituto para a religião que criou, pois é no próprio homem que está a essência do ser superior, como afirma Feuerbach:

O homem nunca poderá vir a ultrapassar a sua verdadeira essência. Bem pode imaginar, por meio da fantasia, indivíduos de outra espécie supostamente superior, mas nunca poderá abstrair do seu gênero, da sua essência; as determinações essenciais, os últimos predicados positivos que ele atribui a estes outros indivíduos são sempre determinações extraídas da sua própria essência – determinações nas quais, na verdade, só se representa se objetiva a ele próprio.³³

A essência do ser é o seu limite. Criações do imaginário humano não podem ultrapassar o que ele realmente é capaz de sentir e vislumbrar. Por isso, como já visto, há semelhança do deus humano com ele mesmo. Essa é a teoria de Feuerbach, de Freud, de Nietzsche, entre outros, que afirmam que quando a humanidade

³³ FEUERBACH, L. A essência do cristianismo, p. 21.

despertar para a realidade da religião criada por ela, tanto a religião quanto o seu deus virarão passado. Mas, como diz Prandi,

A presença massiva da religião na cidade, uma aparente contradição, mostra bem como se constitui hoje o leque de possibilidades de sentido: a cidade não precisa mais de deus, mas, para aqueles que a própria cidade deserta e desampara, deuses de todo tipo e rito podem ser fartamente encontrados. A cada culto se agrega outro culto, até que se extravasem todas as formas de combinação capazes de responder à criatividade (...) que a cidade, em todas as esferas, incentiva, premia e dela se alimenta.³⁴

Ou seja, o ser humano parece entender que não precisa da religião, mas dela não se desvencilha. Contribuindo para um fortalecimento dessa ideia, em oposição aos defensores do enfraquecimento inevitável da religião, teólogos apresentaram seus argumentos, elevando a expectativa da firme continuidade das atividades religiosas, como afirma Berger:

Não há razão para pensar que o mundo do século XXI será menos religioso do que o mundo atual. Uma minoria de sociólogos da religião tem tentado salvar a velha teoria da secularização pelo que eu chamaria de tese de última trincheira: a modernização seculariza sim, e movimentos como o islâmico e o evangélico representam a última trincheira de defesa da religião e não podem perdurar.³⁵

Ainda nessa forma de entendimento quanto ao futuro da religião, Berger afirma ainda que:

O mundo de hoje, com algumas exceções, é tão ferozmente religioso quanto antes, e até mais em certos lugares. Isso quer dizer que toda a literatura escrita por historiadores e cientistas sociais, vagamente chamada de ‘teoria da secularização’, está essencialmente equivocada.³⁶

Os contraditórios são apresentados, mas, por enquanto, o que temos de realidade é uma religiosidade móvel, diversificada e que oferece um vasto mercado. Especialmente no Brasil, onde movimentos são sequenciais e inovadores, atraindo vários públicos.

2.4.

O futuro da religião no Brasil: a espiritualidade nos novos movimentos

Surtem no mundo, cada vez mais, novas religiões. Mais ainda com a globalização. Essas religiões não se tornam conhecidas apenas por pesquisadores e

³⁴ PRANDI, R. Religião paga, conversão e serviço, p.28.

³⁵ BERGER, P. A dessecularização do mundo, p. 18.

³⁶ BERGER, P. A dessecularização do mundo, p. 10.

em seus lugares de origem, mas são difundidas por toda parte, inclusive atraindo novos adeptos, antes impensáveis. Dentre as religiões, esta pesquisa busca analisar e compreender o cristianismo brasileiro moderno e suas divisões, e também suas implicações e realidades no que diz respeito, especialmente, a espiritualidade entendida e praticada no cenário hodierno.

Dentro desse cristianismo brasileiro, tratamos aqui como igrejas históricas aquelas que já haviam se firmado no cenário nacional, com raízes profundas, com bases bem sólidas, estruturadas e facilmente identificadas, como as igrejas Católica,³⁷ Anglicana,³⁸ Luterana,³⁹ Metodista,⁴⁰ Congregacional,⁴¹ Presbiteriana,⁴² Igreja Batista⁴³ e Casa de Oração.⁴⁴

Já no princípio do século XX, em 1910, dando início a um novo movimento religioso evangélico no Brasil, trazendo uma nova perspectiva de práticas e cultos, o pentecostalismo⁴⁵ chega revigorando a fé religiosa para uns, mas sob olhares desconfiados de outros, céticos quanto ao futuro da religião.

³⁷ Igreja Católica. O catolicismo era a religião oficial de Portugal e de suas colônias e todos os habitantes do Brasil tinham que obrigatoriamente adotá-lo como religião: os índios foram evangelizados por meio da catequese e os colonos nascidos no Brasil aceitavam-no como pressuposto de cidadania. A primeira confraria brasileira foi a Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Olinda, criada em 1539.

³⁸ Igreja Anglicana, inaugurada em 26 de Maio de 1822. 1ª igreja Inaugurada no Rio de Janeiro, RJ. Direcionada aos estrangeiros anglicanos (na sua maioria inglesa).

³⁹ Igreja Luterana. Em 1824 chegam ao Brasil os primeiros luteranos vindos da Alemanha para a Região Sul, mais precisamente em São Leopoldo, RS e Blumenau, SC. Inauguração da Igreja Luterana em Nova Friburgo, RJ

⁴⁰ Igreja Metodista Em agosto de 1835 chegam ao Brasil os missionários metodistas norte-americanos Rev. Justin Spaulding e Rev. Daniel Parish Kidder, com suas respectivas famílias, para dar prosseguimento à missão. Porém a missão metodista no Brasil é suspensa em 1841 por causa da guerra civil da Secessão que divide os EUA e também a Igreja Metodista dos EUA. É retomada em 1867 com a chegada do Rev. Junius Estaham Newman.

⁴¹ Igreja Congregacional. No dia 10 de maio de 1855 Chega ao Brasil, na cidade do Rio de Janeiro, o primeiro casal de missionários da Igreja Congregacional, Robert Reid Kalley (escocês) e Sarah Poulton Kalley (inglesa). Em 1858, no dia 11 de julho, é fundada a 1ª Igreja Evangélica de estilo congregacional e de fala portuguesa no Brasil: a Igreja Evangélica Fluminense, fundada pelo missionário escocês Robert R. Kalley.

⁴² Igreja Presbiteriana. Em 1859, no dia 12 de agosto, chega ao Brasil o Missionário presbiteriano estadunidense Ashbel Green Simonton. Em janeiro de 1862, o próprio Missionário funda na cidade do Rio de Janeiro a Igreja Presbiteriana do Brasil.

⁴³ Igreja Batista. Em 1871, no dia 10 de setembro, um pequeno grupo de batistas residentes em Santa Bárbara d'Oeste, SP, organizou a Primeira Igreja Batista em solo brasileiro. Os fundadores foram os Pr. Richard Ratcliff e o Pr. Robert Porter Thomas. Os cultos eram realizados em inglês, para servir aos imigrantes estadunidenses.

⁴⁴ Casa de Oração. Em junho de 1878, iniciou-se na cidade do Rio de Janeiro, com oito irmãos que saíram da Igreja Congregacional com o irmão Richard Holden, que havia sido co-pastor daquela mesma igreja ainda na época do Dr. Kaley.

⁴⁵ Pentecostalismo: movimento religioso protestante, não tradicional, teve início a partir dos E.U.A., em princípios do século XX; Seus adeptos privilegiam os dons do Espírito Santo e as orações em voz alta.

Devemos salientar que há uma grande diferença entre o movimento pentecostal e as igrejas protestantes, como afirma Matos⁴⁶, pois aquele trouxe grandes mudanças no cenário cristão e rompeu com padrões que caracterizavam o protestantismo há séculos. Dentre as transformações, as mais expressivas aparecem na liturgia do culto, na interpretação teológica e, especialmente, no que se refere ao batismo com o Espírito Santo. Devido ao segundo ciclo avivalista da igreja metodista, durante o século XX, o movimento expandiu nos Estados Unidos, que foi caracterizado como a experiência do batismo com o Espírito Santo. Seu marco inicial se deu no ano de 1906, em Los Angeles, no famoso Galpão da Rua Azusa⁴⁷, onde eram realizados os primeiros cultos, porém o movimento em pouco tempo havia se espalhado pelo país, e em seguida introduzido na América Latina através da presença missionária.

Logo chegou ao Brasil, espalhando-se por todo o território nacional. Dados demográficos transcritos, ainda neste capítulo, darão uma panorâmica da situação, especialmente no país, muitas vezes apontando para a minimização de adeptos às práticas religiosas, como uma festa que caminha para o seu fim, mesmo que tenha sido muito bem frequentada em questão de número de participantes. Muitos já não encontram motivação para ficarem nela, ou, encontram várias para deixá-la. Contudo, a religião segue, mesmo em meio às adversidades, deixando sempre uma mensagem de sua necessidade e contribuição para uma sociedade coesa e altruísta.

Uma leitura atenta do Censo Demográfico de 2000 favorece a percepção do ponto inicial do futuro da religião no Brasil. Ali se pode perceber que já há vários cristianismos dentro do cristianismo brasileiro, conforme apresentado por Mariano:

O Censo 2000 traz também as enigmáticas categorias outras religiões evangélicas, composta por 1.317.685 de brasileiros, e outros evangélicos, integrada por 581.383 pessoas. De modo que, além dos 1.046.487 evangélicos sem vínculo institucional, o Censo 2000 classifica outros 1.899.068 evangélicos como pertencentes, majoritariamente, a outras religiões evangélicas e, em menor proporção, a outros evangélicos, classificações imprecisas que tornam inteiramente opacos os vínculos institucionais desses quase dois milhões de religiosos.

⁴⁶ MATOS, A. S. de. O movimento pentecostal, p. 27-37.

⁴⁷ A Rua Azusa ficou famosa pelo “avivamento da Rua Azusa”, que foi uma reunião pentecostal que se deu em Los Angeles, Califórnia, liderada por William Joseph Seymour, um pregador afro-americano. Teve início com uma reunião em 14 de Abril de 1906 em um prédio que fora da Igreja Metodista Episcopal Afro-americana e continuou até meados de 1915. O avivamento foi caracterizado por experiências de falar em línguas estranhas, cultos de adoração, e mistura inter-racial. Disponível em: < <https://gloria-aleluia.org.br/historia-avivamento-de-azusa-street-ca/> >. Acesso em: 10 fev. 2021

Se o próprio Censo apresenta outras religiões evangélicas, ou seja, cristãs, pode-se crer que há realmente outros cristianismos dentro do cristianismo, gerando então uma outra questão: como fica a espiritualidade nos novos movimentos cristãos surgidos nos últimos tempos? Há uma preocupação com essa espiritualidade, ou são simples movimentos que buscam inovar e alcançar sucesso através da mídia? Poderíamos inclusive trocar a palavra ‘sucesso’ por ‘fama’. Como alguns teóricos, já citados, previram o fim da religião, outros desejavam uma profunda transformação em suas bases e convicções, não só achando inevitável para própria sobrevivência da crença, como anelavam tal mudança, como por exemplo, Saint-Simon,⁴⁸ que no final de sua vida pretendeu formar uma nova religião, tendo o cristianismo como referência. No seu livro “O novo cristianismo”⁴⁹, defendeu a libertação da humanidade da tutela intelectual do clero, apontando para futuros movimentos que culminariam com uma nova espiritualidade e forma de viver o cristianismo. Mas não seria um ato, sim um processo.

Com um olhar mais atento para a religião no Brasil pode ser observada uma fase que parecia caminhar para a assertiva das previsões relativas a uma religião finita, sabendo que eram globais. Isso quando o país engendrou o seu próprio caminho religioso com a diversidade de doutrinas num mesmo cristianismo, com a chegada do pentecostalismo e depois do neopentecostalismo, em crescente contínua. As igrejas que aderiram ao movimento, ou mesmo as novas que se abriam, deixavam a visão de instituição, que também forma cidadão, ou seja, que se preocupa com a conduta do adepto, também, fora do templo. Elas passaram a valorizar o indivíduo com sua comunhão com o Espírito Santo, onde os prodígios, os dons, a prosperidade e a autoridade sobre o mal têm o verdadeiro significado e intenção da religião. Isto era suficiente para alguns membros ou seguidores de igrejas tradicionais históricas, já citadas, passarem a acreditar que, com a nova

⁴⁸ Claude-Henri de Rouvroy, Conde de Saint-Simon, (Paris, 17 de outubro de 1760 – Paris, 19 de maio de 1825), foi um filósofo e economista francês, e um dos fundadores do socialismo moderno e teórico do socialismo utópico. Criou uma ideologia política e econômica conhecida como Saint-Simonianismo que afirmava que as necessidades de uma *classe industrial*, que ele também chamou de classe trabalhadora, precisavam ser reconhecidas e satisfeitas para ter uma sociedade eficaz e uma economia eficiente. A concepção de Saint-Simon do final do século 18 desta classe incluía todas as pessoas engajadas no trabalho produtivo que contribuía para a sociedade, como empresários, gerentes, cientistas e banqueiros, junto com trabalhadores manuais, entre outros. Keith Taylor (ed, tr.). *Henri de Saint Simon, 1760-1825: escritos selecionados sobre ciência, indústria e organização social*. Nova York, EUA: Holmes e Meier ditadura do relativismo que não reconhece nada como definitivo e tem como valor máximo Publishers, Inc, 1975. p. 158-161.

⁴⁹ SAINT-SIMON. *Nouveau Christianisme*. [s.n.], 1825.

visão, realmente a religião e seu propósito teria em breve o seu fim, visto não atender mais o que criam ser o principal objetivo de sua existência. Observando as previsões dos teóricos, comparando com as novidades, parecia-lhes possível estar a religião caminhando realmente para o fim.

Mas os teóricos hoje já percebem haver um vasto campo a debruçar-se, não sobre o possível fim da religião, mas sobre seus fenômenos, como afirmou Oro, dizendo que “os cientistas se dedicaram a provar que a religião acabaria, hoje se dedicam ao estudo dos fenômenos relativos a ela.”⁵⁰

Queiruga também aponta para uma novidade religiosa:

a marcha do mundo e de sua cultura, assim como o contato vivo entre as diversas religiões, têm-nos feito muito conscientes de que a vivência religiosa se encontra em uma situação nova; e, em aspectos importantes, radicalmente nova.⁵¹

Queiruga ainda apresenta pontos a serem compreendidos no processo de mudanças, ou de observação, que tendem a nortear a caminhada religiosa na modernidade:

a consciência da tradição tende a ver uma ameaça em toda mudança e uma negação mortal em toda crítica. Quando se observa o processo religioso dentro da Modernidade, não é difícil perceber como este fenômeno foi sendo produzido de maneira cada vez mais clara e com exclusões cada vez mais decididas. Conservadorismo eclesiástico e teológico, por um lado, e crítica secularista e ateia, por outro, polarizaram a marcha da cultura, carregando-a por ambas as partes de agressividades e mal-entendidos.⁵²

Nem sempre, ou quase nunca, as mudanças são aceitas de bom grado. Principalmente quando acontecem ou são pretendidas em partes consideradas fundamentais para uma vida digna, segura e plena. Não necessariamente o crescimento de números de adeptos está atrelado às mudanças. Também não se pode apresentar como lógica que, o que está caminhando bem, não deve sofrer alteração alguma. Tanto se pode modificar totalmente a forma de ser religioso e não obter resultado positivo, como se pode estar satisfeito com resultados, mas não estar tirando o máximo que se pode de cada um e do conjunto. Os extremos podem ser perigosos em todas as áreas da sociedade e, certamente, a da religião, não ficaria de fora. Mas é inegável que grandes mudanças mexem abundantemente com os envolvidos, direta ou indiretamente. Diante disso, Teixeira testemunha

⁵⁰ ORO, I. P. O fenômeno religioso, 2013.

⁵¹ QUEIRUGA, A. T. El dialogo de las religiones en el mundo actual, p. 69.

⁵² QUEIRUGA, A. T. Fim do cristianismo pré-moderno, p. 23.

sobre mudança, dizendo:

Neste final de século, testemunhamos a dissolução de substanciais narrativas e utopias que guarneciam de sentido a vida de inúmeras pessoas. Esta nova situação não ocorreu sem balançar as estruturas de plausibilidade que forneciam suporte social para o que as pessoas achavam digno de fé, para a sustentação de seu mundo social.⁵³

Ainda no mesmo artigo, Teixeira fala sobre a “tendência de autores falarem em ‘retorno’ ou ‘renascimento’ da religião diante do ‘fenômeno da secularização’”.⁵⁴ Como ele mesmo afirma, não é apenas a questão de mudança de termos. Não é um enfrentamento revanchista sobre a secularização anterior. O processo, ainda segundo Teixeira, trata de uma “desinstitucionalização religiosa”, em que antigos fiéis se desligam de entidades religiosas tradicionais, tendo agora a crença submetida a um julgamento e crivo pessoais; quando “a crença deixa de estar associada a algo que deve ser transmitido para os outros”.⁵⁵ Assim, há uma severa comutação da prática religiosa, passando não mais a seguir os preceitos antes estabelecidos como certos e imutáveis. Hodiernamente uma nova forma de prática religiosa se apresenta em terras brasileiras, surgindo um novo sujeito religioso, como apresenta Teixeira ao dizer que “com o processo de “desterritorialização” das pertencas comunitárias, a paisagem religiosa ganha novo sujeito. A figura do praticante regular perde visibilidade e ganha uma nova presença a figura do peregrino”.⁵⁶

Por isso, alguns pensadores hodiernos, como Antiseri,⁵⁷ ainda acreditam que a religião caminha para o fim, visto que a preterição pela instituição religiosa tem levado à evasão dos seguidores que preferem o chamado “*self-service*” religioso, onde o indivíduo busca, em cada seguimento da religião, o que lhe convém e

⁵³ TEIXEIRA, F. O Sagrado em novos itinerários, p. 17-22. Publicado em março de 2021. Disponível em: <<https://www.vidapastoral.com.br/artigos/ciencias-da-religiao/o-sagrado-em-novos-itinerarios/>>. Acesso em: 09 de março de 2021.

⁵⁴ TEIXEIRA, F. O Sagrado em novos itinerários. Publicado em março de 2021, p. 17-22. Disponível em: <<https://www.vidapastoral.com.br/artigos/ciencias-da-religiao/o-sagrado-em-novos-itinerarios/>>. Acesso em: 09 de março de 2021.

⁵⁵ TEIXEIRA, F. O Sagrado em novos itinerários. Publicado em março de 2021, p. 20-22. Disponível em: <<https://www.vidapastoral.com.br/artigos/ciencias-da-religiao/o-sagrado-em-novos-itinerarios/>>. Acesso em: 09 de março de 2021.

⁵⁶ TEIXEIRA, F. O Sagrado em novos itinerários. Publicado em março de 2021, pp. 18. Disponível em: <<https://www.vidapastoral.com.br/artigos/ciencias-da-religiao/o-sagrado-em-novos-itinerarios/>>. Acesso em: 09 de março de 2021.

⁵⁷ ANTISERI, D. Filosofia: Idade Moderna. Professor de Filosofia, licenciado em Filosofia pela Universidade de Perugia. Durante muitos anos foi Professor Catedrático de Metodologia das Ciências Sociais no LUISS, em Roma. Lecionou em Siena, Padova e Roma, onde também foi decano da Faculdade de Ciências Políticas. Hoje é aposentado.

agrada, para forjar seu caráter eclesialístico corroborando sua crença doutrinária. Esses podem ser os novos rumos da religião cristã brasileira. Ou muda de postura, ou continua correndo o risco do fim.

2.4.1. Dados demográficos

A secularização e o ateísmo fizeram parecer que o trágico desfecho da religião estava bem próximo. Como veremos agora, Dados Demográficos apontaram para possível declínio gradativo e inevitável de uma presumida religião falida. Corroborando, Zuckerman⁵⁸ afirmou: há muito mais ateus no mundo hoje do que jamais houve, tanto em números absolutos quanto em porcentagem da humanidade.”⁵⁹ Pois,

segundo uma pesquisa do instituto Gallup International, que entrevistou mais de 50 mil pessoas em 57 países, o número de indivíduos que se dizem religiosos caiu de 77% para 68% entre 2005 e 2011. Já aqueles que se identificaram como ateus subiram 3%, elevando a 13% a proporção dessa parcela.⁶⁰

Estes dados traduzem o que frequentemente encontramos nos templos cristãos, especialmente nos templos católicos e nos evangélicos tradicionais, tais como as já citadas Presbiteriana, Congregacional e Batista. Uma nova forma de vivenciar religião traz consigo certa desvinculação igreja/sociedade, abandonando uma das missões da religião que é de integração às áreas da sociedade. Segundo Mariano, existem alguns valores que diferenciam as práticas religiosas e entre elas cita que os adeptos dessa nova forma de vivenciar religião “mostram-se bem mais favoráveis ao aborto e ao casamento entre pessoas do mesmo sexo do que membros de outros grupos religiosos”⁶¹

Até mesmo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apresenta dificuldades de situar o novo cenário religioso do país tamanha a diversificação dentro do cristianismo brasileiro, conforme aponta Mariano:

⁵⁸ Phil Zuckerman é professor de sociologia e estudos seculares no Pitzer College, na Califórnia, e autor de *Living the Secular Life* ("Vivendo uma vida secular", em tradução livre).

⁵⁹ Nuwer, R. As religiões vão desaparecer no futuro? BBC News Brasil. Dez. 2014. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/12/141230_vert_fut_religiao_futuro_ml>. Acesso em: 23 de março de 2021.

⁶⁰ O respeito e a tolerância à diversidade religiosa só vem com o conhecimento. Entrevista publicada em 24 de abril de 2015. Disponível em: <<http://tribunadoplanalto.com.br/2015/04/24/2015-04-24-23-17-57/>>. Acesso em: 10 jun. 2021.

⁶¹ MARIANO, R. Mudanças no campo religioso brasileiro no censo 2010, p. 124.

O IBGE parece enfrentar sérias dificuldades com as categorias supracitadas – e não de agora –, problema agravado pelas limitações das informações sobre religião que o Censo coleta e divulga, mas também pela recente diversificação e complexificação do campo religioso brasileiro.⁶²

A diversidade religiosa contribui, no entanto, para o crescimento do número de evangélicos no país. Seguindo nessa linha, Teixeira expõe em seu artigo os principais dados do censo 2010, dizendo, por exemplo, que:

O Brasil vai, assim, se tornando cada vez mais um país de presença evangélica. Há que sublinhar, porém, que a força desse crescimento encontra-se no grupo pentecostal, que é o responsável principal por tal crescimento, compondo 60% dos que se declararam evangélicos. Os dados que acabam de ser apresentados pelo IBGE com respeito às religiões brasileiras no Censo Demográfico de 2010 confirmam a situação de progressivo declínio na declaração de crença católica. Os dados apresentados indicam que a proporção de católicos caiu de 73,8% registrados no censo de 2000 para 64,6% nesse último Censo, ou seja, uma queda considerável. Trata-se de uma queda que vem ocorrendo de forma mais impressionante desde o censo de 1980, quando então a declaração de crença católica registrava o índice de 89,2%. Daí em diante, a sangria só aumentou: 83,3% em 1991, 73,8 % em 2000 e 64,6% em 2010. O catolicismo continua sendo um “doador universal” de fiéis, ou seja, “o principal celeiro no qual outros credos arregimentam adeptos”, para utilizar a expressão dos antropólogos Paula Montero e Ronaldo de Almeida.⁶³

Como pode ser observado, o pentecostalismo, segundo o mesmo censo, é o segmento mais beneficiado por tais mudanças, como apontou Teixeira. E é exatamente o pentecostalismo responsável pelo grande avanço evangélico no país. O movimento pentecostal agrega adeptos com velocidade impressionante.

Certamente é hoje o principal movimento a ser abarcado em linhas de estudos para compreensão do movimento religioso no Brasil. Por ele passou e passa, já com o neopentecostalismo⁶⁴ o futuro da religião no país.

A diversidade cristã brasileira também se torna um tema interessante a medida que o cristianismo é de longe a maior religião no país, conforme avalia Mariano, ao comentar o Censo de 2010:

Quase nove em cada dez brasileiros se definem como cristãos. Dado revelador das barreiras e dificuldades que as religiões não cristãs enfrentam para crescer e, em termos estritamente demográficos, da relativa pouca diversidade religiosa existente

⁶² MARIANO, R. Mudanças no campo religioso brasileiro no censo 2010, p. 130.

⁶³ TEIXEIRA, F. Catolicismo no Brasil em declínio: os dados do Censo de 2010. Publicado em 2012. p. 12-13. Disponível em: < [http://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos /formacao /043_cadernosihuemformacao](http://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/formacao/043_cadernosihuemformacao)>. Acesso em: 23 de mar. 2021.

⁶⁴ MARIANO, R. Neopentecostais, p. 30: Neopentecostalismo: designa a terceira onda do movimento pentecostal. É um movimento dentro do cristianismo que surgiu em meados dos anos 1970, dando ênfase à cura, aos dons e à prosperidade. Termo aplicado para as igrejas que adotaram muitas das doutrinas e práticas das igrejas pentecostais e do movimento carismático, mas não se tornaram formalmente alinhados com algum deles.

no Brasil fora do escopo cristão.⁶⁵

Mas necessário se faz ressaltar que, ainda que em encolhimento, os números que expressam a quantidade dos que declaram a crença católica é exorbitante, visto que só no Brasil são mais de 123 milhões de adeptos à fé católica. Ainda é, segundo o mesmo censo, o maior país católico do mundo.

Teixeira ainda observa que as religiões passam por uma transformação importante, deixando suas formas mais antigas, apresentando um novo processo:

Percebe-se ainda que as religiões passam por um processo de ‘desinstitucionalização’. Esse processo, que não ocorre apenas no Brasil, pois é encontrável em grande parte do Ocidente, significa o “esvaziamento” de instituições religiosas tradicionais, mais formais, como a Igreja Católica e as Igrejas protestantes históricas, paralelo ao crescimento de formas menos convencionais de religião, tais como grupos Nova Era.⁶⁶

Entretanto, esses novos dados não surpreenderam o Cardeal Ratzinger, que conseguiu perceber com clareza, ainda antes de assumir o papado, o caminho que a religião estava tomando, em quase todo o mundo, e se manifestou de várias formas, como em uma homilia na Basílica de São Pedro:

Nós estamos caminhando para um ego e os desejos individuais. A Igreja precisa se opor às "marés de modismos e das últimas novidades. Precisamos nos tornar maduros nessa fé adulta, precisamos guiar o rebanho de Cristo para essa fé.⁶⁷

Indicadas as possíveis consequências para a força do relativismo e do modismo, o Cardeal segue com a apresentação do antídoto: a fé madura. Segundo ele, não se pode seguir ventos de doutrinas contrárias ao fundamento do cristianismo. Pois, a religião cristã afirma que a fé deve existir enquanto houver vida, sem que o Deus criador seja esquecido, nem trocado. Ratzinger demonstra profundo incômodo com as investidas do modernismo na vida espiritual dos fiéis, mas os alerta a ficarem atentos às novidades, para que nem a mentira, nem a exceção, virem regra na vida do crente, nem afastem criatura do Criador. Mas Mariano faz a seguinte observação sobre o catolicismo:

Escudado numa dominação religiosa secular, o clero parecia desatento aos efeitos (sobre sua hegemonia religiosa) do processo de modernização socioeconômica e

⁶⁵ MARIANO, R. Mudanças no campo religioso brasileiro no censo 2010, p. 121.

⁶⁶ TEIXEIRA, F. Catolicismo no Brasil em declínio: os dados do Censo de 2010. Publicado em 2012. p. 8. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/formacao/043_caderno_sihuemformacao>. Acesso em: 23 de março de 2021.

⁶⁷ RATZINGER J. Cardeal. Durante uma missa na Basílica de São Pedro, pouco antes do início do conclave, no dia 18 de abril de 2005, portanto um dia antes de ser eleito (Papa Bento XVI); como citado em Continente multicultural, Volume 5, Edições 53-56 – p. 112, Companhia Editora de Pernambuco, 2005.

cultural e, especialmente, do avanço da liberdade religiosa, do pluralismo religioso, da consolidação de um mercado religioso em solo nacional, da capacidade organizacional e da eficiência proselitista de alguns de seus concorrentes religiosos. E isso se mantinha até então a despeito do fato de que a filiação religiosa já se achava em franco processo de deixar de ser majoritariamente percebida e tratada como herança familiar e como tradição religiosa, quase irrefletida e incontestada, para se tornar matéria de livre escolha individual, opção consciente e voluntária, isto é, para ser, cada vez mais, encarada como questão de preferência ou opinião pessoal e como experiência privada e subjetiva.⁶⁸

Então ficou comprovado que Ratzinger estava certo em se preocupar com os efeitos da modernidade sobre a religião, sobretudo no que dizia respeito a Igreja Católica. E ele sabia da importância da religião para uma sociedade coesa. É exatamente essa contribuição da religião para a sociedade que veremos a seguir.

2.4.2.

A contribuição da religião para a coesão da sociedade

Enquanto Nietzsche e Marx apontavam para o fim da religião, outros seguem na contramão, entendendo que há uma contribuição significativa da religião para a sociedade, como diz Smith:

Há os que concordam que uma comunidade mundial precisa ter uma base religiosa, reconhecendo que uma sociedade duradoura e pacífica não pode ser construída por pessoas sem fé ou por pessoas de fés conflitantes e irreconciliadas.⁶⁹

Mas Freud não está entre os que concordam com isso, pois afirma que “o que é característico das ilusões é o fato de derivarem de desejos humanos”⁷⁰. Os desejos humanos, anseios comunitários, também caracterizam uma sociedade, mas não faz necessariamente a obrigação da existência de uma religião. Já Peter Berger vê com naturalidade as mudanças contínuas também no mercado religioso e afirma que “a situação de pluralismo é, acima de tudo, uma situação de mercado”⁷¹. Também diz que

o indivíduo moderno existe numa pluralidade de mundos migrando de um lado a outro entre estruturas de plausibilidade rivais e muitas vezes contraditórias, cada uma sendo enfraquecida pelo simples fato de sua coexistência involuntária com outras estruturas de plausibilidade. Além dos “outros significantes” que confirmam a realidade, há sempre e em toda parte “aqueles outros”, incômodos refutadores, descrentes – talvez o incômodo moderno por excelência.⁷²

⁶⁸ MARIANO, R. Mudanças no campo religioso brasileiro no Censo 2010, p. 120.

⁶⁹ SMITH, W. C. O sentido e o fim da religião, p. 22.

⁷⁰ FREUD, S. O futuro de uma ilusão, p.43.

⁷¹ BERGER, P.; HANSFRIED, B. K. The homeless mind: modernization and consciousness, p. 142.

⁷² BERGER, P. Rumor de anjos, p.78-79

Essa migração de mundos traz incertezas para as avaliações do cenário religioso atual. Não é um privilégio da religião a indefinição do momento. É difícil concluir até mesmo a cognominação para o período em que nos encontramos. Há muitas ambiguidades, como afirma Evilázio Teixeira:

são muitas as ambiguidades, acerca do período em que vivemos. Para muitos, esse período pode ser chamado de “modernidade”, “modernidade tardia”, “modernidade líquida”, “modernidade reflexiva” ou ainda “Pós-modernidade”. Para alguns, estamos, ainda, na Modernidade, com o triunfo do sujeito burguês. Para outros, vivemos uma condição pós-moderna, na qual a morte do sujeito se apresenta como a última onda de ressaca da morte de Deus.⁷³

Independentemente da nomenclatura, estamos num período em que a religião tomou uma forma totalmente diferente daquela vista e praticada no seu início, especialmente quanto ao seu poder de afetar ou direcionar a sociedade. Mesmo assim, muitos dos valores percebidos pelo indivíduo passam pela crença e disciplina religiosa ditada pelos usos, costumes e doutrinas por ela indicados.

Antropólogos, paleontólogos, arqueólogos e outros estudiosos do assunto, como Passos⁷⁴, apontam a presença da religião nos indícios mais remotos de vida inteligente e tentam compreender o comportamento humano, a partir de vestígios da cultura pré-histórica. Percebem aspectos religiosos, como expressão central da vida social cotidianas do povo, em atividades como na caça, na pesca, na colheita e até na morte.

Os próprios valores que regem a vida são designados por uma religiosidade humana. Em todas as épocas o homem é um ser religioso e isso contribui para uma sociedade mais justa, com valores morais e direitos e deveres reconhecidos. O homem tem o próprio espírito religioso, como afirma Ries:

a religião assinala a atitude particular de uma consciência transformada pela experiência do *numinoso*, desenvolveu-se não só o espírito religioso, mas também o próprio “*Homo Religiosus*”, dotado de todos os valores que regem a vida. O homem primitivo, em sua estrutura psicológica, apresenta uma fé viva na natureza e em suas relações com o mundo. Na história evolutiva humana, se observam demonstrações de crenças, evidenciadas através de livros sagrados. Excelente patrimônio, que historiadores e outros especialistas contemporâneos tentam analisar e compreender. O discurso do ser humano religioso e simbólico é traduzido da própria experiência e, coerente desde o paleolítico até nossos dias, como experiência espiritual da

⁷³ TEIXEIRA, E. B. A fragilidade da razão, p. 194.

⁷⁴ PASSOS, J. D. Como a religião se organiza, [s/n]. 2006.

humanidade. Nesse contexto, a história evolutiva do homem é o predicado mais relevante, que o diferiu dos demais animais.⁷⁵

A religião é intrínseca ao homem e seus passos principais serão sempre norteados pela crença nos valores aprendidos nela. Os sentimentos mais profundos e os mais superficiais são frutos de uma consciência religiosa, que observa o próximo e suas reações, bem como suas necessidades. As experiências humanas são bem distintas entre seres religiosos e os que não o são. Além de contribuir para uma sociedade sólida e com valores humanistas, a religião proporciona uma obediência e disciplina, sem muito questionamento da origem, apegando-se apenas, muitas das vezes, no resultado que se pode obter através do cumprimento das leis morais ditadas pelas regras professadas, como por exemplo, nos Dez Mandamentos bíblicos: “Não matarás.” “Não adulterarás.” “Não furtarás.” “Não dirás falso testemunho contra o teu próximo.” “Não cobiçarás a mulher do teu próximo” (Dt 5,17-21). As normas, as regras, e até as próprias leis das maiores nações atuais advêm de culturas e legados religiosos milenares.

Conforme afirma o Papa Bento XVI, a sociedade deve contribuir com o indivíduo, especialmente através dos valores aprendidos e adquiridos no meio religioso:

A grandeza da humanidade determina-se essencialmente na relação com o sofrimento e com quem sofre. Isto vale tanto para o indivíduo como para a sociedade. Uma sociedade que não consegue aceitar os que sofrem e não é capaz de contribuir, mediante a compaixão, para fazer com que o sofrimento seja compartilhado e assumido, é uma sociedade cruel e desumana.⁷⁶

A sociedade atual pode não ter empatia com os que sofrem, mas o cristão deve dividir a dor do próximo: “Alegrai-vos com os que se alegram; e chorai com os que choram” (Rm 12,15). O cristão tem o dever de dar o exemplo do amor, da empatia, do altruísmo, demonstrando que o pesar de um é de todos. Não há humanidade sem humanos. E como ressalta Prandi, a religião inserida nesse contexto “muda expectativas, modela comportamentos, altera desejos e frustrações. E, também, ensina como se relacionar com o mundo”.⁷⁷

O que mais importa não é a religião em si, segundo Queiruga, mas o que

⁷⁵ RIES, J. O homem é desde sua origem um homem religioso. Disponível em: www.ihu.unisinos.br/noticias/505568>. Acesso em: 02 ab. 2021.

⁷⁶ SS 38.

⁷⁷ PRANDI, J. R. Um sopro do espírito, p. 270.

realmente importa é a contribuição que a religião pode dar à existência humana.⁷⁸

Pode ser que a religião contribua para a coesão da sociedade porque antes de fazer uma comunidade melhor, faz as pessoas serem melhores. Isso tanto em suas atitudes quanto em suas perspectivas. E a soma de pessoas melhores, certamente acarretará em uma sociedade mais sensível às necessidades do outro.

2.5.

Considerações parciais

Muitas foram as previsões e até mesmo infortúnios que provocariam o fim da religião, contudo, todas as antevisões e análises futurísticas à época não podiam, nem poderiam, compreender o fator espiritual, não apenas ligada à fé, “Ora, a fé é o firme fundamento das coisas que se esperam, e a prova das coisas que se não veem” (Hb 11,1), mas ao íntimo relacionamento com o Criador. A dependência humana não poderia restringir-se à existência da religião. Há muito mais espiritualidade envolvida do que poderiam supor os estudiosos que avaliavam a vida religiosa na sociedade, sem que estivessem, de alguma forma, envolvidos com ela, ou com alguém que com ela tivesse laços profundos.

Repetindo Oro, os cientistas hoje se dedicam ao estudo dos fenômenos relativos à religião. Não são poucos os fenômenos que acaloram as pesquisas e fomentam as práticas religiosas. A Teologia e a Ciências da Religião têm encontrado um vasto campo de pesquisa e análise nos novos movimentos religiosos em constantes vicissitudes que se apresentam no Brasil.

A questão para encerrar o levantamento sobre o fim da religião seria: se realmente a religião chegasse ao fim, faria falta para a vida humana? Tem a religião cumprido seu papel, a função para que fora designada? Mas ainda que a religião permaneça, cumprindo de certa forma o que se propôs, a religiosidade contemporânea difere muito daquela proposta de outrora, como por exemplo, no início do século passado, com igrejas tradicionais históricas.

3

O surgimento do neopentecostalismo aponta para uma nova vivência religiosa

⁷⁸ QUEIRUGA, A. T. O cristianismo no mundo de hoje, p. 14.

O fim previsto da religião não chegou. Mas uma nova leitura do quadro religioso brasileiro se faz necessário. Com o surgimento do neopentecostalismo, novas experiências religiosas são encontradas no novo cenário do cristianismo no Brasil. Essas experiências possibilitam uma nova vivência religiosa. Buscamos compreender as motivações e quais são essas novas experiências num campo tão antigo que é o da religião.

A religião é tão antiga quanto a humanidade. Desde os primeiros seres humanos que se têm notícias, há uma busca para reencontrar-se com Deus através do que são chamadas de práticas religiosas. Desde os primórdios havia a necessidade de explicar os fenômenos naturais como o vento, os eclipses e a chuva. Também o nascimento e a morte eram acontecimentos a serem entendidos. Possivelmente essa necessidade de explicação faz o humano ir atrás de uma explicação além do visível. Bezerra define essa busca como parte da cultura e da fé resumindo que “religiões se configuram como conjunto de sistemas culturais e crenças”.⁷⁹

A religião faz parte da cultura e é parte da essência do ser humano. Culturalmente ela se difunde mais a partir da modernidade, com os avanços tecnológicos, tornando mais rápida e exequível a globalização, tornando conhecidas outras religiões.

Com o crescimento do número de habitantes do planeta, a religião não apenas cresceu como também se diversificou. As motivações de se seguir uma religião ou de se ter uma religiosidade foram se alterando e cada vez mais ela foi tornando-se parte fundamental das sociedades antigas, chegando aos dias de hoje com uma forma muito similar no oriente, contudo, com uma roupagem nova no ocidente, mas também influenciando constituições nacionais, leis e regras de comportamento.

No Brasil, o cristianismo, pelo menos oficialmente, chegou com as caravelas que aportaram pela primeira vez em 22 de abril de 1500, tendo total influência da Igreja Católica já no seu início, quando o Frei Henrique Soares de Coimbra, viajante da frota de Pedro Álvares Cabral, celebrou a primeira missa no país, em 26 de abril do mesmo ano, como aponta Pinto.⁸⁰

⁷⁹ BEZERRA, J. Toda matéria. Disponível em: < <https://www.todamateria.com.br/religiao-conceito-tipos/> >. Acesso em: 28 mai. 2021

⁸⁰ PINTO, T. História do Brasil: A Igreja Católica no Brasil. Disponível em: <<https://brasil.escola>>.

Com a religião cristã chegando ao Brasil, cumpre-se também aqui o que Queiruga afirmou antes:

Agora, já não é apenas Israel quem pode apropriar-se, mas o mundo inteiro: todos os povos e todas as religiões recebem a possibilidade de fazerem-se discípulos (Mt 28,20), de entrar na posse da ‘incomensurável’ riqueza já manifestado por Deus em Cristo (Ef 3,8).⁸¹

A partir de então a religião teve grande espaço no cenário nacional, fazendo parte não só da cultura social brasileira, como da política e da administração pública, inserida nas mais importantes decisões. Tão grande se tornou a importância da religião para o cidadão brasileiro que a grande maioria das cidades do Brasil tem seu início a partir de uma igreja Católica, ou entorno dela. Também, a grande maioria dos feriados nas cidades brasileiras é dedicada a santos.

Um pouco antes, ainda no contexto da colonização, alguns grupos de clérigos católicos chegaram à nova colônia portuguesa com a missão de evangelizar os indígenas apresentando-os a doutrina cristã. Isso causou o acultramento⁸² dos indígenas os disciplinando no padrão cristão europeu. Então o Brasil tem desde o início o cristianismo como pilar da religiosidade de seus habitantes.⁸³

Essa religiosidade faz parte da cultura humana e, talvez por isso, grandes pesquisadores, de várias áreas do saber, iniciaram os estudos sobre a temática ‘o fim da religião’. Com a religiosidade tão aflorada na vida dos seres humanos, filósofos, sociólogos, antropólogos entre outros, começaram a debruçar-se sobre pesquisas referentes ao mundo religioso. Provavelmente para entender como seria um mundo sem religião, ou para provar que seria possível uma vida sem ela. Certo é que alguns apostaram no seu fim.

Contudo, em vez de a religião sucumbir, como assinalado por Marx, Weber, Nietzsche, entre outros, novos modelos surgiram, trazendo novas formas de praticá-la. Isso realmente poderia apontar apenas para uma tentativa de último respiro, de quem não encontra mais ar para respirar. Mesmo uma atitude de desespero, promovendo mudanças radicais na diligência de ultrapassar a barreira da incerteza e do trágico fim. Mas o sentimento religioso é intrínseco a humanidade, como

uol. com.br/historiab/igreja-catolica-no-brasil.htm> Acesso em 28 mai.2021.

⁸¹ QUEIRUGA, A. T. A revelação de Deus na realização humana, p. 272.

⁸² Processo de adaptação de uma pessoa, grupo ou povo a outra cultura da qual não faz parte, dela retirando traços importantes; aculturação. Dicio- Dicionário Online de Português. Disponível em:< <https://www.dicio.com.br/acultramento/>>. Acessado em: 28 mai.2021.

⁸³ PEREIRA, T. A. de P.; BAZON, S. D. A ação evangelizadora dos Jesuítas, p. 82-118.

argumenta o Papa Bento XVI:

Os marxistas previram o fim da religião. Com o fim da opressão, o remédio representado por Deus não teria mais razão de ser, dizia-se. Mas também eles foram obrigados a reconhecer que o sentimento religioso nunca acabou porque está verdadeiramente enraizado no homem.⁸⁴

Porém, algo preocupava as denominações cristãs tradicionais, que com a perda de adeptos, percebiam a possibilidade de, em algum tempo, ocorrer o indesejável ‘fechar as portas’. Por outro lado, o movimento itinerante poderia indicar o renascimento da religião no Brasil, com uma proposta inovadora que abarcaria não apenas os fieis que enjeitaram o modelo antigo, mas também novos seguidores, ampliando o rebanho.

Mas em meio às desconfiças, a chegada do pentecostalismo⁸⁵ trouxe um crescimento na adesão ao cristianismo no país. Os Censos realizados na sequência revelaram esses números, comprovando que, se os teóricos estivessem certos, ainda não seria agora, nessa fase, que se daria o apagar das luzes do cenário religioso. Então, deixa-se de falar do fim, passando os pesquisadores da área a debruçar-se sobre a nova onda.

Segundo Mendonça, o caminho percorrido pelo movimento pentecostal no Brasil cresceu em busca de chegar em outras terras a fim de divulgar o reavivamento espiritual, santidade e fundamentalismo chegando inicialmente através da Congregação Cristã no Brasil, pelos anos de 1910.⁸⁶

Carvalho continua o tema afirmando que

a partir daí, começou a haver algumas cisões que resultaram na criação da Igreja Assembleia de Deus e outras denominações advindas do mesmo movimento. O que devemos considerar com relação ao estabelecimento do pentecostalismo no Brasil e sua permanência são os fatores sociais ligados a esse movimento. Esse movimento se adaptou no Brasil junto às classes marginalizadas da sociedade, que encontrou no avivamento espiritual, a esperança para enfrentarem a complexidade da sobrevivência cotidiana, assumindo características próprias que se adaptaram ao meio e se expandiram e que hoje se mantêm quando se trata de estabelecer um discurso que aponte relevantes indicadores de sucesso na sociedade onde essas denominações se estabelecem.⁸⁷

E esses fatores continuam sendo fundamentais para o crescimento contínuo

⁸⁴ Revista Veja. Deus e os Homens na visão de Bento XVI. Rio de Janeiro. p. 72-76.

⁸⁵ Trataremos aqui do movimento neopentecostal, no entanto sabemos que existem movimentos semelhantes dentro da Igreja Católica, como a Renovação Carismática. Porém, dentro do catolicismo, são movimentos apenas dentro da própria Igreja, a estrutura não muda, enquanto que no meio evangélico são novas igrejas surgindo.

⁸⁶ MENDONÇA, A. G. & VELASQUES, P. Introdução ao protestantismo no Brasil, p. 49-50.

⁸⁷ CARVALHO, W. A. Práticas religiosas, corpo e estilos de vida. p. 62.

do pentecostalismo, conforme Mariano afirma:

o pentecostalismo, portanto, continua se expandindo nos estratos econômica e socialmente mais vulneráveis da população, concentrando-se nas periferias urbanas das capitais e das áreas metropolitanas e nas fronteiras agrícolas das regiões Norte e Centro-Oeste (Jacob et al., 2003). Expande-se, sobretudo, em territórios pobres e desassistidos, onde, a partir de 1980, tornou-se epidêmica a violência entre jovens do sexo masculino e disseminaram-se gangues e facções armadas, locais geralmente em que tanto a presença católica quanto a dos poderes públicos é rarefeita.⁸⁸

Desde então o pentecostalismo é sempre um tema a ser tratado com muito zelo em todos os seus aspectos, devido a sua importância e constante movimento e crescimento. Não é diferente com a terceira onda⁸⁹, ou seja, o neopentecostalismo. Ele se instalou na cultura religiosa brasileira, trazendo novos fenômenos e uma nova forma de viver a experiência cristã. Esse movimento atrai principalmente os mais pobres, sendo reconhecido como a religião do povo, como aponta Rodrigues:

Não é de agora que o movimento de pentecostalização é relacionado ao conceito de religiosidade popular, tampouco que chama atenção dos cientistas. À noção de popular muitas vezes se atribui como primeiro sentido a ideia de tradicional, mas a imprecisão do termo exige cautela ao se utilizá-lo.⁹⁰

Os termos usados para definir, apresentar, compreender, ou até mesmo dimensionar qualquer movimento na história só ganham força e são melhores colocados ao longo dos anos, quando então se tem uma melhor clareza do que realmente representa tal movimento, já com seus efeitos, num panorama da época.

⁸⁸ MARIANO, R. Mudanças no campo religioso brasileiro no censo 2010, p. 125.

⁸⁹ Segundo Ricardo Mariano a Primeira onda (Pentecostalismo Clássico) nos Estados Unidos está ligada ao movimento iniciado por William Joseph Seymour por volta de 1906, na rua Azusa, Chicago. E no Brasil com a chegada do Italiano Louis Francescon, fundador da Congregação Cristã no Brasil e dos suecos Daniel Berg e Gunnar Vingren, fundadores da Assembleia de Deus. Essas denominações dominaram amplamente o cenário pentecostal durante 40 anos. O Foco da mensagem era o Batismo com Espírito Santo com a evidência em falar em línguas, a evangelização, vida santa e a volta iminente de Cristo, além de terem aversão pela teologia. A Chamada segunda onda pentecostal no Brasil (Pentecostalismo de Cura Divina) surgiu a partir dos anos 50 e 60 e está ligada ao “movimento das Tendões”, chamada assim, pelo modo de evangelização promovido pelos missionários americanos e brasileiros da Igreja do Evangelho Quadrangular, que se popularizou realizando campanhas de evangelização e milagres em todo o País em tendões de lona. Deste Movimento destacam-se 03 denominações principais: a Igreja do Evangelho Quadrangular, a Igreja O Brasil para Cristo e a Igreja Pentecostal Deus é Amor. O Foco da mensagem desta onda era a Cura Divina, Batismo com o Espírito e a expulsão de demônios. A Terceira Onda (neopentecostalismo) teve início no final dos anos 70 e início dos anos 80, e é fortemente caracterizada por um certo afastamento das doutrinas pentecostais clássicas e apego à chamada teologia da prosperidade. Os “neopentecostais” como são chamados, adotam formas diferentes de administração e utilizam técnicas de Marketing extremamente eficazes em suas abordagens tendo na mídia seu principal foco. Desta terceira onda, surgiram a Igreja Universal do reino de Deus, Igreja Internacional da Graça de Deus, Igreja Mundial do Poder de Deus, Igreja Renascer em Cristo, Comunidade Sara Nossa Terra, Igreja Paz e Vida, Igreja Bola de Neve, Igreja Pier 49, as Comunidades Evangélicas em geral e diversas outras. O Foco da Mensagem é Prosperidade Financeira, bem estar pessoal, exorcismo e um total desprendimento a todas as doutrinas sobre santidade apregoadas nos últimos setenta anos.

⁹⁰ RODRIGUES, E. A mão de Deus está aqui, p.3.

Contudo, mesmo o neopentecostalismo sendo bem recente, com a busca por uma melhor compreensão de suas nuances ainda em pleno crescente, algumas afirmativas já podem ser feitas, e são, por estudiosos que se dedicam hodiernamente ao descortinar do mais novo cenário religioso brasileiro.

Um desses estudiosos, Souza⁹¹, apresenta bem definidas as etapas da evolução do Pentecostalismo no Brasil que ocorreu em três momentos distintos: no primeiro momento, na década de 1910 surgiram a Igreja Evangélica Assembleia de Deus (AD) e a Congregação Cristã no Brasil, chamada de primeira onda; no segundo momento, na década de 1950, surgiram as Igrejas: Deus é Amor, Igreja do Evangelho Quadrangular e a Igreja O Brasil para Cristo, segunda onda; e no terceiro momento, na década de 1980, chega a terceira onda com a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) e a Igreja Internacional da Graça.

Vários movimentos ocorreram ao longo desses anos, mas nenhum obteve o alcance, tanto em números como em magnitude, como o pentecostalismo:

O Pentecostalismo é o movimento Evangélico mais bem sucedido no Brasil. Segundo uma pesquisa americana realizada em 2007, pelo (Gordon-Conwell) Theological Seminary, o País teria cerca de 24 Milhões de pentecostais. O Pentecostalismo, assim como qualquer outro movimento da Cristandade, tende a descaracterização de suas raízes.⁹²

Durante muito tempo as vivências religiosas seguiram sem grandes mudanças no cenário brasileiro. Contudo, com o advento do pentecostalismo, tornaram-se súbitas essas transformações, tanto na forma de entender a religião, quanto de vivenciá-la. Surgiram, no fim do último século, propostas variadas para variados tipos de fieis. Com a chegada do mais novo milênio, uma nova forma de enxergar o cristianismo traz um crente buscando novas experiências, tanto para consolidar sua crença, como para satisfazer as mais profundas inquietações geradas por buscas e questionamentos ainda não satisfatoriamente sanados.

Desafios são constantes para as mudanças, contudo, devem ser motivos de incentivo; a fé deve seguir inabalada, como afirma Bingemer:

a questão de Deus, desde o ponto de vista da teologia cristã, vai encontrar, pois, um outro desafio, que convive com o da secularidade: o da pluralidade e o da existência de diferentes tentativas de diálogo inter-religioso, de prática plurirreligiosa e de abertura à religião do outro como condição de possibilidade de viver mais profunda e radicalmente a própria fé. Todo este quadro, no entanto, demonstra que a

⁹¹ SOUZA, A. C. de. Pentecostalismo, [s/n]. 2004.

⁹² Os Remanescentes em 21 de agosto de 2020 Disponível em: <<https://www.osremanescentes.com/santificacao/as-tres-ondas-pentecostais-no-brasil/>>. Acesso em: 04 abr. 2021.

modernidade não liquidou com a religião. Não só as antigas e tradicionais religiões parecem crescer de importância e se tornarem interlocutoras de peso para o Cristianismo histórico como também novos movimentos religiosos surgem de todos os lados, suscitando perplexidade e interpelações diversas aos adeptos das Igrejas tradicionais e, no nosso caso, concretamente, da Igreja Católica.⁹³

Muito pelo pluralismo religioso⁹⁴ difundido com mais ênfase nesse período, talvez pela maior facilidade de contato com a diversidade religiosa, fez-se necessária, de alguma forma, a tomada de um novo rumo pelo painel até então vigente. Segundo Berger, “toda sociedade humana é um empreendimento de construção do mundo. A religião ocupa um lugar destacado nesse empreendimento”⁹⁵. Pela mesma ótica segue Weber, afirmando:

Então, sociologicamente falando, a influência da religião é dupla: há influência de integração, que é positiva ou coesiva, e há influência desintegradora, que é negativa e destrutiva. Uma fé nova cria um mundo novo no qual velhas concepções e instituições podem vir a perder seu sentido e razão de ser. Dados naturais e históricos ficam sem efeito, e uma nova ordem de coisas substitui a velha.⁹⁶

Embora a fé permanecesse no mesmo Deus, as novas formas de enxergar-la apresenta para os adeptos, especialmente para os oriundos das denominações tradicionais, um novo mundo religioso. E quando se diz novo mundo religioso, não é referência ao tempo vivido dentro de um templo, no momento da liturgia, das práticas comuns nas missas, nos cultos, nos encontros, ou algo parecido, mas realmente é uma nova forma de ver e encarar as coisas do mundo. Os conceitos de pecado, de segurança divina, de papel do crente na sociedade, de atitude cristã, de ação e reação são diferentes e diferentemente ensinados em cada denominação cristã, aplicando também diferentes formas de compreensão de espiritualidade cristã dentro de um mesmo cristianismo.

Se de alguma forma reverberou com mais intensidade para os líderes fundadores⁹⁷ das denominações neopentecostais o pensamento de Prandi, que

⁹³ BINGEMER, M. C. Crer e dizer Deus Pai, p.185-186.

⁹⁴ O pluralismo religioso é um fenômeno da sociedade moderna que desafia o ser humano a viver de forma respeitosa com o diferente. É um novo paradigma que abre espaço às diversas cosmovisões religiosas, que por meio do diálogo e alteridade busca o entendimento, a paz e a tolerância entre os indivíduos. Assim, configura nosso tempo, marcado pela diversidade religiosa manifestando a multiplicidade de ideias e pensamentos entre os seres humanos em diversas culturas.

⁹⁵ BERGER, P. Religião e Construção do mundo, p.15.

⁹⁶ WEBER, M. Sociology of religion, p.52.

⁹⁷ Igreja Universal do Reino de Deus (IURD). Fundada em 9 de julho de 1977 no Rio de Janeiro por Edir Macedo e Romildo Ribeiro Soares, tornou-se o maior e mais representativo grupo neopentecostal brasileiro.

Igreja Internacional da Graça de Deus. Fundada em 9 de Junho de 1980 no Rio de Janeiro por

ressalta que “quem não muda não sobrevive”⁹⁸, certamente seguiram com afinco a cartilha. Em relação ao cristianismo já enraizado no Brasil, ainda que em igrejas com doutrinas e visões cristãs bem diferentes umas das outras, o neopentecostalismo trouxe uma mudança radical, talvez dando exatamente uma chance de sobrevivência a protestantes já desanimados, desempolgados, ou mesmo inertes à vida cristã.

Quanto ao alcance da religião pela Modernidade, Queiruga aponta de forma bem sucinta sua observação:

Quando se observa o processo religioso dentro da Modernidade, não é difícil perceber como este fenômeno foi sendo produzido de maneira cada vez mais clara e com exclusões cada vez mais decididas. Conservadorismo eclesialístico e teológico, por um lado, e crítica secularista e ateia, por outro, polarizaram a marcha mal-entendidos.⁹⁹

No Brasil, podemos apontar o neopentecostalismo como aquele que se incumbiu de tal tarefa, trazendo radical mudança, abrindo o caminho para que essa proposta inovadora, em algumas décadas, ganhasse força e adesão, sendo rapidamente difundida e assimilada por parte dos religiosos nativos, iniciando uma nova era cristã em nosso território. Mas também fazendo surgir os assumidamente contrários ao movimento e seus principais pontos de entendimento de espiritualidade, quais sejam, demasiada dedicação a teologia da prosperidade,¹⁰⁰ maior enfoque nas curas e dons espirituais, além da oração menos discreta e mais determinista.¹⁰¹

Uma religiosidade com maior proximidade com Deus é proposta por esse novo seguimento religioso, seguindo a tendência ocidental, especialmente a americana. Isso faz parecer que o Deus é exclusivo, ou serem “mais escolhidos” do que os outros povos, como propôs Freud:

Descerrara à vista o pai que sempre se achara oculto por detrás de toda figura divina, como seu núcleo. Fundamentalmente, isso constituía um retorno aos primórdios históricos da ideia de Deus. Agora que este era uma figura isolada, as relações do homem com ele podiam recuperar a intimidade e a intensidade do relacionamento

Romildo Ribeiro Soares (RR Soares). Possui mais de 5.000 templos em seu total. Sua sede se encontra em São Paulo.

⁹⁸ PRANDI, R. Mitologia dos orixás. 2000, p.38.

⁹⁹ QUEIRUGA, A. T. Fim do cristianismo pré-moderno, p.23.

¹⁰⁰ Teologia da Prosperidade: Doutrina religiosa cristã que defende a bênção financeira como desejo de Deus para os cristãos e o discurso positivo e as doações para igreja aumentam a riqueza material do fiel.

¹⁰¹ Termo usado para o crente que não aceita condições negativas em suas vidas, sejam financeiras, sejam de saúde, que então determina ao céu o que e como quer.

do filho com o pai. Mas, já que se fizeram tanto pelo próprio pai, desejava-se obter uma recompensa, ou, pelo menos, ser o seu filho bem amado, o seu Povo Escolhido. Muito mais tarde, a piedosa América reivindicou ser o ‘próprio Pai de Deus’, e, com referência a uma das formas pelas quais os homens adoram a divindade, essa reivindicação é indubitavelmente válida.¹⁰²

A forma singular dos americanos comunicarem-se com Deus, em especial os brasileiros adeptos da nova onda, traz uma sonora turbulência no meio cristão tradicional. Práticas antes inadmissíveis, ou impensáveis, sobretudo nas liturgias cristãs tradicionais, onde se mantinha a divindade o tempo todo no altar, sedo o Deus cristão o que determina, decide e revoga, agora ensina, para seus fieis que o cristão neopentecostal não pode aceitar uma vida medíocre, nem com doenças, nem dificuldades financeiras. Parece ser uma reação natural de alguém que vive na camada inferior da sociedade, ansiando por ser de alguma forma reconhecido e valorizado, esperar respostas satisfatórias, como afirma Freud:

a autoestima do homem, seriamente ameaçada, exige consolação; a vida e o universo devem ser despidos de seus terrores; ademais, sua curiosidade, movida, é verdade, pelo mais forte interesse prático, pede uma resposta.¹⁰³

E a religião acaba por propor-se a oferecer respostas para tais inquietações humanas. Mas, como se de alguma forma aquela velha religião, das outras igrejas, dos outros movimentos, ou seja, de igrejas e movimentos não neopentecostais, não pudesse mais suprir as aspirações do crente, os adeptos da terceira onda percebem uma nova oportunidade de alcançar o tão almejado resultado de uma vida religiosa, pois enxerga ter seus direitos e suas missões, como apresenta Freud:

O desempenho do homem, porém, permanece e, junto com ele, seu anseio pelo pai e pelos deuses. Este mantém sua tríplice missão: exorcizar os terrores da natureza, reconciliar os homens com a crueldade do Destino, particularmente a que é demonstrada na morte, e compensá-los pelos sofrimentos e privações que uma vida civilizada em comum lhes impôs.¹⁰⁴

Mesmo que não conhecesse tal pensamento, essa, ou bem parecida, é a ideia do até então desconhecido da sociedade secular, Edir Macedo, que acaba por fazer nascer a Igreja Universal do Reino de Deus, tornando-se seu Bispo. Concomitantemente surgia a terceira onda, ou o neopentecostalismo. Estagnado durante séculos, eis que surge no país um braço do cristianismo para provocar a diversidade, como identificou Dias:

¹⁰² FREUD, S. O futuro de uma ilusão, p.28.

¹⁰³ FREUD, S. O futuro de uma ilusão, p.25.

¹⁰⁴ FREUD, S. O futuro de uma ilusão, p.26.

No Brasil, os estudos sobre a composição social das religiosidades ainda estão iniciando. Por cerca de quinhentos anos a identidade religiosa esteve ligada ao cristianismo católico e só nos últimos cento e cinquenta anos começou a se estabelecer uma diversidade. No censo 2000, percebeu-se que, apesar da hegemonia católica, há uma pluralidade religiosa principalmente nos grandes centros.¹⁰⁵

Os fenômenos apresentam-se mais visíveis do que a disciplina para eficácia de uma espiritualidade. O progresso na religião torna-se, de alguma forma, um ponto de equilíbrio para o homem em sua incessante busca pela segurança, paz e conhecimento, especialmente de si. Nesse caminho, segue Feuerbach afirmando que

o homem objetivou-se, mas não reconheceu o objeto como sua essência; a religião posterior dá esse passo; todo progresso na religião é por isso um mais profundo conhecimento de si mesmo.¹⁰⁶

Quanto à busca itinerante por uma espiritualidade religiosa¹⁰⁷ agradável e eficaz, é sempre pretendido pela humanidade que seja agradável a ela mesma e eficaz para satisfazê-la. Ainda que na espiritualidade cristã haja uma centralização na adoração e obediência ao Criador, sua prática diária deve satisfazer aos anseios humanos, pois diferente disso, tornar-se-ia sacrifício. Então não agradaria nem a criatura, nem o Criador: “A obediência é melhor que o sacrifício e a submissão vale mais que a gordura dos carneiros” (1Sm 15, 22).

Logo, o progresso religioso deve sempre almejar trazer uma teologia de fácil concepção, que seja assimilável e praticável. Parece ser esse o ponto que trouxe para o neopentecostalismo tantos adeptos que, como já apresentado por Rodrigues, não tinham voz, nem vez, anteriormente, em outros moldes de religiosidade. Assim, tornou-se inevitável que essa nova onda criasse uma nova forma de colocar em prática, ou aprender e expor, sua espiritualidade religiosa.

Quando aponta a necessidade de repensar a teologia, Queiruga diz:

Um dos grandes perigos que espreitam o pensamento teológico atual é o de construir ‘teologias bonitas’, ou seja, teologias que, em lugar de repensar tudo a partir dos marcos referenciais que constituem atualmente a condição de possibilidade de toda significatividade efetiva, se limitam a atualizar e renovar o vocabulário ou a mudar o nome dos *adversarii*, ao mesmo tempo em que deixam intactos os esquemas de fundo. Certas séries de novos manuais teológicos nem sempre escapam deste perigo: vistos em sua estrutura decisiva, tais manuais em nada diferem de seus correlatos pré-conciliares (os quais, no final das contas, remetiam à escolástica medieval).¹⁰⁸

¹⁰⁵ DIAS, A. C. Sociologia da Religião, p.37.

¹⁰⁶ FEUERBACH, L., A essência do cristianismo, p.56.

¹⁰⁷ Busca humana na religião pelo significado para a vida por meio de conceitos que transcendem o tangível.

¹⁰⁸ QUEIRUGA, A. T. Fim do cristianismo pré-moderno, p.60.

Certamente, Queiruga não afirma que toda mudança deve ser radical, mas compreende que maquiagem não é mudar. Se há que ter mudança, que seja nas bases contaminadas, que realmente trarão as soluções desejadas. “Atualizar e renovar o vocabulário” segundo ele, não incapacita os equívocos teológicos, nem religiosos, nem espirituais. Mas uma virada radical de postura trouxe com o neopentecostalismo uma nova religiosidade dentro de um mesmo cristianismo.

3.1.

O neopentecostalismo fortalece a ideia do individualismo

A modernidade trouxe consigo a valorização do indivíduo. Obviamente esse fato alcança as religiões, especialmente ocidentais. Com maior reconhecimento do saber científico para explicar a vida, juntamente com o acesso a outras informações, devido muito à classe social do indivíduo e as novas oportunidades de trabalho, a religião perde espaço e o enaltecimento ao indivíduo passa a fazer parte da cultura, conforme afirma Mariano:

É provável que tal desvinculação institucional tenha se acentuado entre indivíduos mais beneficiados pela elevação da renda e pela profusão de oportunidades criadas no mercado de trabalho formal (mudança econômica que alterou, inclusive, o mercado dos empregos domésticos, nicho profissional ocupado fortemente por pentecostais) e mesmo no ensino superior (Prouni, por exemplo) nos últimos anos. Pois, se a expansão pentecostal continua a ser considerada, em boa medida, como estando em estreita ligação com a privação socioeconômica e as vulnerabilidades sociais e pessoais dela derivadas, resulta que o empoderamento social e econômico pode diminuir o apelo evangelístico dessa religião e sua capacidade de reter parte dos adeptos de que se empoderaram.¹⁰⁹

Assim o individualismo é fortalecido e as instituições religiosas enfraquecidas. A evasão institucional e o enfraquecimento do conceito de conversão diminuem a religiosidade institucional e fortalecem o indivíduo e o mercado, como destaca Prandi:

a própria noção de conversão vai tornando-se um conceito fraco: houve tempo em que converter-se a outra religião significava romper dramaticamente com a própria biografia, mudar radicalmente de vida. No fundo ninguém está mais muito interessado em defender nenhum status quo religioso. Desde que a religião perdeu para o conhecimento laico-científico a prerrogativa de explicar e justificar a vida, nos seus mais variados aspectos, ela passou a interessar apenas em razão de seu alcance individual. Como a sociedade e a nação não precisam dela para nada essencial ao seu funcionamento, e a ela recorrem apenas festivamente, a religião foi

¹⁰⁹ MARIANO, R. Mudanças no campo religioso brasileiro no censo 2010, p. 129.

passando pouco a pouco para o território do indivíduo. E deste para o do consumo, onde se vê agora obrigada a seguir as regras do mercado.¹¹⁰

A confirmação do fortalecimento do indivíduo, seguindo as regras do mercado, tem possibilitado novas experiências religiosas, incluindo, daqueles que não se sentem representados por nenhuma instituição religiosa, ainda que esse indivíduo mantenha a sua crença e até mesmo suas práticas religiosas, como afirma Mariano:

O crescimento do número de evangélicos não determinados, friso, se deve também à expansão da desvinculação desses religiosos de suas igrejas, situação em que o crente (nascido ou não em família evangélica) mantém a identidade e parte das crenças e práticas religiosas, mas opta por fazê-lo fora de qualquer instituição. Várias razões podem estar contribuindo para seu avanço, entre as quais: a massiva difusão do individualismo, responsável aqui e alhures pelo paulatino desmanche dos coletivos sociais; a busca de autonomia pessoal em relação a poderes hierocráticos e à tentativa de imposição institucional de moralidades tradicionalistas e de costumes sectários;¹¹¹

Essa independência religiosa individual traz uma nova forma de religiosidade e de expressão de fé, uma vez que os ritos normalmente praticados em templos, agora têm em cada indivíduo desinstitucionalizado uma forma própria de acontecerem. E se o indivíduo mudou, as instituições religiosas, também apresentam mudanças. Pelo menos as que surgem nesse período de ressignificação religiosa, Como afirma Mariano, que apresentando os dados do censo 2010, diz que:

Os dados do Censo 2010 sobre religião confirmam as tendências de transformação do campo religioso brasileiro, mutação que se acelerou a partir da década de 1980, caracterizando-se, principalmente, pelo recrudescimento da queda numérica do catolicismo e pela vertiginosa expansão dos pentecostais e dos sem religião.¹¹²

Após a chegada da terceira onda, ou seja, o neopentecostalismo, um conceito renovado de subserviência e adoração a Deus é proposto ao surgir o movimento inicialmente liderado pelo Bispo Edir Macedo, criando a Igreja Universal do Reino de Deus. Embora seja naturalmente uma consequência do pentecostalismo, a terceira onda tem características próprias, bem definidas e diferenciadas da segunda.¹¹³ Segundo Mariano, “a principal característica do neopentecostalismo é

¹¹⁰ PRANDI, R. Religião paga, conversão e serviço, p.260.

¹¹¹ MARIANO, R. Mudanças no campo religioso brasileiro no censo 2010, p.128.

¹¹² MARIANO, R. Mudanças no campo religioso brasileiro no censo 2010, p.119.

¹¹³ A Chamada segunda onda pentecostal no Brasil surgiu a partir dos anos 1950 e 60. Podemos destacar três denominações principais: a Igreja do Evangelho Quadrangular, a Igreja O Brasil para Cristo e a Igreja Pentecostal Deus é Amor. O Foco da mensagem desta onda era a Cura Divina,

a ruptura com o modelo sectário e com o ascetismo puritano do pentecostalismo clássico”.¹¹⁴

Eis, portanto, as características centrais do neopentecostalismo:

*Prega a Teologia da Prosperidade, segundo a qual Deus reserva sucesso financeiro, saúde e realizações na vida para os cristãos.

*O dízimo e a oferta conduzem à prosperidade. A lógica é: quanto mais se doa à igreja, mais sucesso está por vir.

*É descentralizado e sectário, com independência entre as igrejas, sem uma figura hierárquica central, como o papa católico.

*Enfatiza uma constante guerra espiritual contra a figura do Diabo e seus representantes na Terra, da cultura à política.

*Propõe uma abordagem menos severa em relação ao uso de roupas pelos fiéis do que nas pentecostais mais antigas.

*Usa meios de comunicação de massa, como rádios e programas de TV, para pregar sua fé e obter novos fiéis.

Em todos esses aspectos doutrinários e de usos e costumes, está tácita a ideia de um antropocentrismo moderno, o qual tira um aspecto congregacional, previsto nas demais igrejas, ou seja, as de visões e práticas não neopentecostais, trazendo um acentuado conceito de valorização do indivíduo, no que aponta Mariano ao dizer que

cabe frisar que a ausência de vínculo institucional com uma religião, em geral, tende a resultar na redução da exposição dos indivíduos a autoridades e grupos religiosos e, com isso, na diminuição da influência de tais grupos em seus valores, comportamentos e crenças.¹¹⁵

Ao ponto em que o indivíduo se desvincula da instituição, a ingerência dos líderes religiosos sobre ele diminui, ou mesmo passa a ser nenhuma, tornando-se o mesmo responsável por decidir o caminho religioso a seguir. Mas essa ruptura não é interessante para a igreja como o é para o indivíduo desarraigado. Mariano afirma que

A não fidelização de boa parte de seus frequentadores, a meu ver, cobra um preço muito alto, especialmente de uma denominação dotada de uma estrutura institucional e midiática tão grande e custosa e mais ainda quando se acha sob a pressão crescente de concorrentes religiosos e seculares. Se ela pudesse fidelizá-los, o faria prontamente.¹¹⁶

E a chegada do neopentecostalismo não era sobre o retorno do sagrado ao protagonismo, mas de uma nova estrutura para o mundo religioso que não detém

Batismo com o Espírito e a expulsão de demônios.

¹¹⁴ MARIANO, R. Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil, p. 36.

¹¹⁵ MARIANO, R. Mudanças no campo religioso brasileiro no censo 2010, p. 123.

¹¹⁶ MARIANO, R. Mudanças no campo religioso brasileiro no censo 2010, p. 135.

mais a hegemonia. A religião perde a condição de maior fornecedora do sentido para o ser humano, graças a secularização, segundo Pierucci.¹¹⁷

Por maior que seja a magnitude demográfica dessa mobilização religiosa, por mais que se intensifiquem a adesão e a prática religiosa de pessoas até então desinteressadas e desmobilizadas, por mais que novos grupos religiosos e novas igrejas se formem e agitem o campo com novas energias de combate e conquista, isto não significa, de modo algum, o fim do processo de secularização. Antes pelo contrário ajuda-o, acelera-o. Secularização, para mim, tem que ser vista como desenraizamento dos indivíduos.¹¹⁸

Trata-se do indivíduo livre, sem estar preso às raízes e pronto a receber novidades do mercado religioso tão competitivo. À sua disposição apresenta-se uma variedade de ofertas que procura atender seus anseios como consumidores religiosos esperançosos por novidades. É a valorização do indivíduo, como afirma Zeferino:

É inegável a emergência do indivíduo como suporte da vida social. Se para Durkheim “não há religião sem igreja”, hoje, mais do que nunca, e em sentido profundo, “não poderia existir religião sem indivíduos religiosos”. Não se trata, todavia, da “pessoa” com suas exigências de construção e procura autônoma da verdade, mas, das formas que revestem o “indivíduo” na atualidade através de suas experiências, de sua adesão a uma verdade construída e assumida por meio do exercício da razão e do cultivo da emoção, por vezes, partilhada.¹¹⁹

Agindo com a razão e preocupado como a emoção particular, o indivíduo apresenta-se como elemento principal da religiosidade moderna. Hoje ele se desvincula das instituições, buscando uma religiosidade itinerante, não assumindo compromisso com as lideranças, mas buscando aqueles líderes que se comprometam com ele.

Da mesma forma, as igrejas estão se tornando independentes. Elas optaram pela desvinculação da igreja de qualquer outra instituição, liderança ou segmento. A igreja de cunho neopentecostal é independente, assim como são independentes seus adeptos. Sim, adeptos, visto que tais igrejas não têm exatamente membros, como os têm as chamadas igrejas tradicionais, já apresentadas anteriormente. A diferença consiste em que por não serem afiliados, registrados, associados, não têm direitos, como por exemplo, a votos para decisões concernentes a administração da igreja. Mas têm compromisso de honrar os votos, ou alguns passos como, dizimar, ofertar, participar de correntes de oração, entre outros, para receberem as bênçãos

¹¹⁷ PIERUCCI, A. F. Reencantamento e dessecularização, p. 103.

¹¹⁸ PIERUCCI, A. F. Reencantamento e dessecularização, p. 114.

¹¹⁹ ZEFERINO, C. G. J. As Contribuições de Émile Durkheim para Compreender a Religião na Contemporaneidade, p. 342.

individualmente.

A igreja neopentecostal enfatiza ainda que há uma guerra espiritual travada por cada indivíduo que se posiciona ao lado de Deus. Ainda que se aprenda isso nas reuniões, a batalha é pessoal e diária. E se a vida espiritual diz respeito apenas ao indivíduo, claro que suas vestimentas não devem querer agradar aos outros, mas satisfazer seus critérios.

O indivíduo assume o protagonismo na teia sociorreligiosa, sendo o ator principal de sua história, inclusive no meio religioso em que congrega. Quanto a isso, Weber convida a uma reflexão:

Importa refletirmos sobre algumas questões preliminares. É a religião, primordialmente, a preocupação do indivíduo ou do grupo? É a religião, fundamentalmente, positiva, negativa, ou indiferente com relação ao agrupamento social “secular”? Em outras palavras, onde podemos encontrar os pontos de contato entre religião e sociedade?¹²⁰

As respostas podem não ser óbvias, mas são de suma importância para uma melhor compreensão do papel do indivíduo na religião e da religião na sociedade, visto ser uma única coisa.

Por fim, pode-se destacar o uso de comunicação em massa, fazendo da mídia um aliado para alcançar novos adeptos, além de transmitir suas mensagens para os fiéis. Mas esse tema será visto a seguir.

3.1.2.

A preocupação com a espiritualidade nas experiências religiosas da era digital e pluralista

A espiritualidade apresentada e praticada de acordo com as necessidades e expectativas hodiernas propõe um relacionamento digital, com cultos e segmentos virtuais, tornando os fiéis com características diferentes dos denominados membros,¹²¹ passando a tratá-los como seguidores.¹²² O pluralismo e a secularização religiosa apresentam novas possibilidades de atitudes e formas de propagação da fé religiosa professada.

As novas formas de apresentar a crença religiosa seguem as tendências modernas de comunicação, utilizando-se dos canais digitais para um maior e mais

¹²⁰ WEBER, M. *Sociology of religion*, p.25.

¹²¹ Fiel filiado a uma organização ou entidade cristã.

¹²² Indivíduo que acompanha alguém ou algo pelas redes sociais, ou mídias digitais.

rápido alcance de potenciais adeptos. Quanto a exposição midiática da igreja, Campos¹²³ diz:

O advento da imprensa não representou o abandono da fase da comunicação face-a-face; a chegada da fase da comunicação midiática incorporou as formas anteriores de comunicação. A comunicação na WEB é um bom exemplo disso. Nela a página escrita, as imagens, sons e a busca da interatividade criam condições para o que John B. Thompson (1998:159) chama de “nova ancoragem da tradição”, quando então, ao invés de destruição da tradição, há um deslocamento da mesma entre “populações migrantes”, surgindo nesse contexto “tradições nômades” e “conflitos culturais”. Por outro lado, grupos como os da Igreja Pentecostal “Deus é amor” (refratários ao uso da televisão) mantém um site na Internet. Grupos não oficiais da Congregação Cristã no Brasil (refratários ao uso da imprensa, rádio e televisão) têm sites com músicas, notícias, fotografias, reprodução de documentos iniciais da Igreja e informações na rede mundial de computadores.¹²⁴

Ainda que haja restrições quanto ao uso da mídia para expor sua igreja, de uma forma ou de outra, até as mais radicais acabam por ceder aos seus benefícios, quase todas, buscando a melhor maneira de propagar seu discurso. Perceberam que no mundo atual não tem espaço para quem não se atualiza, se reinventa, se amolda. E até mesmo essa nova configuração do anúncio das Boas Novas precisa se adequar, pois agora não são mais os adeptos dentro de um espaço reservado para eles, já que a comunicação midiática alcança espectadores diversificados, com interesses e olhares diferentes. Com isso, fica a indagação quanto a espiritualidade e a devida importância a ela. Ou melhor, como fica a espiritualidade desses casos? É possível transmiti-la integralmente?

De qualquer forma, existem hoje igrejas, principalmente as neopentecostais, que estão muito mais nas plataformas digitais do que presentes num espaço físico. Mas também tem exceção à regra. Campos a diferencia no texto:

Porém, há uma igreja pentecostal ainda hoje resistente a qualquer tipo de comunicação que não seja do tipo pessoa-a-pessoa: a Congregação Cristã no Brasil. Essa igreja, a segunda denominação pentecostal brasileira, jamais publicou livros, revistas, jornais ou divulgou suas práticas e princípios religiosos em espaço público fora de seus templos e muito menos na mídia.¹²⁵

¹²³ Leonildo Silveira Campos é teólogo e filósofo, sendo uma referência no Brasil no meio Teológico e da Ciência da Religião no que diz respeito a protestantismo e pentecostalismo. Tem experiência na área de Ciências Sociais e Religião, com ênfase em Sociologia e Antropologia da Religião, principalmente nos seguintes temas: estudos interdisciplinares do campo religioso, protestantismo, pentecostalismo, comunicação religiosa, religião e política e novos movimentos religiosos.

¹²⁴ CAMPOS, L. S. Evangélicos e Mídia no Brasil – Uma História de Acertos e Desacertos Revista de Estudos da Religião setembro / 2008 / pp. 1-26 ISSN 1677-1222, p. 3. Disponível em: < https://www.pucsp.br/rever/rv3_2008/t_campos.pdf >. Acessado em: 23 de março de 2021.

¹²⁵ LEONILDO SILVEIRA CAMPOS. Evangélicos e Mídia no Brasil – Uma História de Acertos e Desacertos Revista de Estudos da Religião setembro / 2008 / pp. 1-26 ISSN 1677-1222, p. 11. Disponível em: < https://www.pucsp.br/rever/rv3_2008/t_campos.pdf >. Acessado em: 23 de março de 2021.

Já Ricardo Mariano¹²⁶ aponta, ainda baseado no censo de 2010, que a Congregação Cristã teve uma queda numérica em uma década, de 2000 para 2010, contribuindo para a diminuição da concentração dos pentecostais, de 85% para 75,4%.¹²⁷

Não se pode afirmar que o declínio numérico foi devido a falta de divulgação midiática, ou se aconteceria naturalmente, contudo são raros os casos em que a instituição não logra êxito quando se faz valer da exploração dos mais amplos meios de comunicação.

Um desses raros casos de não retorno do investimento pode ser observado com a Renovação Carismática, conforme o censo de 2010 e assim relatado por Mariano:

a última década foi a primeira em que os católicos declinaram em números absolutos, de 125,5 para 123,3 milhões, totalizando uma perda de 2,2 milhões de adeptos. Liderada pela Renovação Carismática e apoiada em maciço investimento na criação de redes de TV, na evangelização eletrônica e na realização de megaeventos comandados por padres midiáticos e por grupos como a Canção Nova, a reação católica não surtiu maiores efeitos na reversão da evasão de adeptos, especialmente dos católicos não praticantes, tradicionalmente.¹²⁸

Ainda que os resultados não tenham sido os esperados, pelo menos por enquanto, não se pode negar que é um caminho sem volta. Extremamente útil tanto para a evangelização, quanto para o fortalecimento da fé, os meios eletrônicos estão com suas tecnologias cada vez mais avançadas, melhorando a qualidade e tendo um alcance cada vez maior.

Nessa experiência religiosa nova, o indivíduo ainda está se encontrando dentro do espaço religioso, entendendo que o corpo também pode ser instrumento de adoração, como afirma Klein:

o surgimento de novos movimentos religiosos dentro do protestantismo, tal como as igrejas neopentecostais e o carismatismo religioso dentro das igrejas históricas, redimensionou a questão do corpo dentro do espaço do culto. Se dentro do protestantismo brasileiro, de forte tradição puritana, a gestualidade e os movimentos corporais foram obstaculizados por um culto racional em que dominam a leitura e a reflexão da Palavra, hoje, o corpo passa a ser sua totalidade, veículo de adoração.¹²⁹

¹²⁶ RICARDO MARIANO é doutor em Sociologia pela USP, pesquisador do CNPq e professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da PUCRS.

¹²⁷ MARIANO, R. Mudanças no campo religioso brasileiro no censo 2010, p. 125.

¹²⁸ MARIANO, R. Mudanças no campo religioso brasileiro no censo 2010, p. 119.

¹²⁹ KLEIN, A. C. A. Mídia, corpo e espetáculo, p. 155-156.

Logo, a espiritualidade pretendida com a nova forma de experiência cristã, traz, além de novos conceitos, novas formas, como o uso da expressão corporal, além das palavras para exprimir os sentimentos no momento de comunhão e adoração.

Mas, contrárias a essas experiências novas, igrejas tradicionais colocam-se em oposição a esses movimentos. Para o sociólogo e professor da USP, Ricardo Mariano, estudioso do tema desde o início dos anos 90¹³⁰, o radicalismo no discurso conservador das igrejas evangélicas nunca foi tão evidente.

3.2. Considerações parciais

O capítulo propôs apresentar a chegada do neopentecostalismo e suas implicações, mostrando que enquanto por um lado poderia parecer corroborar a triste derrocada da religião, especialmente se tratando do território brasileiro, devido sua desvinculação das igrejas tradicionais e formas clássicas de propor as práticas religiosas com suas liturgias, doutrinas, usos e costumes, por outro, o crescimento ratificado pelo Censo 2010 confirmou o pleno crescimento do movimento neopentecostal e seus efeitos.

Também foi percebido o novo momento religioso, tornando o indivíduo mais importante do que o grupo, valorizando cada indivíduo, tornando-o o objeto final da religião. E seguindo nessa linha, para alcançar o indivíduo, já não cabem mais as pregações às grandes multidões, mas através da mídia digital, o alcance é ainda maior, mas sem necessariamente agrupar pessoas para interagirem.

Uma nova visão de espiritualidade é apresentada, se moldando ainda, visto ser comutativa a congregação e itinerante o adepto.

Essa nova vivência religiosa teve seu início com a chegada do neopentecostalismo e se torna cada vez mais característico em seus cultos. E, como veremos a seguir, essa característica vai delineando a diversidade no cristianismo brasileiro.

¹³⁰ Ricardo Mariano escreveu um livro fundamental para se entender religião no país intitulado: “Neopentecostais: Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil” (Edições Loyola), já na quinta edição, no qual fala especialmente da Igreja Universal do Reino de Deus, do bispo Edir Macedo, e da teologia da prosperidade, em que afirma que a igreja é intermediária de uma barganha entre Deus e os homens pela bonança terrena e o futuro celestial.

4.

Diferentes cristianismos no mesmo cristianismo

O pluralismo religioso já é tema bastante explorado e debatido, ainda que seja uma questão, de certa forma, recente. Cientistas da religião e teólogos vêm se debruçando sobre o tema e apresentando algumas perspectivas referentes a ele, como por exemplo, Ribeiro, que assegura que:

No tocante ao debate sobre o pluralismo religioso é possível afirmar que as últimas décadas do século XX e as primeiras do corrente desafiaram os/as cientistas da religião e os teólogos e teólogas, em especial pelas mudanças socioeconômicas e as implicações delas na esfera religiosa.¹³¹

No Brasil esse pluralismo vem tomando novos rumos, motivado por alguns fatores expostos, também, por Ribeiro:

O fato é que a vivência religiosa no Brasil sofreu, nas últimas décadas, fortes mudanças. Alguns aspectos do novo perfil devem-se à multiplicação dos grupos orientais; à afirmação religiosa afro-brasileira; à visibilidade de grupos islâmicos, budistas e judeus; ao fortalecimento institucional dos movimentos católicos de renovação carismática; às expressões espiritualistas e mágicas que se configuram em torno da chamada Nova Era; e ao crescimento evangélico, em especial, o das igrejas e movimentos pentecostais e de grupos religiosos alternativos aos perfis tradicionais.¹³²

Com tais mudanças no cenário religioso brasileiro, analisando apenas o crescimento evangélico, especialmente devido aos movimentos pentecostais, pode-se perceber que há um pluralismo que se apresenta num recorte mais delimitado, dentro do próprio cristianismo. Ou seja, trata-se agora e, em especial no Brasil, de um pluralismo cristão, uma vez que o movimento pentecostal apresentou propostas bem diferentes e até mesmo divergentes das antes conhecidas e vivenciadas no país.

Com o surgimento do pentecostalismo e do neopentecostalismo uma nova vivência religiosa é apresentada, fortalecendo a ideia do individualismo, especialmente numa era digital contemporânea. Isso tem gerado a possibilidade da experiência de vários outros cristianismos dentro do mesmo cristianismo. As igrejas pertencentes aos novos movimentos, não deixam de ser cristãs, mas vivenciam um cristianismo diferente daquele já conhecido, tradicional e histórico, encontrado, por exemplo, na Igreja Católica, na Igreja Batista, na Igreja Presbiteriana, entre outras.

Algumas igrejas enquadradas na nova onda fazem-se valer das comodidades

¹³¹ RIBEIRO, C. de O. O princípio pluralista, p.5.

¹³² RIBEIRO, C. de O. O princípio pluralista, p.5-6.

e do alcance da tecnologia, das redes sociais e da mídia digital em geral, como a Bola de Neve Church¹³³ e a Pier 49 Church¹³⁴. Estas seguem lançando mão do que há de mais moderno, tanto na tecnologia, especialmente para transmissão dos cultos e eventos, quanto na divulgação –*marketing*– de seus produtos religiosos. Como exemplo da preocupação com a otimização da propaganda envolvendo suas instituições, temos o que podemos chamar de modismo das igrejas, quando preferem usar o termo igreja em inglês, deixando de ser anunciada Igreja, passando a se denominar church, como por exemplo, a Igreja Bola de Neve, ou Igreja Pier 49, usando Bola de Neve Church e Pier 49 Church. A intenção, segundo elas, não é apenas modernizar o nome, mas visar um alcance fora das fronteiras nacionais.

Essas igrejas apontam para uma nova forma de viver a religiosidade cristã, trazendo uma maior liberdade no culto e nas reuniões, bem como uma maior ênfase na ação do Espírito Santo. Podemos considerá-las representantes da diversidade da vivência religiosa de nossa época, trazendo em suas práticas e movimentos litúrgicos um cristianismo hodierno¹³⁵, ou seja, com visão diferenciada da igreja tradicional brasileira, apresentando novos aspectos para a vivência da fé em Deus. Esses movimentos seguem a tendência do cristianismo neopentecostal brasileiro, trazendo as mesmas características dos primeiros movimentos da Terceira Onda.

São igrejas ainda responsáveis por grande parte do consumo religioso e que se fazem valer desse estratagema para lograrem êxito em suas perspectivas de crescimento, acima de tudo, na parte financeira. Mas nem sempre se pode enquadrar o consumo religioso de forma pejorativa, pois há várias formas de se ver o consumo¹³⁶. Enquanto o termo pode causar estranheza em alguns meios cristãos, em outros é tratado com naturalidade, pois a igreja precisa sobreviver. Na maioria das igrejas neopentecostais, é esse o entendimento para que continuem oferecendo o que há sempre um consumidor interessado.

Tais igrejas se parecem em vários aspectos, especialmente na forma de

¹³³ Chamaremos a Bola de Neve Church também por Bola de Neve, como gostam de chamar seus seguidores.

¹³⁴ Chamaremos a Pier 49 Church também por Pier 49, como gostam de chamar seus seguidores.

¹³⁵ NASCIMENTO, M. R. do. Religiosidade e cultura popular, p.119-30.

¹³⁶ BARBOSA, L.; CAMPBELL, C. O estudo do consumo nas ciências sociais contemporâneas, p. 21. O consumo é ambíguo porque por vezes é entendido como uso e manipulação e/ou como experiência; em outras, como compra, em outras ainda como exaustão, esgotamento e realização. Significados positivos e negativos entrelaçam-se em nossa forma cotidiana de falar sobre como nos apropriamos, utilizamos e usufruímos do universo à nossa volta.

divulgar e vivenciar o cristianismo hoje, contudo, há uma igreja neopentecostal que parece estar indo na contramão da caminhada cristã brasileira pós-moderna. Surge em meio ao grande crescimento do neopentecostalismo, já consolidado no país, a Igreja Evangélica Preparatória, apresentando doutrinas, liturgias e disciplinas bem diferentes das oferecidas pelas igrejas destacadas anteriormente.

Dentro de um mesmo cristianismo, formas diferentes de manifestação cristã são encontradas entre as igrejas. Enquanto uma preza pela busca incessante da prosperidade, com ênfase no *marketing* mercadológico religioso, outra segue pela pregação da vida simples, humilde, sem ostentação e sem exposição midiática. Essas igrejas representam cristianismos diferentes na vida eclesiástica e social de seus adeptos.

Também o indivíduo encontra uma nova forma de manifestar e vivenciar a sua fé no meio cristão, nos templos, transitando, como afirma Negrão:

O campo religioso complexificou-se, radicalizando sua competitividade e acentuando a subjetivação do sagrado, não só no sentido quase clássico analisado por Berger (opção individual, preferência do consumidor), mas também no sentido de que o indivíduo agora pode transitar livremente pelo campo sem a necessidade de adesões permanentes e compor seu referencial religioso próprio apelando a diversas fontes religiosas que compatibiliza de maneira mais sofisticada, ou menos, dependendo de sua informação e formação intelectual.¹³⁷

Com a oferta de ‘outros cristianismos’, o fiel pode forjar sua identidade cristã, sem ter que se enquadrar numa religiosidade institucional. Agora o individualismo é preservado ainda que fazendo parte de um grupo. Ainda assim, algumas igrejas neopentecostais têm alcançado um grande número de adeptos que se identificam com a instituição e suas liturgia e visão.

A seguir, destacaremos algumas dessas igrejas que representam as diferentes formas de cristianismo, apontando suas características principais, além das desigualdades e suas semelhanças principais.

4.1.

Bola de Neve Church: na crista da onda

Entre as igrejas neopentecostais brasileiras que surgiram nos últimos anos, há uma que tem se destacado no cenário nacional. Com uma nova proposta de evangelização, visando principalmente à juventude, surge a Igreja Bola de Neve,

¹³⁷ NEGRÃO, L. N. Mercadolicismo, p. 60-61.

uma igreja que parece desconstruir o ideário das igrejas cristãs, especialmente as do país, quanto ao formato de culto. Com essa nova proposta, é uma igreja que merece uma atenção diferenciada no meio acadêmico. Dentre as novidades apresentadas estão o mobiliário encontrado em seus templos, a liturgia e as vestimentas. Tais vestimentas que cumprem um papel não casual, mas objetivo, indo ao encontro do que afirma Lipovetsky:

Valorizar a si mesmo, agradar, surpreender, perturbar, parecer jovem, onde o culto da juventude e o culto do corpo caminham juntos, exigem o mesmo olhar constante sobre si mesmo, a mesma autovigilância narcísica, a mesma coação de informação e de adaptação às novidades.¹³⁸

Nas igrejas modernas, cada detalhe é pensado para que o objetivo final não deixe de ser alcançado. E o público é o alvo e ao mesmo tempo o principal divulgador da sua marca. Marca essa que já traz novidade desde a escolha do próprio nome.

O nome Bola de Neve, por exemplo, é bem sugestivo, trazendo um grande valor simbólico¹³⁹. Ainda seus líderes afirmam que o nome remete a algo, como uma bola de neve descendo, rolando, que, mesmo crescendo por agregar a si o que vai encontrando pelo caminho, nunca deixa de transmitir pureza. E como a Igreja tem em sua membresia inúmeros surfistas, eles mesmos se apresentam como seguidores da igreja que está na ‘crista da onda’.

Mas o nome não é a única característica a chamar a atenção. Seus espaços de culto transcendem o costumeiro, trazendo novos símbolos para seu ambiente, como por exemplo, a ausência do púlpito tradicional, que dá lugar a uma prancha de surfe, onde a bíblia é apoiada¹⁴⁰.

Ao entrar num templo da Bola de Neve pode ser observada uma cultura cristã diferente de todas as demais, mesmo entre as neopentecostais, visto ser a única igreja brasileira a adaptar uma prancha de surfe ao púlpito.

Outra diferença facilmente percebida é a ordem de culto¹⁴¹, com forte ênfase nos momentos de louvor e adoração. Essa parte da liturgia se caracteriza pelo

¹³⁸ LIPOVETSKY, G. O império do efêmero, p.123.

¹³⁹ Site oficial da Bola de Neve Church. Disponível em: <<http://www.boladeneve.com/quem-somos-1>>. Acesso em: 15 abr. 2021.

¹⁴⁰ Fala do Pastor Presidente da igreja sobre a prancha de surf no púlpito. Apresentação na página oficial da igreja. Disponível em: <<http://www.boladeneve.com/quem-somos-1>>. Acesso em: 15 abr. 2021.

¹⁴¹ Sequência escrita dos acontecimentos pretendidos do início ao fim do culto, geralmente sob o controle de um responsável por tal cumprimento denominado dirigente do culto.

cântico em sequência. Sempre após a leitura de um texto bíblico, já com uma melodia envolvente de fundo, o líder de louvor¹⁴² assume a frente do culto, conduzindo o público presente e virtual¹⁴³ à adoração, normalmente ao ritmo de rock ou reggae. Os trechos-chaves de cada música são repetidos várias vezes e, em adoração, os fiéis se ajoelham e erguem as mãos em fervorosa oração. Tais manifestações são tidas como o êxtase da experiência do Batismo no Espírito Santo, fundamental, segundo a denominação, para a maturidade cristã. Esse ritual parece fazer parte de um protocolo obrigatório entre as igrejas neopentecostais.

Essas manifestações de fé trazem à tona uma espiritualidade experimentada em cada culto, e ainda que nada convencional para o estilo brasileiro de igreja cristã, para os adeptos é uma prática que possibilita o encontro com Deus.

Com uma visão moderna para o exercício do culto em suas reuniões, a Bola de Neve é composta majoritariamente por jovens de classes média e alta, internautas, surfistas e fãs de gêneros musicais como reggae, rock, rap e hip-hop, conforme afirma Maranhão Filho¹⁴⁴ no livro “A Grande Onda Vai te Pegar – Marketing, Espetáculo e Ciberespaço”.^{145,146}

Como é dito em sua página oficial, “a história da Igreja Bola de Neve confunde-se com a própria história do Apóstolo Rina”¹⁴⁷, seu fundador. Nessa página é narrado que, depois de uma experiência pessoal com Deus, o apóstolo Rina teve gerado em seu coração um novo projeto que deveria trabalhar em prol do Reino. Esse projeto se concretizou em 1999, com a fundação da Igreja Bola de Neve, hoje a Bola de Neve Church.

¹⁴² Pessoa responsável por preparar as músicas que serão apresentadas durante o culto e ministrá-las.

¹⁴³ Hoje os cultos são transmitidos por alguns sistemas virtuais, como vídeo conferência.

¹⁴⁴ Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho, doutor em História (USP) com pós-doutorado em Ciências da Religião pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), foi membro da Bola de Neve entre 2005 e 2006, chegou a ser aprovado no curso de líderes de células, mas, por desentendimento com um diácono, não assumiu a função. Em 2013 confessou, em uma entrevista, que foi perseguido por parte dos líderes da Bola de Neve Church, que queriam impedir o lançamento de seu livro “A Grande Onda Vai te Pegar – Marketing, Espetáculo e Ciberespaço”. Entrevista publicada pela Revista ISTOÉ, nº 2301 do dia 25.12.2013.

¹⁴⁵ MARANHÃO, E. M. A. A grande onda vai te pegar, 2013.

¹⁴⁶ Queremos destacar que até o momento Maranhão Filho foi o único autor no Brasil a pesquisar sobre a Bola de Neve Church.

¹⁴⁷ Rina é como prefere ser chamado o Pr. Rinaldo Luiz de Seixas, Fundador e Presidente da Igreja Bola de Neve Church, conforme informações obtidas no site oficial da igreja. Disponível em: <<http://www.boladeneve.com/sua-historia-1>>. Acesso em: 15 abr. 2021.

Hoje, tendo a sede em espaço próprio, já está locada em 34 países, com 470 templos e conta com 60 mil féis. Só em 2020 a Bola de Neve realizou 7.329 projetos sociais, 53.240 cultos, com 5.021, chegando a 4.000 células¹⁴⁸ estabelecidas.

A Bola de Neve, como a maioria das igrejas neopentecostais, tem a visão de uma igreja midiática, apresentando seus produtos religiosos ao grande público sempre que há oportunidade. A divulgação contínua é a sua maior estratégia para angariar adeptos e, conseqüentemente, fazer a igreja crescer em número e conseguir ter uma maior aceitação do mercado religioso. Dessa forma, confirma-se o alerta de Campos, quando disse que “a manifestação do panorama religioso-midiático contemporâneo emerge ideologias, processos institucionais e estratégias de comunicação, que exigem novos perfis de líderes e fiéis”¹⁴⁹. Ele acredita que “a visão de mundo, como um enorme *Shopping Center*, tende a fundir templo e mercado, propaganda e publicidade, religião e comércio”¹⁵⁰.

Há hoje nas ofertas religiosas outros princípios e objetivos, como afirma Souza:

Logo, se podemos verificar, na expressão da religiosidade contemporânea palavras como: mercado, lucro e, também, concorrência, fica claro que a experiência do sagrado, nos dias atuais, tomou nuances de produto que o definem no campo mercadológico, tornando-o atrativo entre tantos outros do catálogo da cultura de consumo.¹⁵¹

Seguindo a nova realidade, o sentido de sagrado ganha novos horizontes também em Baudrillard, quando o teórico atesta que “os objetos não são consumidos apenas em função do valor de uso, mas como sistema de signos, no qual as lógicas social e do desejo servem de campo móvel e inconsciente de significação.”¹⁵²

A resignificação dos sentidos do sagrado traz um novo caminho, onde o valor é voltado mais para o alcance da mídia do que para a experiência de fé. A mediatização do cristianismo embalado nas instituições traz consigo certa facilitação para os propensos seguidores da denominação, como um *self-service*

¹⁴⁸ Células são grupos de estudos para iniciantes com líderes diferentes para cada uma. Há um curso para formação desses líderes.

¹⁴⁹ CAMPOS, L. S. Teatro, templo e mercado, p. 295.

¹⁵⁰ CAMPOS, L. S., Teatro, templo e mercado, p. 295-296.

¹⁵¹ SOUZA, M. M. de. As entrelinhas do consumo no discurso das religiosidades contemporâneas, p.143.

¹⁵² BAUDRILLARD, J. A sociedade de consumo, p. 11.

litúrgico e doutrinário, quando cada um acolhe o que lhe interessa e despreza o que julga inadequado ou desnecessário, tanto na doutrina, quanto na homilia e nos estilos de músicas no momento do louvor.

Logo percebemos que a fé vem ganhando ressignificação nos últimos tempos, engendradas nas lógicas de mercado. As estratégias de evangelização são analisadas de acordo com os principais interesses e objetivos, como os da Bola de Neve Church, ancorada pela Teologia da Prosperidade, na qual o fiel pode usufruir de bens materiais nesta vida, o que é visto como bênçãos de Deus.

Mas Queiruga aponta que a teologia cristã necessita de uma mudança de paradigma repensando seus grandes problemas mudando radicalmente seus conceitos.¹⁵³ Teologias modernas não respondem, nem correspondem aos anseios da sociedade contemporânea. Trazem mais benefícios para as instituições e menos abrigo para os fieis.

Algumas questões, então, são levantadas: onde fica a preocupação com a materialidade dos desejos de Deus? Seriam estes tão somente a prosperidade de seus fiéis? E a procura por uma religiosidade sincera, onde a fé realmente tem um espaço para a construção de intimidade com o Criador, teria resposta na Bola de Neve?

Percebe-se, entretanto, que a espiritualidade, como já definida anteriormente, nem sempre é compreendida ou percebida nessa igreja, visto a ênfase ser bem definida em coisas materiais, sem uma busca maior pelas espirituais. Mas não seria uma vivência plena, não separando material de espiritual, quando a vida é total e não parcial e o ser não se subdivide? Fica sempre a subjetividade das perguntas e das respostas, com suas dúvidas, mas com a certeza de que a Bola de Neve Church tem uma marca própria e diferenciada. Até mesmo nas plataformas digitais, buscando os sites e redes sociais referentes à Bola de Neve, não fica evidente que se está acessando um espaço religioso tradicional.

Sobre essa nova realidade explica Berger:

Assim, as instituições religiosas passam a desempenhar o papel de agência comercial, e sua tradição se converte em mercadoria. Com isso, uma nova lógica se impõe às religiões, obrigando-lhes a profundas transformações em termos de sua organização e de seus objetivos.¹⁵⁴

¹⁵³ QUEIRUGA, A. T. Fim do cristianismo pré-moderno, p. 122-129.

¹⁵⁴ BERGER, P. O Dossel sagrado, p. 169.

São igrejas que buscam o tempo todo estarem *online* visando não perderem tempo nem espaço, pois ainda que as outras de mesma linha também sejam cristãs, são concorrentes num mercado que não oferece muitas chances para falhas ou despeitos. É fundamental, então, que a igreja esteja o tempo todo ‘antenada’ nas possibilidades e necessidades dos possíveis novos fiéis, que podem tornar-se líderes com grande capacidade de trazer outros tantos, valorizando o seu ministério. Nessa disputa, número de membros, quantia financeira arrecadada e quantidade de filiais abertas dizem muito sobre o poder midiático. E vice-versa.

No caso da Bola de Neve, os jovens são almejados como principais alvos, visando constituir uma igreja dinâmica e moderna. Para tanto, atrativos são pensados para alcançar especialmente o público alvo, incentivando o culto ao corpo e a arte como forma de culto, produzindo verdadeiros artistas, cumprindo o que propõe Cunha ao dizer:

Consumo, modelagem do corpo, adesão à moda passam a ser incentivados nos círculos evangélicos. Os artistas evangélicos passam a ser figuras exemplares, assim como os seculares. O lazer e o entretenimento são inseridos como ingredientes para o modo de vida evangélico, e a dança e a expressão corporal incentivadas também nos momentos de culto.¹⁵⁵

A valorização do indivíduo chega agora no corporal. As expressões corporais passam a ter uma maior importância do que tinha antes, que pelo contrário, devia ser até evitada, para não causar escândalo. Mas essa é uma moda que perdura e está em várias igrejas neopentecostais, especialmente nos momentos de louvor.

Por estas e outras questões, a Bola de Neve Church está aqui representando legitimamente as igrejas neopentecostais, dado o seu grande alcance e crescimento, expandindo-se cada vez mais, levando uma vivência própria de cristianismo a vários centros.

4.2.

Pier 49 Church: Ligando a terra ao céu

Na onda da Bola de Neve, outras igrejas surgem seguindo sua visão de *marketing* e preferência pelo público jovem. Com visão também neopentecostal, as igrejas mais recentes do movimento acrescem em suas cartilhas a forma digital para propagação e atração dos possíveis novos seguidores, além de usarem de bastante

¹⁵⁵ CUNHA, M. N. A explosão gospel, p. 180.

criatividade nas escolhas dos nomes, como também é o caso da igreja Pier 49¹⁵⁶.

Fundada em 2013, a Igreja Pier 49 tem sua origem basicamente em uma profecia do Apóstolo Randy Clarck¹⁵⁷, líder espiritual do Pr. Eduardo Rocha, fundador presidente da Pier 49. A profecia dizia que o Pr. Ed, como prefere ser chamado o Pastor Eduardo, iria pastorear uma igreja com a mesma dimensão e influência da Bethel Church, de Bill Jonhson¹⁵⁸, da Califórnia, Estados Unidos.

Dessa forma, Ed, pastor há 25 anos, bacharel em Teologia, pelo seminário Internacional de Londres (IBIOL), Mestre em Docência pela UNOPAR e terapeuta profissional, licenciado pelo *International Association of Christian Counseling Professionals*, cumpriu a profecia e a Pier 49 foi por ele fundada.

Por que o nome pier49?

Um Pier é um lugar de conexão da terra com as águas. A terra representa o homem, pois o homem veio do pó da terra (Gn 2,7); as águas representam ao Espírito Santo de Deus (Jo 4,13-14). O Pier então é um lugar de conexão entre o homem e Deus, do finito ao infinito. Já o número 49 é a plenitude da perfeição, é 7 x 7. Sete é número da perfeição de Deus, e na Bíblia, 7 x 7 representa a plenitude da perfeição. Para Israel o ano 49 é o ano mais importante, pois é o ano do Jubileu.¹⁵⁹

Depois de alguns anos, o líder da igreja identificou na bíblia algo que corrobora a escolha do nome para a igreja, através do que achou que não poderia ser apenas coincidência:

A palavra Pier é também Pedro em Grego. A Bíblia não foi originalmente escrita em capítulos. O texto sagrado foi dividido em capítulos em 1227 por Stephen Langton, Arcebispo de Canterbury, Inglaterra. Assim sendo originalmente, o versículo 49 do livro de Pedro seria 1Pe 2,24, que diz: Levando ele próprio os nossos pecados em seu corpo sobre o madeiro, a fim de que, mortos para os pecados, vivamos à justiça. Por suas feridas fostes sarados.¹⁶⁰

¹⁵⁶ Não encontramos pesquisadores que tenha produzido alguma literatura sobre a Pier 49 Church. Também não contamos com uma pesquisa sistemática sobre o ela. Contamos apenas com as informações contidas no site oficial da Pier 49 Church (www.pier49.org) e no Manual de Treinamento Ministerial, produzido pela própria Pier 49 Church.

¹⁵⁷ Randy Clark (1952) – Apóstolo do Global Awakening Ministries (Ministério Despertar Global), um ministério de ensino, cura e impartição, sediado em Mechanicsburg/PA, nascido em 1994 por ocasião de seu relacionamento com a igreja do Aeroporto de Toronto.

¹⁵⁸ Bill Jonhson (nascido em 18 de julho de 1951) é um ministro e evangelista cristão americano. Ele é o líder sênior da Igreja Bethel, uma mega igreja carismática em Redding, Califórnia.

¹⁵⁹ O (yovel hebraico יובל) Jubileu é o ano do fim de sete ciclos de Shmita (ano sabático) e, de acordo com a Bíblia, teve um impacto especial sobre a propriedade e gestão de terras em Israel; De acordo com a direção de Deus no livro de Levítico, no ano do Jubileu, todos os escravos e prisioneiros seriam libertados, todas as dívidas seriam perdoadas e as misericórdias de Deus seriam particularmente manifestas. Levítico 25: 8-9 afirma: Também contarás sete semanas de anos, sete vezes sete anos; de maneira que os dias das sete semanas de anos te serão quarenta e nove anos. Então no mês sétimo, aos dez do mês, farás passar a trombeta do jubileu; no dia da expiação fareis passar a trombeta por toda a vossa terra. Levítico 25:8-9.

¹⁶⁰ Comentário explicativo encontrado na apresentação da igreja no seu site oficial. Disponível em: <<http://www.boladeneve.com/quem-somos-1>>. Acesso em: 15 abr. 2021.

Com tais explicações, os líderes destacam a ligação do nome com a pretensa união entre os fiéis e Deus. A visão apresentada vai em busca de um compromisso com as Escrituras, dedicando-se ao pleno cumprimento delas, segundo o entendimento do Pr. Ed. Para ajudar o entendimento da visão doutrinária e disciplinar da Pier 49, apresentamos aspectos considerados chaves, denominados quatro pilares da Igreja, que depois são subdivididos em 49, apresentados em “no que cremos”.

No texto são encontrados esses quatro¹⁶¹ pilares que são vistos como chave para o chamado da igreja. Por essa visão, o ministério da Pier 49 está fundamentado neles, que norteiam o movimento para o discipulado.

Esses quatro fatores, Redenção, Santidade, Justiça e Cura, formam nosso DNA espiritual, nossa visão e nosso chamado como Movimento de Discipulado e como Igreja. Há muitas passagens Bíblicas neotestamentárias que nos são base para a contemporaneidade do ministério de cura pela imposição das mãos dos discípulos, entre elas: Marcos 6,13; Lucas 9,2; Lucas 10,9 e para nós hoje segue o mandamento de Jesus aos seus discípulos: *Curai os enfermos, limpai os leprosos, ressuscitai os mortos, expulsai os demônios; de graça recebestes, de graça dai.*¹⁶²

Na Pier 49 a palavra religião não tem uma boa acolhida, pois o seu significado teria uma conotação negativa, pois “seria uma maneira de enquadrar o Ser Divino Infinito em uma redoma teológica, em doutrinas humanas e encaixá-lo em liturgias eclesiais”¹⁶³.

Ainda no site da instituição, apresentam os objetivos principais que almejam alcançar em sua caminhada. Falam sobre a visão, a missão e os valores da Igreja:

nossa visão é sermos indivíduos iguais a Jesus em unidade com o Pai, em unção e em caráter. Nossa missão é fazer as obras que Cristo fez e assim sermos uma igreja relevante para a sociedade, uma igreja que não se limita aos cultos de domingo, mas que alcança todas as esferas de influência ao nosso redor através do amor e do poder de Deus. Somos, acima de tudo, uma igreja que ama a Deus e que ama pessoas. Nossos valores são o avivamento pessoal e corporativo da igreja que visa uma reforma da nossa cidade e da nossa nação. Estes são fundamentos essenciais para qualquer uma de nossas igrejas. Esses pilares são nosso “Código Genético”, é o que nos faz ser PIER49, são os denominadores comuns que nos identificam como uma família.¹⁶⁴

¹⁶¹ Esses pilares são posteriormente subdivididos em 49, aderindo ao nome da igreja. Informação encontrada no site oficial da igreja. Disponível em: <<http://www.boladeneve.com/quem-somos>>. Acesso em: 15 abr. 2021.

¹⁶² Fala do Pr. Rina sobre os conceitos da Igreja e a base bíblica de orientação. Apresentação na página oficial da igreja. Disponível em: <<http://www.boladeneve.com/quem-somos-1>>. Acesso em: 15 abr. 2021.

¹⁶³ Texto encontrado na página oficial da igreja. Disponível em: <<http://www.boladeneve.com/quem-somos-1>>. Acesso em: 15 abr. 2021.

¹⁶⁴ Fala do Pr. Rina. Apresentação na página oficial da igreja. Disponível em: <<http://www.boladeneve.com/quem-somos-1>>. Acesso em: 15 abr. 2021.

Essa é a visão que norteia a experiência da Pier 49 Church, que prega o amor ao Pai sobre todas as coisas como prioridade principal para atrair e honrar a presença de Deus. Isso inclui adorá-lo com paixão e intimidade, convidando-O e permitindo que a Sua presença realize a transformação necessária em cada fiel. Em seguida, pregam o “amor ao próximo como a si mesmo” como parte essencial para a caminhada cristã.

Segundo a liderança da Pier 49, a sua missão está bem consolidada na experiência que viveu Jesus:

Queremos ainda obedecer ao mandamento de Jesus de compartilhar as Boas Novas, pregar o Reino, fazendo discípulos. Queremos ver a manifestação do Reino de Deus e do reinado de Cristo em nossas vidas e em nossa comunidade. Queremos ajudar as pessoas a descobrir seu propósito e seu destino, incentivando seu crescimento para a plenitude de Deus. Estamos trabalhando para enviar e apoiar obreiros, missionários e implantadores de igrejas, tanto local quanto globalmente.¹⁶⁵

Essa visão rege a doutrina da Pier 49, direcionando sua missão enquanto igreja cristã. Embora bastante moderna no que diz respeito a sua liturgia e vestimenta dos fiéis, utilizando os mais modernos meios de comunicação, como as mídias sociais, a Pier 49 apresenta um neopentecostalismo um tanto quanto mais rígido em alguns aspectos doutrinários. Preocupado com o *marketing* da Igreja, o Pr. Ed procura não desvencilhar do que chama de “práticas espirituais”, pois prega que “o melhor dos céus pode ser vivido ainda na terra, visto sermos seres plenos e indivisíveis”¹⁶⁶, mas há de se ter compromisso com as coisas de Deus.

Essa vida em abundância diz respeito também à saúde, pois como igreja de linha neopentecostal não aceita a doença na vida do crente. Então, no que tange a cura, seja ela física, espiritual ou mental, a Pier 49 segue o Manual de Treinamento Ministerial (MTM) de autoria de Randy Clark. Inicialmente, sobre a oração pela cura, Clark chama a atenção para o fato de que “Deus não é surdo” e continua: “Você não precisa orar alto em línguas nem gritar mistérios, pois a audição de Deus é perfeita”¹⁶⁷. Também orienta que “se seu relacionamento com Deus está

¹⁶⁵ Prioridades da Pier 49 Church descritas no site oficial. Disponível em: <https://pier49.Org/index.php///pier49.org/index.php/about/sobrenos/about/sobrenos/>. Acesso em: 15 de abr. de 2021.

¹⁶⁶ Texto encontrado na página oficial da igreja. Disponível em: <http://www.boladeneve.com/inicial-1>. Acesso em: 15 abr. 2021.

¹⁶⁷ CLARK, R. Manual de Treinamento Ministerial, p.19. Este Manual foi projetado para facilitar o entendimento da liderança quanto às práticas a serem seguidas pela igreja Pier 49, visando orientar e padronizar o ministério de cura. O MTM é traduzido e implantado em cada país em que as portas de uma filial da Pier 49 se abrem.

enfrentando problemas de algum tipo, não ministre até mudar essa situação”.¹⁶⁸

Há na Pier uma acentuada atenção, como na maioria das igrejas neopentecostais, com o dom de cura. A ‘equipe de ministração’¹⁶⁹ é preparada através de estudos, palestras e leitura do MTM. Nele são determinadas as qualidades pessoais para fazer parte da equipe, como devem ser feitas as ministrações, os aconselhamentos, a imposição de mão e, como já dito, até mesmo as orações. Todos os detalhes são orientados e devidamente treinados para que não se perca uma oportunidade por causa de um comportamento inadequado.

Ainda no Manual, vários versículos bíblicos são citados para facilitar o entendimento do discípulo e posteriormente serem utilizados no evangelismo por ocasião da ministração da cura.

Na corrida para alcançar mais adeptos, a cura é um instrumento também para angariar fiéis, pois no referido documento interno, o autor diz que muitas vezes a melhor palavra sobre Deus é mostrar o agir dele. Ou seja, quando Deus cura alguém a melhor propaganda sobre o Reino dos Céus é feita e, certamente, o curado dará preferência para membrar na igreja que contribuiu para o reestabelecimento da sua saúde física ou mental.

Ainda sobre a cura, o Manual, em seu sétimo capítulo fala sobre “palavras de conhecimento para cura”. O autor diz que “uma palavra de conhecimento é uma revelação sobrenatural, concedida pelo Espírito Santo ao crente com o propósito de gerar fé”. Segundo ele, trata-se da passagem ensinada pelo Apóstolo Paulo em sua primeira carta aos Coríntios, no capítulo 12, quando Paulo recebe várias de suas revelações através de palavras de conhecimento.

Assim a Pier 49 busca realmente ligar a terra ao céu, ligando o homem a Deus. A cura aproxima a criatura do Criador, não apenas por gratidão, mas também, e talvez bem mais, por reconhecer a total dependência que todos têm de Deus.

4.3. Igreja Evangélica Preparatória: na contramão da experiência moderna

Existe ainda uma igreja que surgiu já no período do neopentecostalismo, mas que cultiva as doutrinas e tradições do pentecostalismo. Uma igreja ativa e influente

¹⁶⁸ CLARK, R. Manual de Treinamento Ministerial, p.19.

¹⁶⁹ Equipe de ministração é um grupo separado por uma liderança eclesial para ministrar no contexto de um culto, uma campanha de curas e milagres ou outro ajuntamento semelhante. Manual de Treinamento Ministerial, p. 12.

na cidade de Juiz de Fora, MG, e que vem ganhando espaço em todo território nacional.

Com atuação além do campo religioso e social, a Igreja Evangélica Preparatória (IEP)¹⁷⁰ traz consigo uma história com mais de três décadas de existência. E apesar de existirem várias pesquisas sobre o pentecostalismo e o neopentecostalismo no Brasil, como já dito, não foram encontradas outras pesquisas ou publicações sobre a IEP além de uma dissertação de mestrado de Albuquerque Júnior,¹⁷¹ que dispõe apenas sobre o louvor naquela igreja. Por não terem sido encontradas outras literaturas que discorram sobre a IEP, e reconhecendo a sua relevância, constatando sua posição já consolidada no cenário religioso atual, especialmente em Juiz de Fora, decidimos por apresenta-la através de alguns aspectos importantes da sua trajetória. Para entender melhor sua não curta história, além de longa pesquisa, optamos por entrevistar¹⁷² o Fundador Presidente da IEP, Pastor Marco Antonio Mendes¹⁷³, que com muita cordialidade e espontaneidade discorreu detalhadamente sobre a Igreja Preparatória, desde alguns anos antes da sua fundação até os dias atuais.

Também para tê-la como relevante no cenário brasileiro, levamos em consideração o fato da Igreja Preparatória estar em expansão nas últimas três décadas, já contando com 24 congregações em Juiz de Fora e 14 igrejas espalhadas por todo território brasileiro e alguns projetos sociais ativos, tendo milhares de adeptos, sobre os quais incide influência direta também na vida social.

Diferente das igrejas citadas anteriormente, a Igreja Evangélica Preparatória se preocupa com o comportamento dos membros, especialmente no que diz respeito à vestimenta, adornos e uso da tecnologia. Outra grande diferença que chama a atenção é a sua ausência no mundo midiático, sendo sempre proposto e cobrado o afastamento total do *marketing* evangélico. Como ápice da diferença entre as igrejas mencionadas, destaca-se o fato de que na IEP homens e mulheres não podem compartilhar do mesmo espaço, nem no templo, ficando homens de um lado e

¹⁷⁰ Chamaremos a Igreja Evangélica Preparatória também de Igreja Preparatória, como é chamada pelos seus seguidores, ou simplesmente IEP.

¹⁷¹ ALBUQUERQUE JÚNIOR, V. de. *Dá glória e receba!*, p. 129.

¹⁷² Depoimento colhido em longa entrevista concedida pelo Pastor Marco, na sede da IEP. Nesse mesmo momento o líder dispôs cópias dos documentos principais que regem a doutrina e a disciplina da igreja, como Estatuto, Regimento Interno, documentos e fotos que contam a história da igreja e Apostilas de Ensino.

¹⁷³ Pastor Marco Antônio, presidente e fundador da Igreja Evangélica Preparatória.

mulheres do outro, bem como em transportes públicos ou fretados para deslocamento dos membros da Igreja Preparatória.

4.3.1. Uma igreja fora de sua época

No final dos anos de 1980 a cidade de Juiz de Fora (MG) testemunhou o nascimento da Igreja Evangélica Preparatória. Trata-se de uma igreja pentecostal que há mais de trinta anos mantém sua estrutura, doutrina, liturgia, usos e costumes, fechada às mudanças culturais e sociais que tendem a permear os ritos das igrejas neopentecostais.

A história desta igreja está intrinsecamente ligada à trajetória de seu fundador, Pastor Marco Antonio, que também é o seu presidente nacional. A sua postura caminha ao encontro da imagem estereotipada de um líder pentecostal clássico, e mais do que isso, é exemplo de como deseja a apresentação pessoal dos seus membros.

Conforme relatos colhidos durante a pesquisa, nas reuniões para os cultos, nas concentrações públicas, nas publicações próprias da IEP (Regimento Interno, documentos históricos da igreja e Apostilas de Ensino), confirmados através de depoimento pessoal do próprio pastor Marco, a conversão do então jovem, negro, de família simples, deu-se no fim dos anos 1970, na cidade do Rio de Janeiro, quando o pentecostalismo já povoava fortemente o Brasil. E foi justamente em uma igreja pentecostal que isso aconteceu.

Marco Antonio, de família com prática sincrética, oscilando entre o catolicismo e o culto afro, unindo umbanda e candomblé, chamado de “catolicismo de terreiro”, segundo ele próprio relata, corroborando com as possibilidades de trânsito religioso e denominacional, já então consolidadas na cultura religiosa brasileira, atraído inicialmente pelo pentecostalismo, entra num templo da recém-criada Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) e assiste à reunião. Igreja que, em suas palavras: “ainda falava do Jesus verdadeiro”. Rompia-se ali, os laços com as crenças de família. Mais tarde, transitaria para a Assembleia de Deus, no Leblon, ainda no Rio de Janeiro, convertendo-se ao pentecostalismo “aceitando Jesus como Salvador”, em uma congregação da mesma igreja.

Segundo o pastor Marco relata, ao levantar as mãos em sinal de aceitação do evangelho, caminhando em seguida até a frente, próximo ao pastor daquela igreja,

uma voz de profecia¹⁷⁴ foi ouvida entre os presentes, dizendo: “Eis aí o jovem que envio para te ajudar”. Tal fato marcaria ainda mais a experiência religiosa de uma pessoa que se imergia no universo simbólico pentecostal. Foi então que ele conheceu um pentecostalismo assembleiano, de forte rigor ascético com o qual se identificaria.

O jovem cristão resolveu seguir sua vida em Juiz de Fora, onde procurou uma igreja para tornar-se membro. Após algumas visitas a outras denominações, decidiu estabelecer-se na filial da Igreja Assembleia de Deus (AD)¹⁷⁵, Ministério de Jacarezinho/RJ, desenvolvendo ali suas atividades religiosas por vários anos.

Conforme relata Albuquerque Júnior¹⁷⁶ em sua dissertação:

Entre sonhos, visões, profecias, pregações, interpretações de mensagens glossolálicas e/ou outras manifestações de dons espirituais e experiências pentecostais, o crente Marco Antonio Mendes ia assimilando, no bojo de sua religiosidade – a anterior [culturalmente] herdada e a agora adquirida (por conta da quebra da antiga “pertença” e adesão à nova) –, novos processos e possibilidades de articulações simbólicas dos dois ideários: o do “espiritismo-católico” e o agora [super]predominante pentecostalismo clássico. Fato é que se operam rupturas e continuidades, fronteiras e porosidades, nas transações simbólicas que constituem os processos de transição de crenças.¹⁷⁷

Com os anos de atuação na AD, em Juiz de Fora, o pastor Marco diz ter percebido paradoxos entre a realidade e o ideal para o funcionamento da igreja, observando divergências entre igrejas da mesma denominação. Tendo um aprendizado religioso inicial em uma igreja pentecostal de forte rigor ascético, e sendo a nova igreja, em Juiz de Fora, uma “igreja coirmã”, em tese, com uma mesma base histórica e visão evangélica, esperava que a rigidez doutrinária, o rigor da “sã doutrina” e “santidade pentecostal”, fossem iguais em qualquer lugar que a AD se fizesse representar.

Contudo, um contínuo processo de abertura inclusiva, ou seja, redução significativa da preocupação eclesiástica em manter a disciplina puritana de uma doutrina mais impositiva, mais sectária, enfraquecia a identidade que igualava os crentes pentecostais na ótica secular. Estas circunstâncias conduziam o fundador da Igreja Preparatória a juntar elementos para romper com a estrutura denominacional

¹⁷⁴ Ação de predizer (prever) o futuro, que se acredita ser por meio de uma inspiração divina. No meio cristão é o termo utilizado para relatar palavra que vem de Deus.

¹⁷⁵ Chamaremos a Igreja Assembleia de Deus também de Assembleia de Deus ou AD, como é comumente chamada pelos seus membros.

¹⁷⁶ ALBUQUERQUE JÚNIOR, V de. Dá glória e receba!, p. 30.

¹⁷⁷ ALBUQUERQUE JÚNIOR, V de. Dá glória e receba!, p. 30-31.

na qual atuava, mesmo já desenvolvendo, a esta altura, atividades ministeriais na AD. Das atividades referidas, destaca-se a responsabilidade pelos cultos de libertação.¹⁷⁸ Culto esse que, embora não muito presente nas estruturas tradicionalistas assembleianas, tornara-se mais frequente também nestas igrejas, sobretudo, em igrejas menores, nas periferias. Sobre isso, Albuquerque Júnior diz que “as ações de exorcismo e cura divina não são os elementos mais importantes no pentecostalismo clássico, e sim, o caráter cristocêntrico e espiritocêntrico dos cultos.”¹⁷⁹

Aqui também se aplica o pensamento já dito de Prandi, que ressalta que “quem não muda não sobrevive”. Isso ficou claro também na vida religiosa daquele jovem, conforme nos relatou.

Lembrando-se de uma visão sobrenatural, enquanto orava num monte, ele diz que: “estava escrito no céu, com chamas de fogo, a palavra ‘Preparatória’”. Inicialmente entendeu tratar-se de tema de sermão. Pensou ser uma ordem dos céus para pregar que “a obra de Deus tem que ser preparatória”. Somada a esta, outras experiências, teve certeza de se tratar de uma ordem divina para a criação de uma nova igreja, que mantivesse a “doutrina verdadeira”. Em poucos dias, surgiria em Juiz de Fora, a Igreja Evangélica Preparatória, fundada oficialmente em 1989, no primeiro dia de janeiro.

Foram quase dez anos, da sua conversão ao pentecostalismo, no Rio de Janeiro em fins dos anos 1970, até o culto de inauguração da Igreja Evangélica Preparatória, em Juiz de Fora, interior de Minas Gerais.

Alguns irmãos, cientes da carta e do pedido de desligamento da AD, revoltando-se com a igreja, deram razão ao então presbítero Marco, reconhecendo nele um verdadeiro líder espiritual. Entretanto, o pastor Marco estava determinado a voltar para o Rio de Janeiro, no que uma irmã tenta o convencer a ficar, dizendo: “o Senhor vai te pedir conta dessas almas que aqui ficarão.” Nesse momento, sua certeza de voltar havia se esvaído. Com a convicção de que a visão que tivera tratava-se de uma iluminação divina indicando o nome da nova igreja que deveria ser iniciada, o agora pastor Marco Antonio, funda a IEP.

Como já dito, em janeiro de 1989, no dia primeiro, nasce a Igreja Evangélica

¹⁷⁸ Culto voltado para presença do Espírito Santo, expulsando todo o mal de uma pessoa ou ambiente. Muito comum nas igrejas pentecostais e neopentecostais.

¹⁷⁹ ALBUQUERQUE JÚNIOR, V de. Dá glória e receba!, p. 31.

Preparatória, tendo seu primeiro culto realizado na Praça do Riachuelo (dos Três Poderes), em Juiz de Fora. Em seguida os cultos passaram a acontecer na casa de uma simpatizante. Em pouco tempo a liderança e os membros estavam indo para um salão alugado. Mesmo com contrato de um ano, a igreja só pode ficar ali três meses, pois a grande procura para assistir aos cultos aumentava a cada vez, ficando uma grande quantidade de ouvintes do lado de fora do salão. A igreja então busca um novo lugar para suas reuniões. Viu-se obrigada a se deslocar para outro bairro, em um novo salão alugado, realizando ali a festa de um ano de existência da Igreja Preparatória. Depois, recebendo um terreno através de doação, constrói o primeiro templo próprio, onde hoje se encontra a sede administrativa da IEP. Porém, mais uma vez viu-se a necessidade de um lugar mais amplo para conter a demanda dos fiéis que aderem à doutrina da igreja, participando dos seus cultos e estudos. Dessa forma, mesmo tendo agora um templo próprio, aluga um galpão maior, bem organizado estruturalmente, cumprindo bem sua função, na Avenida Brasil, em Juiz de Fora, cidade onde a igreja nasceu e realiza suas atividades espirituais.

Assim nasceu a Igreja Evangélica Preparatória. E nesse contexto, há uma controvérsia quanto à fase do movimento pentecostal em que ela está inserida, o que será melhor compreendido a seguir.

4.3.2. Enquadramento tipológico da Igreja Evangélica Preparatória

Há uma questão adversa quanto ao padrão tipológico que se encaixa a IEP. O Pastor Marco Antonio, por ter sua linha doutrinária baseada nas primeiras Assembleias de Deus, prefere enquadrá-la no pentecostalismo, o que seria a primeira onda. Para ele não importa o período em que a IEP foi fundada, mas a base doutrinária que segue. Já no enquadramento segundo Ricardo Mariano, embora aceite a questão de afinidade, ela estaria encaixada em outra fase.

Conforme tipologia de Ricardo Mariano, que estabelece, antes por questões de afinidade teológica e doutrinária do que por critérios cronológico-históricos as “identidades” denominacionais de cada igreja, a IEP se caracteriza como deuteropentecostal¹⁸⁰. Isso por conta da profunda relação com a estrutura litúrgica

¹⁸⁰ MARIANO, R. Neopentecostais, p. 32.

da Assembleia de Deus.

A IEP não é de ‘primeira onda’ (1910), ou clássica, obviamente pelo fator histórico e cronológico, visto ter surgido no fim dos anos 1980. No entanto, mantém a herança direta da organização eclesialístico-hierárquica assembleiana, com exceção de missionários. Também há que se ressaltar a questão de gênero na IEP, uma vez que mulheres também ocupam posições ministeriais no púlpito, como missionárias, uma exceção ao padrão normativo das Assembleias de Deus, embora algumas destas igrejas já reconheçam e invistam autoridade pastoral em quadros femininos.

Segundo Mariano, o enquadramento para igrejas com esse perfil, seria como neopentecostal, visto que a principal característica do neopentecostalismo é a ruptura com o modelo sectário e com o ascetismo puritano do pentecostalismo clássico. Contudo, o pentecostalismo da IEP não adere ao estilo social-inclusivo do neopentecostalismo, indo contra os usos e costumes da modernidade, considerando práticas absolutamente mundanas, apresentando-se como agente conservador dos costumes de santidade pentecostal, com “exigências doutrinárias junto a seus crentes, sendo as regulações eclesialísticas todas estatuídas em regimento próprio, distribuído a todos os membros, por ocasião de seus batismos e filiações,”¹⁸¹.

Assim, o mais plausível pode ser tomar que a IEP se enquadra na “segunda onda” sobre a mesma base teológica da Assembleia de Deus, mas com mais rigor doutrinário, como afirma Ricardo Mariano sobre o movimento:

tendo em conta que a segunda onda mantém o núcleo teológico do pentecostalismo clássico, mas se estabelece quarenta anos depois e com distinções evangelísticas e ênfases doutrinárias próprias, optamos por renomeá-la de deuteropentecostalismo. O radical deuter (presente no título do quinto livro do pentateuco), significa segundo ou segunda vez, sentido que torna muito apropriado para nomear a segunda vertente do pentecostalismo. Temos, assim, primeiro o pentecostalismo clássico, seguido do deuteropentecostalismo.¹⁸²

Mas seja qual for o enquadramento tipológico da Igreja Preparatória, certo é que o seu líder, Pastor Marco, tem bem definida as linhas teológica, doutrinária e disciplinar que pretende continuar dirigindo ‘sua’ igreja. E são exatamente essas linhas que veremos a seguir.

¹⁸¹ ALBUQUERQUE JÚNIOR, V de. *Dá glória e receba!*, p. 38.

¹⁸² MARIANO, R. *Neopentecostais*, p. 32.

4.3.3.

Doutrinas e disciplina da Igreja Evangélica Preparatória

Aqui destacaremos as características doutrinárias e disciplinares da IEP, buscando compreender as motivações da liderança e dos fiéis para adequação e permanência na igreja. Faz-se necessário ainda, entender os processos de conversão e adesão à Igreja Preparatória por parte dos adeptos com suas experiências religiosas. É aí que se apresenta o momento relatado como “único” na vida do converso, que experimenta transformação profunda.

Entendemos por conversão o sentido de “mudança”, “transformação” tanto no nível de ideias como no nível de práticas. Como descreve Gomes (2011), além daquele que muda de uma religião para outra distinta, “o termo conversão é utilizado também para caracterizar a entrada em uma nova religião, capaz de transformar a cosmovisão do sujeito, mudar a identidade do converso e alterar sua relação com a realidade e o mundo.”¹⁸³

É justamente esse novo convertido que normalmente traz o ânimo para os cultos e para as tarefas diárias da igreja. É o chamado ‘primeiro amor’. A nova ovelha ainda não enxerga os problemas na igreja e está empolgado com sua nova condição de justificado. Também não pode fazer parte da cadeia administrativa da IEP, pois somente adeptos aprovados pela liderança, após longo tempo de treinamento, podem ser inseridos da diretoria da igreja.

Já quanto a liderança eclesiástica a IEP possui um sistema de governo simples. A sua estrutura eclesiástica, em ordem decrescente de hierarquia, é composta de: Ministros (pastores, missionários, evangelistas, presbíteros); Obreiros (diáconos e cooperadores); Membros (adeptos registrados em condições normais). Sendo o ministério pastoral composto somente por homens e os demais abertos às mulheres.

Quanto à organização administrativa, existe a centralidade de poder em Juiz de Fora, que coordena todos os demais municípios e regiões. Em vista de um melhor acompanhamento dos seus féis, são impostas regras para os rituais e para seu modo de viver, confirmando a linha conservadora da igreja na preservação de seus traços originais.

Por esse traço conservador, a fundação da Igreja Evangélica Preparatória representa a sobrevivência, e quem sabe, o resgate, do velho e clássico pentecostalismo. A santidade pentecostal é o tema mais recorrente no discurso da

¹⁸³ GOMES, W. Fenomenologia e Pesquisa em Psicologia, p. 158.

Igreja Preparatória, dando o tom da dinâmica das mensagens, dos testemunhos, das músicas e das manifestações carismáticas. É de se entender o porquê de o fundador da IEP ter encontrado obstáculos às suas ‘intenções ascéticas’ entre seus pares na AD. Sua doutrina tradicional oferece, além dos serviços religiosos convencionais, assistência social e segurança espiritual e pragmática a seus membros. Estes acreditam estarem cercados por uma realidade ameaçadora e enganosa do movimento neopentecostal e do mundo.

É normal e costumeiro ter na abertura de seus cultos mensagens como:

o Senhor não quer saber o que cada um aqui essa noite tem. Ele quer saber quem você é com Ele! O que importa é como você sente a presença da glória de Deus na igreja. Ele só derrama sua glória onde há santidade.¹⁸⁴

Em todos os cultos da IEP frequentados para a pesquisa, foram percebidas frases como: “nossa igreja é falada porque somos diferentes, fazemos a diferença. Porque aqui quem manda é Jesus!” e também: “recebi uma ordem do Senhor: Orar pelas famílias. A família coberta pelo sangue de Jesus é uma família protegida. Não tem mal, não tem inimigo que resista ao poder do sangue de Jesus”. Ou seja, a autoridade inquestionável da igreja e a preocupação com o bem estar e segurança da família são temas recorrentes em suas homilias.

Também a preocupação da IEP com a hierarquia é muito pronunciada. Os espaços entre os bancos centrais do templo, nos maiores corredores, nos cultos especiais de consagração e ordenação de obreiros, são explorados pelos membros a serem consagrados ou ordenados a obreiros ou ministros, que devem transitar por esse espaço (corredor oficial), recebendo honras, tendo a aprovação da igreja, que, com expressões de alegria, comunicam-se nessa ocasião marcante para eles.

Em suas reuniões procuram sempre manter os antigos padrões normativos de usos e costumes, inclusive preservando a distinção entre os espaços que devem ser ocupados por irmãos ou irmãs. Isso deve ocorrer em todas as concentrações de fieis da igreja. Vê-se a ação eficiente de um sistema administrativo e hierárquico, reproduzido em todas as esferas da IEP, também na linguagem dos crentes, que se reportam ao sujeito pelo título, e não pelo nome: “Paz do Senhor, pastor, missionário, evangelista, presbítero, cooperador, diácono!”.

Quanto aos cultos da Igreja Preparatória, todos são dinâmicos e alegres e

¹⁸⁴ Discurso realizado na sede da IEP pelo Pr. Marco Antonio num culto de meio de semana observado na visita durante a pesquisa.

estruturalmente parecidas com as das Assembleias de Deus, sobretudo as congregações desta. As reuniões principais da IEP são os cultos de Consagração de obreiros, Santa Ceia e as ocasiões de Batismo. Todavia, a igreja tem suas elaborações litúrgicas próprias e independentes.

Mas ela não se isenta do mercado gospel. A IEP é consumidora da produção religiosa profissionalizada do mercado musical evangélico. Nisso, observamos a contradição entre o contra culturalismo e apologética ao classicismo da tradição dos pentecostais pioneiros e a utilização de recursos técnicos instrumentais, como o uso de músicas do universo gospel, incluindo-se aí também os “corinhos de fogo”, vários deles produzidos por cantores de grandes centros. Em seus cultos, podemos ouvir de hinos clássicos da Harpa Cristã, instrumento basilar no culto da IEP, recurso estatuído no seu RI¹⁸⁵, a uma variedade de corinhos compostos por fieis de outras igrejas e com outras doutrinas.

Fato é que a música desempenha protagonismo nas estruturas da liturgia da IEP, e corrobora Mendonça¹⁸⁶ quando destaca o papel discursivo da música no culto pentecostal, haja vista ser ela uma das formas de manifestação teológica desse movimento. Outras manifestações do rito litúrgico do pentecostalismo da IEP são compostas de profecias, línguas estranhas (glossolalia), visões, revelações, cura, operação de maravilhas, entre outras. Eventos estes, remanescentes de um pentecostalismo mais antigo, sobretudo em congregações de zonas rurais e áreas periféricas mais afastadas¹⁸⁷.

Mas, diferentemente de outras igrejas modernas, a IEP não visa lucro algum através da música. Financeiramente a igreja vive dos dízimos, das ofertas e de doações de membros e simpatizantes. Como já visto, é prática presente nas igrejas neopentecostais o recolhimento do dízimo e das ofertas como parte fundamental do culto. A IEP não é diferente, mas tem buscado dar um fim mais social aos recursos capitados por meio das doações dos fiéis.

Fora do investimento no *marketing* e da mídia digital, a igreja procura investir o dízimo e as ofertas em outros campos, como por exemplo, no centro de recuperação de dependentes químicos, no amparo a moradores em situação de rua

¹⁸⁵ Regulamento Interno vinculado ao Estatuto da Igreja Evangélica Preparatória.

¹⁸⁶ MENDONÇA, A. G. O celeste porvir, 1995.

¹⁸⁷ ALBUQUERQUE JÚNIOR, V. de. Fronteiras semânticas, p. 46.

e na ajuda constante aos mais necessitados, especialmente os membros da própria igreja. Essas práticas são vistas como tradições bíblicas.

Há uma intenção clara e manifesta da liderança da IEP de trazer à igreja o que ele chama de “sã doutrina”,¹⁸⁸ mantendo as tradições de santidade buscadas pelas pentecostais pioneiras, sobretudo no que tange aos usos e costumes, sem se deixar contaminar com outros segmentos. Isso vai na contramão do que diz Mendonça quando afirma que:

a dificuldade de natureza externa que o protestantismo teve para penetrar foi apresentar-se como uma contracultura. Ao exigir de seus adeptos comportamento radicalmente diferenciado das normas de conduta usualmente aceitas não somente afastou a maior parte dos possíveis simpatizantes, mas provocou reação por parte da sociedade mais ampla. Vou considerar aqui dois aspectos da questão: primeiro, o rompimento com o lazer e com o lúdico e, segundo a sua ética.¹⁸⁹

O que parece não acontecer com a IEP, pelo menos não de forma a atingi-la radicalmente, pois não para de crescer o número de adeptos que concordam com a doutrina da igreja.

Assim a IEP segue como igreja conservadora, em defesa da bíblia e da manutenção das instituições sociais tradicionais: religião e família. A igreja prega o seguinte lema: “Combatida por muitos; Esquecida por uns; Exigida por Deus; E Aceita por nós”¹⁹⁰. Em seu RI se encontram os direitos e deveres de seus adeptos em todos os graus e as definições do que é permitido e o que é proibido nos trajes masculinos e femininos¹⁹¹. Outra característica percebida na doutrina da IEP é que seus templos não dispõem de batistério (ou pia batismal), realizando esse sacramento em leito de rios.

Ao investigar a IEP percebemos as estratégias de motivação e fidelização dos fiéis para manter-se crescendo, mesmo em contexto de efervescências de outros movimentos religiosos que podem ser vistos como seus concorrentes. Contudo, a instituição expandiu-se, como já visto, o que nos leva a crer que a dificuldade de encontrar igrejas realmente tradicionais, voltadas para regras rigorosas em suas disciplinas e doutrinas não é uma questão local.

Ainda que não se exponha ao público através da mídia digital, o trabalho de

¹⁸⁸ Doutrina totalmente igual a ensinada na Bíblia. Doutrina dos Apóstolos.

¹⁸⁹ MENDONÇA, A. G. O celeste porvir, p.153.

¹⁹⁰ Texto escrito nos documentos internos da igreja, tido como *slogan* oficial da igreja referindo-se à bíblia.

¹⁹¹ Regimento Interno da Igreja Evangélica Preparatória, p. 35.

divulgação da IEP tem colhido resultados expressivos, visto seu crescimento constante. O método utilizado como *marketing* para a igreja tem sido o testemunho de seus membros, que são sempre encorajados a convidarem outros para próxima reunião. Com isso, os cultos da igreja, em qualquer de suas congregações, estão sempre cheios.

Também somos levados a crer que, na busca por uma igreja diferente das tradicionais mais antigas e das pentecostais e neopentecostais modernas, o público alvo da igreja tem sido alcançado, uma vez serem exatamente os inconformados com experiências mais abertas que procuram a IEP para se filiarem.

Intriga-nos, no entanto, o crescimento constante de uma igreja que, na contramão da caminhada neopentecostal, cerceia direitos e possíveis vontades de seus membros, controlando as suas vidas sociais. Tem certa complexidade o entendimento de como num cenário de tanta oferta religiosa, a IEP aparece como gerente da vida de seus membros, mas estes não somente permanecem, aceitando as regras da igreja, como convidam outros a fazerem parte desse universo.

Por fim, é percebido nas características apresentadas pela IEP que, além de ser uma forma de refúgio para seus adeptos, as motivações individuais de seus seguidores, numa perspectiva socioeconômica, fazem parte da escolha de um público específico, para qual sua teologia e liturgia são destinadas. Assim os planos e visões dos líderes para a manutenção e crescimento frente a sua concorrente no mercado religioso logram êxito.

4.4. Similaridades e diferenças

São muitas as diferenças entre as igrejas pentecostais e neopentecostais. Diferenças que existem inclusive entre igrejas participantes de um mesmo movimento. Seria normal haver vários aspectos idênticos entre essas igrejas, pois surgem do mesmo movimento e algumas encontram-se inseridas na mesma onda, como a Bola de Neve Church e a Pier 49 Church. Porém, algumas similaridades chamam a atenção, no que diz respeito as suas práticas, doutrinas e valores.

Uma das práticas que se assemelham é a metodologia aplicada pelos líderes no momento de recolher os dízimos e as ofertas, que mesmo com mensagens próprias, são sempre motivadoras, visando a maior adesão possível. Outros pontos

em comum entre a Bola de Neve Church, a Pier 49 Church e a Igreja Evangélica Preparatória são a disposição de recursos e mão-de-obra para trabalhos sociais visando auxiliar aos mais necessitados, não apenas com campanhas para doações de itens de primeira necessidade, mas também com a ministração de cursos profissionalizantes. Nessas ações é comum a essas igrejas uma espiritualidade prática ensinada por Jesus aos seus discípulos que, quando interrogado sobre qual é o maior mandamento, diz: “Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento. Este é o primeiro e grande mandamento.” (Mt 22,36-38). Trata-se de uma prática costumeira entre as igrejas cristãs, mas também há uma intensão por trás do ato, que pode nem sempre ser a melhor. Somos despertados a termos uma certa desconfiança quando impelidos pela seguinte observação de Cunha:

na mesma linha das empresas, as igrejas utilizam-se da ação social como proselitismo para conquistar maior número de consumidores/adeptos, ou como marketing institucional – para construir imagem positiva com o grande público. Nessa linha, um sem-número de ofertas de consultorias de marketing especializado no cenário religioso estão à disposição das igrejas para contribuir no estabelecimento de estratégias a fim de alcançar os resultados previstos.¹⁹²

Utilizando-se de mecanismo social através das distribuições de cestas básicas de alimentos, ou outras formas de assistência social, algumas igrejas podem estar mais interessadas num *marketing*, tornando-se uma instituição agradável aos membros da comunidade, além de atrair mais adeptos para o seu rol de seguidores. Outras podem optar por esse tipo de manifestação apenas por amor ao próximo, tarefa primordial da igreja.

Mas, mesmo as que não colocam o cuidado com o próximo como principal ponto de tal estratégia, acabam por enxergar uma prática da espiritualidade nessas ações, sentindo-se confortáveis com a situação de cuidador dos mais necessitados.

A caridade é a via mestra da doutrina social da Igreja. As diversas responsabilidades e compromissos por ela delineados derivam da caridade, que é - como ensinou Jesus - a síntese de toda a Lei (cf. Mt 22, 36-40). A caridade dá verdadeira substância à relação pessoal com Deus e com o próximo; é o princípio não só das micro relações estabelecidas entre amigos, na família, no pequeno grupo, mas também das macros relações como relacionamentos sociais, económicos, políticos. Para a Igreja - instruída pelo Evangelho -, a caridade é tudo porque, como ensina S. João (cf. 1 Jo 4, 8.16) e como recordei na minha primeira carta encíclica, « Deus é caridade » (Deus caritas est): da caridade de Deus tudo provém, por ela tudo toma forma, para ela tudo tende. A caridade é o dom maior que Deus concedeu aos homens; é sua promessa e

¹⁹² CUNHA, A explosão gospel, p. 53-54.

nossa esperança.¹⁹³

E seguindo essa visão de beneficência, a IEP vai além da distribuição de alimentos no engajamento social. A igreja mantém um centro de recuperação de dependentes químicos, com recursos apenas da própria igreja, não contando com nenhuma participação monetária de político ou empresas. Isso também a diferencia das demais.

As igrejas Bola de Neve e Pier 49 assemelham-se nas liturgias, buscando sempre músicas com ritmos dinâmicos que atraem os jovens, tornando seus cultos mais musicais do que propriamente voltado para a Palavra pregada, enquanto que a IEP preza pela homilia voltada para a exortação e encorajamento dos fieis no sentido de permanecerem fieis as doutrinas ensinadas naquela igreja, uma vez que se trata de obediência ao próprio Deus.

Outra semelhança entre essas duas igrejas neopentecostais acima é o uso indiscriminado das redes sociais e do marketing midiático. Todos seus movimentos são facilmente encontrados nas plataformas e mídias digitais. Estão sempre buscando o foco das lentes para não perderem adeptos e alcançarem outros. Já a IEP não compartilha dessa visão, preferindo ficar no anonimato midiático, vivenciando um cristianismo mais antigo, quando os próprios convertidos levam a mensagem de fé e, ao anunciarem as Boas Novas de Cristo, aproveitam para dizer que é na IEP que poderão vivenciá-las.

Na parte doutrinária a IEP, bem mais severa, prega uma abstenção de certas práticas e usos, como na questão das vestimentas, dos modismos, do uso de celulares e outros equipamentos digitais, enquanto as outras duas igrejas permitem e incentivam seus fieis a vivenciarem todas as experiências que um jovem não cristão vivencia. Há ainda inúmeras semelhanças e diferenças entre essas igrejas, mas o objetivo aqui não é esgotar o tema, mas destacar que, nem pelo fato de fazerem parte de um mesmo movimento, ou de um mesmo período histórico, ou ainda de um mesmo cristianismo, elas podem e devem ser tratadas e analisadas como iguais.

Com os grandes desafios da pós-modernidade a Teologia se viu obrigada a dar respostas imediatas, sendo muito mais para acomodar do que um repensar

¹⁹³ CV 2.

verdadeiro da Teologia¹⁹⁴. Dessa forma, pode-se perceber diferentes cristianismos vivenciados e traçados por cada igreja, sendo bem antagônicos, com tudo, buscando entregar para os adeptos a segurança de estar no lugar certo para compreender mais sobre o Reino e servir melhor ao Senhor.

Neste sentido, defende Ribeiro, o Princípio Pluralista. Segundo o teólogo:

O princípio pluralista nos leva a defender a visão de que cada expressão religiosa tem sua proposta salvífica e de fé, que devem ser aceitas, respeitadas, valorizadas e aprimoradas a partir de um diálogo e de aproximação mútuas.¹⁹⁵

Mesmo com métodos bem diferenciados de cada igreja, acabam por oferecer, ainda que apenas na teoria, propostas iguais de salvação e fé. Ainda, o diálogo é fundamental para uma convivência respeitosa e para o desenvolvimento de tais propostas. Também todas contribuem para a discussão teológica, especialmente do tempo hodierno, quando tudo acontece muito rápido e se dilui com a mesma rapidez. E é sobre essa discussão e visão de espiritualidade que tratamos no próximo capítulo.

4.5. Considerações parciais

A Igreja Evangélica Preparatória tem como figura central administrativa o seu fundador, o Pastor Marco, denominado mito fundante. As histórias da igreja e do pastor se confundem, pois estão interligadas. A IEP, diferente de outras igrejas, não vê com bons olhos o *marketing* midiático, carro chefe de várias igrejas neopentecostais, como a Bola de Neve e a Pier 49. Na verdade, quase nenhum tipo de modernidade eletrônica-digital é aceita na IEP. Na contramão da caminhada natural das igrejas neopentecostais, a IEP destaca-se não apenas pela aversão à mídia e páginas sociais, mas principalmente por sua doutrina rigorosa quanto ao comportamento de seus adeptos, inclusive fora do âmbito da instituição.

5. A revelação de Deus: caminho para uma espiritualidade madura

¹⁹⁴ QUEIRUGA A. T. Fim do cristianismo pré-moderno, p. 121.

¹⁹⁵ RIBEIRO, C. de O. O princípio pluralista, p. 248.

Há, notoriamente, diferentes cristianismos dentro do cristianismo brasileiro hodierno. Esses cristianismos alternativos são vivenciados e divulgados pelas diversas igrejas da terceira onda, as neopentecostais, que surgem pressurosamente em fileira, tornando enigmática a definição da teologia por elas defendida ou apresentada. Ainda que professem a fé em Jesus Cristo, encontram diversas formas de vivenciá-la. Mas a revelação de Deus não deve ser posposta na caminhada para alcançar uma teologia espiritual madura. As diferenças doutrinárias podem ser legítimas, mas não são capazes de substituir a proeminência e os efeitos da revelação divina.

Para Gibellini,

não se pode falar de revelação como palavra, e sim de revelação como história; Deus não se auto revela diretamente por sua palavra endereçada ao homem, e sim indiretamente, na língua dos fatos, isto é, por meio de suas intervenções na história, entre as quais a ressurreição de Jesus Cristo.¹⁹⁶

A história conta também com a revelação de Deus. E a diversidade faz parte da história. E agora, a diversidade cristã. E essa diversidade cristã traz consigo desafios tão espessos quanto os encontrados no pluralismo religioso. A tolerância e o diálogo também são temas a serem pensados entre igrejas que carregam o nome de evangélicas, pois ainda que tragam em si doutrinas parecidas, em muitos momentos as diferenças as tornam incompatíveis. Essa incompatibilidade dificulta compreendê-las como pertencentes ao mesmo cristianismo.

Dentre os aspectos que as aproximam, apontamos um como o âmago de todas, que é a certeza de serem originariamente parte de uma inspiração divina. Esse fato por si só, no ponto de vista de cada uma delas, já seria o suficiente para serem acreditadas e respeitadas como transmissoras da verdade celestial. Seguindo na trajetória de fazer o bem às pessoas individualmente e, indiretamente, à comunidade, veem como configurado o selo de igreja de Deus.

A revelação é, portanto, o atestado de autenticidade que a igreja recebe para se apresentar como legítima representante de Cristo na terra. Segundo Queiruga, “a revelação é um dado constitutivo da estrutura mesma da religião”¹⁹⁷. Ainda que não percebam a divindade da mesma forma, as diferenças não ficam apenas na forma

¹⁹⁶ GIBELLINI, R. A Teologia do Século XX, p. 273.

¹⁹⁷ QUEIRUGA, A. Torres. A revelação de Deus na realização humana, p. 20.

de enxergarem a divindade. São inúmeras as dissimetrias que as separam em vários aspectos, mesmo proferindo a fé no mesmo Cristo.

Como já visto, enquanto a Bola de Neve e a Pier 49 buscam inserir em suas reuniões e cultos, práticas que seguem a tendência pós-moderna de vestimentas, ritmos musicais e shows pirotécnicos, a Igreja Preparatória se apresenta mais recatada, voltando às tradições antigas, primando pelo uso de vestimentas sociais. As diferenças continuam quando Bola de Neve e Pier 49 se voltam para total inclusão digital, fazendo do *marketing* mercadológico um trunfo para a aquisição de novos adeptos e divulgação constante de seus produtos religiosos, enquanto a Igreja Preparatória prefere a exclusão quase que total dos holofotes e das mídias digitais, conduzindo os membros às mesmas atitudes. Inclusive aos membros da IEP é inibida a participação em redes sociais ou qualquer movimento que fuja das características da igreja, seja em suas dependências, seja na convivência social fora dela. Ainda assim, há uma espiritualidade pretendida em suas ações e crenças.

A espiritualidade desenvolvida por essas igrejas é percebida de forma diferente em cada uma, trazendo um ressignificado para dentro do discurso teológico, uma vez que se trata da mesma religião, mas com práticas e ensinamentos cristãos diferentes. Isso traz-nos uma nova discussão teológica quanto a espiritualidade vivenciada em cada uma das igrejas pentecostais ou neopentecostais brasileiras. Não há aqui uma pretensão de avaliar qual igreja age corretamente e qual não age, mas de compreender os seus valores e objetivos dos movimentos que surgiram nos fins do segundo milênio e que aportaram firmes no terceiro, como realidades religiosas.

Como diz Queiruga: “se partimos da afirmação de que todas as religiões – enquanto modos específicos de acolhida e configuração comunitária da universal presença salvífica de Deus – são verdadeiras, o diálogo brota por si mesmo”¹⁹⁸. No olhar divino, cada uma é chamada e atraída com amor igual, em prol do mesmo objetivo. Como diz Ronsi,

o pluralismo religioso provoca a teologia em questões que lhe são essenciais e exige que a teologia compreenda o significado da pluralidade religiosa dentro do projeto salvífico de Deus e sua relação com o mistério de Jesus Cristo e com o cristianismo.¹⁹⁹

¹⁹⁸ QUEIRUGA, A. T. Autocompreensão cristã: diálogo das religiões, p. 139.

¹⁹⁹ RONSI, F. Q. A mística cristã e o diálogo inter-religioso em Thomas Merton e em Raimon Panikkar, p. 14.

Embora estejamos aqui tratando de um ‘pluralismo cristão’, esse também provoca a teologia no mesmo sentido. O projeto de salvação engendrado por Deus deve ter seu significado compreendido nesse multicristianismo, como seu movimento até o ser humano, como diz Queiruga ao afirmar que:

a revelação é, antes de tudo, um movimento de Deus até nós e que tem caráter dinâmico: o ‘sempre aí’ indica tão somente que a presença sustentadora e a união radicam Deus-homem como raiz que alimenta e possibilita seu chegar sempre novo, vivo e histórico.²⁰⁰

Em meio à caminhada da humanidade rumo ao Deus criador, pode-se entender que caminhos diferentes conduzem pessoas diferentes à presença do Senhor, pois antes, é Ele mesmo que se achega. O cristão, por caminhos diversos, busca uma maior aproximação com o Criador, quer seja através do ritual de culto, quando a liturgia conduz o adorador à presença Divina, quer seja pela vida secular pautada na disciplina que emerge da doutrina religiosa em que está inserido.

E, muitas vezes o religioso se porta como um consumidor que escolhe até mais de uma experiência mística, ou solução espiritual, ou serviço religioso, numa oferta de grande variedade de elementos espirituais,²⁰¹ visando esse encontro tão almejado com o Criador.

Não se trata mais de uma autoridade religiosa imposta, como antes. Agora a lei da oferta e da procura prevalece também no meio religioso. E o fiel, que é visto como o consumidor, tem oportunidade de buscar em outros lugares aquilo que lhe apraz. Sobre isso, afirma Berger que

a tradição religiosa, que antigamente podia ser imposta pela autoridade, agora tem que ser colocada no mercado. Ela tem que ser ‘vendida para uma clientela que não está mais obrigada a comprar’. A situação pluralista é, acima de tudo, uma situação de mercado. Nela, as instituições religiosas tornam-se comodidades de consumo. E, de qualquer forma, grande parte da atividade religiosa nessa situação vem a ser dominada pela lógica da economia de mercado.²⁰²

O mundo religioso ocidental tornou-se mais atrativo e amplo, também pela variedade de oferta. Queiruga afirma que “a primeira coisa que salta aos olhos é que hoje nos deparamos com uma ampliação incrível do mundo religioso”.²⁰³ Isso inclui o Brasil, onde ocorre também uma ampliação no cristianismo.

A religião não é mais, como outrora, uma experiência de pertença comunitária, de ajuda mútua, de fraternidade, mas uma busca solitária pela satisfação dos males

²⁰⁰ QUEIRUGA, A. T. A revelação de Deus na realização humana, p. 189.

²⁰¹ PIERUCCI, A. F. Reencantamento e dessecularização, p.112.

²⁰² BERGER, P. L. O Dossel Sagrado, p.149.

²⁰³ QUEIRUGA, A. T. Autocompreensão cristã, p. 21.

individuais da vida. Essa busca solitária está descomprometida com qualquer espécie de vínculo institucional, a espiritualidade é formada e exercida a partir de um ponto de vista das necessidades individuais.²⁰⁴

Isso leva mais a igreja a se adaptar ao indivíduo do que o indivíduo à igreja. Contudo, embora haja, excepcionalmente, no Brasil, diferentes cristianismos num mesmo cristianismo, as diferenças em seus aspectos fundamentais convergem para um mesmo objetivo. As formas de vivência cristã, ainda que manifestadas de modos bem dissemelhantes, acabam por apresentar aspectos semelhantes, visto acolher o cristianismo histórico, que em sua base não autoriza a ausência de amor, nem egoísmo, nem falta de fé, sendo uma religião de relacionamentos, tanto entre pessoas, quanto de pessoas com Deus. Assim, algumas alternativas podem ocorrer nas liturgias, nas doutrinas e em outros aspectos religiosos, mas não no relacionamento com o próximo e com Deus.

O relacionamento com Deus deve ser sempre de obediência, diálogo, subserviência, reconhecimento e adoração. Isso certamente reflete no relacionamento com o próximo, como consta na oração do Pai-nosso: “perdoai-nos as nossas ofensas, assim como nós perdoamos aos que nos ofenderam” (Mt 6,12). Dessa forma, é compreendido pelo cristão que, quem quer de Deus o perdão, deve aprender a perdoar.

Para os cristãos, o próprio modo de agir de Jesus Cristo apresentado nas Sagradas Escrituras serve de inspiração. A vida de Jesus Cristo é um chamado ao encontro com o outro. Nas Sagradas Escrituras cristãs, Jesus Cristo é o grande promotor de encontros profundos com os mais necessitados. Ele é o modelo de sensibilidade inter-humana que inspira as atitudes dialogais de Francisco.²⁰⁵

O encontro é fundamental na vida do cristão, com Deus, com o próximo, com a natureza e consigo mesmo. Pois, é a partir do encontro que nos descobrimos e descobrimos a essência do amor. Contudo, amar as pessoas e a vida não restringe a uma aceitação de tudo como é, sem oposição, principalmente ao mal. O Apóstolo Paulo deixou evidente isso na sua carta aos Romanos, quando disse: “Não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação do vosso espírito, para que possais discernir qual é a vontade de Deus, o que é bom, o que lhe agrada e o que é perfeito” (Rm 12,2).

Logo, em um tempo marcado por tantos pluralismos, dentre eles o religioso,

²⁰⁴ CASTRO, R. A. Olha pra mim Senhor. pp.44-45.

²⁰⁵ FERRAZ, C.G.; CARDOSO M. T. de F. A cultura do encontro como chave de leitura da Carta Encíclica *Laudato Si'* do Papa Francisco, p. 426.

faz-se necessária uma transformação genuína no que diz respeito ao relacionamento com o próximo e com Deus, capaz de perceber que estão interligados e, ao mesmo tempo, interdependentes. Para não correr o risco de agir com indiferença à presença de Deus no encontro com o outro, já que é possível

ignorar esta Presença evitando todos os sinais para que sua vida não seja importunada por acontecimentos os quais não seja capaz de dominar. Como pode, também, além desta indiferença, simplesmente rejeitá-la.²⁰⁶

Por outro lado, o pré-julgamento de doutrinas, com a intenção de repudiar qualquer ação de qualquer igreja, colocando-a como contrária aos propósitos e designios de Jesus, acarreta o risco de se estar indo contra a obra do Senhor. Em um contexto parecido, Jesus repreendeu um discípulo quando este lhe falou sobre as atitudes de um grupo de pessoas que agia em seu nome, mas que não estava com eles, e do Mestre escutou: “não o proibais, porque quem não é contra nós é por nós” (Lc 9,49-50).

Mesmo não caminhando juntos, os segmentos cristãos podem estar realizando a obra do Senhor. É perfeitamente compreensível que cada envolvido tenha personalidade própria, visto ser uma troca entre pessoas diferentes e com valores e conhecimentos que sempre podem agregar para o outro, numa troca recíproca, especialmente se transmitida num convívio contínuo. Esse talvez seja um ponto a se considerar nas igrejas com diferentes formas para apresentar suas experiências com Deus. Pois se trata de salvação, como diz Queiruga:

nada ajudou mais que a crítica moderna da religião a redescobrir algo fundamentalíssimo na experiência cristã de Deus: que sua revelação e sua presença em nossa história não têm outro sentido senão a nossa salvação. Salvação em duplo valor: negação de toda a negação do homem e afirmação de tudo o que é positivo no humano²⁰⁷

A Igreja é um organismo vivo, com vontades próprias e com funções bem definidas, como agente de Deus: “porque, como o corpo é um todo tendo muitos membros, e todos os membros do corpo, embora muitos formam um só corpo, assim também é Cristo” (1Co 12,12). A Igreja é o corpo de Cristo e assim, também, tem órgãos com funções diferentes e formas diferentes de atuar. Assim, a diversidade dentro do mesmo cristianismo aponta para igrejas com identidades

²⁰⁶ RONSI, F. Q. A mística cristã e o diálogo inter-religioso em Thomas Merton e em Raimon Panikkar, p. 94.

²⁰⁷ QUEIRUGA, A. T. Creio em Deus Pai, p. 38.

geralmente idênticas às dos seus líderes, o que pode gerar adversidade, mas com uma finalidade em comum por se considerarem cristãos.

Dessa forma, as diferenças não podem ser, por si só, motivos para embates teológicos acirrados. A incompatibilidade de ideias sobre as diferentes formas que existem para viver como cristão não deve ser o suficiente para reprimenda por ambas as partes. Há de se analisar as sinceras motivações, preceitos e doutrinas que caracterizam as diferentes igrejas.

Visto ser certo que as diferenças dentro do próprio cristianismo existem, não podem ser ignoradas. Enquanto algumas igrejas se preocupam com a Teologia da Prosperidade²⁰⁸, outras se voltam mais para a vida disciplinar do adepto, e outras enveredam pelo caminho das liturgias modernas, com cultos-shows e uso extremo das tecnologias avançadas. Há ainda aquelas que têm um pouco de cada. Chegar ao equilíbrio talvez seja difícil, mas reconhecemos o esforço que deve haver para que cada uma seja fiel ao compromisso de manter-se leal à identidade cristã e à revelação de Deus. Essa é a caminhada para a maturidade, e é justamente a revelação de Deus o caminho para uma espiritualidade madura.

Diante do que foi possível perceber, constatamos que a revelação divina ainda é o caminho para uma espiritualidade madura e com propósito, como vimos na afirmação de Queiruga, quando disse que a revelação é o dinamismo de um movimento de Deus até nós. Essa revelação é que possibilita o ser humano a ter esperança de dias melhores com a garantia de que o Senhor sempre estará por perto.

5.1.

Efeitos da divina revelação

Deus quer revelar-se e revelar sua vontade. O divino deve ser conhecido pelos humanos. Segundo Queiruga, “a criação, ao marcar a diferença radical entre Deus e o mundo, possibilitou uma progressiva e consequente dessacralização. Nada é divino fora de Deus”²⁰⁹.

O que chamamos de “revelação” é uma resposta real e concreta a perguntas humanas,

²⁰⁸ Segundo Ricardo Mariano, no livro *Os neopentecostais e a teologia da prosperidade*, na página 24, “a Teologia da Prosperidade consta entre as principais mudanças doutrinárias e axiológicas ocorridas no chamado neopentecostalismo, vertente pentecostal encabeçada pela Igreja Universal do Reino de Deus. Defendendo que os cristãos, enquanto sócios de Deus ou financiadores da obra divina, estão destinados a serem prósperos, saudáveis, felizes e vitoriosos em todos os seus empreendimentos, esta teologia é oriunda dos EUA”.

²⁰⁹ QUEIRUGA, A. T. *Creio em Deus Pai*, p. 19.

que, por isso mesmo, são sempre as nossas mesmas perguntas. Desse modo, nós descobrimos a revelação porque alguém no-la anuncia; mas a aceitamos porque, despertados pelo anúncio, “vemos”, por nós mesmos que essa é a resposta certa.²¹⁰

A revelação é fundamental para o crescimento da igreja no que tange a caminhada espiritual. Só pode se tornar discípulo aquele que conhece o mestre e sua vontade. E no caso do cristão, ninguém pode conhecer o Mestre se ele mesmo não se revelar. A encarnação é o ápice da revelação e da comunicação divina, como afirma Miranda:

podemos mesmo dizer que a encarnação é uma modalidade mais radical da criação. Querendo sair de si para se comunicar a si próprio (encarnação), Deus cria para que esta autocomunicação divina tenha um destinatário. Nesse sentido, aparece Jesus Cristo como o sentido último do universo, da humanidade, da história. Deus cria para comunicar para fora de si a existência trinitária [...] Desse modo, criação e encarnação não são duas realidades que se justapõem, mas duas fases de um único desígnio divino de sair de si, de se comunicar ao não-divino, ao ser humano, fazendo-o assim participar da sua vida e da sua felicidade [...] Teologicamente, o que mais fundo caracteriza os homens e as mulheres, o que mais alto os dignifica é o fato de existirem como interlocutores de Deus, chamados a responder um Deus, amor infinito, que entrega a si mesmo à sua criatura.²¹¹

Logo, é Deus quem deseja se revelar, cabendo ao ser humano apenas a abertura para responder ao seu amor. Por isso, ainda que nos pareça inapropriada a doutrina eclesiástica de determinada instituição religiosa, Deus pode revelar-se também nelas. Podemos ver isso na afirmação de Queiruga:

a própria formulação explícita do preconceito é suficiente para ver sua enormidade. Do que antes foi dito e de toda a experiência bíblica segue-se a evidência contrária: é claro que, impelido pelo seu amor livre e generoso, o Deus que “quer que todos sejam salvos” busca, por todos os meios, fazer-se sentir o mais rápida e intensamente possível por todos os homens e mulheres desde a criação do mundo. Não descuida de ninguém, nem há nele “acepção de pessoas” (cf. Rm 2,11). Ocorre que cada tradição o recebe à sua maneira e segundo a limitada medida de suas capacidades; mas de nenhuma ele se descuida, em todas está presente e de todas se serve para ajudar os outros.²¹²

As tradições não são maiores do que o amor de Deus para com o indivíduo. Sua revelação é de total querer seu, sendo o oleiro maior do que o vaso de barro, moldando da forma e tamanho que desejar (Rm 9,21). Assim também se comunica quando e como quiser a cada um, e sempre com propósitos específicos. Deus age

²¹⁰ QUEIRUGA, A. T. Autocompreensão cristã, p. 18.

²¹¹ MIRANDA, M. de F., A salvação de Jesus Cristo, p. 43.

²¹² QUEIRUGA, A. T. Autocompreensão cristã, p. 55.

do seu jeito, mas de forma que os humanos possam compreender e vivenciar tal experiência, como aponta Queiruga:

a ação de Deus é transcendente, entretanto, para se tornar visível e efetiva somente se for através da ação imanente e mundana. São ações intrinsecamente ligadas. Na relação com a criatura, “Deus não faz alguma coisa ao lado delas, para completá-las, nem em seu lugar, para supri-las. A ação de Deus é fazer com que elas façam”.²¹³

A revelação de Deus é sempre seguida de um propósito. Ele quer que o ser humano faça o que a ele esteja designado. Existem momentos em que Deus nos toma pela mão direita (Is 41,13); em outros, quando é impossível para o humano, Deus faz por ele, como no caso da ressurreição de Lázaro, quando Jesus ordena que tirem a pedra, o que era perfeitamente possível para eles, mas a realização do milagre de trazê-lo novamente à vida é exclusividade do Mestre. Mas, na maioria das vezes, Deus se revela para que o homem, conhecendo-o e conhecendo a si mesmo, possa realizar a obra. Quanto a revelação, Queiruga diz que nela “não se manifesta o que o homem é por si mesmo, e sim o que começa a ser por livre iniciativa divina. Não se trata de um desdobrar imanente de sua essência, mas de uma determinação realizada por Deus na história”²¹⁴.

Ainda nesse sentido, Ronsi afirma que

o fiel, ao se deixar interpelar por esta Presença, apreende a profundidade de sua realidade, abre-se a uma experiência singular da revelação e se descobre no ‘próprio-ser-a-partir-de-Deus-no-mundo’. Essa é uma ação que parte sempre de Deus em direção ao homem, que, quando acolhe a presença reveladora de Deus, que estava desde sempre já aí, possibilita através desse seu ato uma abertura ao seu próprio crescimento, à sua realização humana.²¹⁵

Os efeitos da revelação divina compõem significativas realizações na vida do crente, uma vez que a liberdade dada ao Espírito Santo traz o crescimento pessoal, o que se torna possível pelo querer revelar-se do Senhor. Assim, as igrejas cristãs tradicionais, pentecostais ou neopentecostais, podem assumir o papel de canal transmissor do querer e do efetuar do Senhor.

5.2.

A espiritualidade ao encontro do Divino

²¹³ QUEIRUGA, A.T. Recuperar a criação: por uma religião humanizadora, p. 127

²¹⁴ QUEIRUGA, A. Torres. *A revelação de Deus na realização humana*. São Paulo: Paulus, 1995. p. 115.

²¹⁵ RONSI, F. Q., A mística cristã e o diálogo inter-religioso em Thomas Merton e em Raimon Panikkar, p. 18.

Deus não faz acepção de pessoas. Como diz Queiruga em um dos seus subtítulos do livro *Autocompreensão cristã*, “não existe um favoritismo divino”²¹⁶.

Não há o filho preferido de Deus, mas há os que O agradam. A obediência, o sincero louvor, a adoração agradam o coração do Senhor. O Pai não quer filhos que O vejam como alguém pronto a atender os seus pedidos e a livrá-los do mal. Deus procura por verdadeiros adoradores. Estes deixam o Senhor alegre e isso os faz fortes, visto que “a alegria do Senhor é a nossa força” (Nm 8,10). Isso remete imediatamente à necessidade de se ter fé, “pois sem fé é impossível agradar a Deus” (Hb 11,6). Tendo fé, o ser humano agrada ao Senhor e, uma vez contente com o filho, Deus o dá forças. O ser humano tem sua participação na aceitação dessa revelação, como afirma Queiruga: “nós *descobrimos* a revelação, porque alguém no-la anuncia; mas a *aceitamos*, porque, despertados pelo anúncio, “vemos” por nós mesmos que essa é a nossa resposta certa”²¹⁷

Em sua revelação, um dos propósitos é que ao conhecer a Deus, o homem conheça a si mesmo e se perceba autêntico adorador. Como afirma Queiruga, “revelação significa descobrir o próprio-ser-a-partir-de-Deus-no-mundo; ou seja, descobrir que a definição do próprio pertence seu ser-criado, seu estar fundado e agraciado por Deus que nele se manifesta para orientar e salvar.”²¹⁸

Como os verdadeiros adoradores não o serão pelo lugar, mas pela forma que adoram, não se pode afirmar que Deus só se revele e recebe adoração em uma determinada igreja. Deus conhece o coração, a entrega e a aspiração do ser. De certo que uma vez se revelando a quem quer, também escolhe quem é capaz de agradá-lo em adoração verdadeira, porém há uma busca pelos que de coração quebrantado O procuram (Sl 51,17).

Ainda que haja algumas desconformidades em alguma igreja, seja ela pentecostal, neopentecostal, ou mesmo tradicional, é possível que nela seja revelado o Deus vivo e que ali seja forjado um adorador verdadeiro e sincero. Ou seja, ainda que sejam igrejas totalmente antagônicas, não pode ser desconsiderada a sinceridade dos que de coração aberto e puro, nelas buscam a presença do Senhor.

²¹⁶ QUEIRUGA, A.T. *Autocompreensão cristã* – p.55.

²¹⁷ QUEIRUGA, A. Torres. *Autocompreensão cristã*, p. 18.

²¹⁸ QUEIRUGA, A.T. *Repensar a revelação*, p. 123.

5.3.

Práticas em comum pela espiritualidade

Embora haja conflitos teológicos, doutrinários e disciplinares entre as igrejas, elas quase sempre buscam nas mesmas, ou semelhantes práticas, uma espiritualidade cristã, sendo a fé viva vista nas obras (Tg 2,26). Alguns aspectos são semelhantes e generalizados nelas, como por exemplo, aponta Ricardo Mariano:

Todas apresentam poucos traços de seita, forte tendência de acomodação ao mundo, participam da política partidária e utilizam intensamente a mídia eletrônica. Caracterizam-se por: (1) pregar e difundir a Teologia da Prosperidade, defensora do polêmico e desvirtuado adágio franciscano "é dando que se recebe" e da crença nada franciscana de que o cristão está destinado a ser próspero materialmente, saudável, feliz e vitorioso em todos os seus empreendimentos terrenos; (2) enfatizar a guerra espiritual contra o Diabo, seu séquito de anjos decaídos e seus representantes na terra, identificados com as outras religiões e sobretudo com os cultos afro-brasileiros; (3) não adotar os tradicionais e estereotipados usos e costumes de santidade, que até há pouco figuravam como símbolos de conversão e pertencimento ao pentecostalismo.²¹⁹

Mas antes, internamente, as igrejas pós-modernas buscam em seus atos de culto um caminho que as conduzam ao encontro extraordinário com o Criador. O êxtase espiritual, que pensam encontrar durante os louvores, as fazem sentir mais cheias do Espírito, em sua plenitude, de forma que o 'mundo lá fora' deixa de fazer sentido, ou ter importância naquele momento. Mas isso pode se dar pela cultura implantada nelas, de uma igreja completamente isolada do mundo. Nisso Queiruga sustenta que:

Definitivamente, o cristianismo criou condições de possibilidade de uma concepção verdadeiramente mundana do mundo. O homem chega a descobrir-se tão autônomo e tão dono de si mesmo e de seu destino que até pode – confundindo os planos – acabar negando Deus.²²⁰

A incerteza de sua função no mundo, como se fosse um ser diferente quando está reunida com os irmãos, ou mesmo como crente, emaranham os sentidos, as vezes de forma tal, que até mesmo a compreensão do Deus revelado torna-se duvidosa. Entretanto, a espiritualidade da teologia eclesial deve ser sempre baseada na revelação de Deus, como abona Boff:

Em verdade, a desejada conexão entre teologia e espiritualidade não é apenas algo circunstancial ou epocal. É, antes e mais precisamente, uma exigência intrínseca da própria teologia. Ela é posta, e mesmo imposta, por seu objeto próprio: o Deus

²¹⁹ MARIANO, R. Os neopentecostais e a teologia da prosperidade, p. 26.

²²⁰ QUEIRUGA, A. T. Creio em Deus Pai, p. 20.

revelado.²²¹

A espiritualidade vivenciada pelos adeptos das igrejas Bola de Neve, Pier 49 e Preparatória, embora pregada e ensinada de forma díspar, acaba por ter em suas práticas um mesmo caminho percorrido, visto buscarem nos atos de demonstração de amor ao próximo, ou, no mínimo, de empatia, a prática de uma espiritualidade compreendida em sua origem como um viver sob a ação do mesmo Espírito que guiou a Jesus. A caminhada inicial dessa espiritualidade passa sempre por uma experiência de profunda entrega a Deus.²²²

A profundidade dessa experiência humana é uma reação à revelação divina, que é a busca inicial de Deus pelo homem distante. Nessa toada, a igreja apenas reflete o que a soma dos indivíduos apresentam em suas experiências particulares, traçando posteriormente práticas comuns a todas elas pela espiritualidade. Ou seja, acabam por exteriorizar a espiritualidade em práticas semelhantes entre elas. E a espiritualidade aflora de tal forma que, agindo Deus no ser humano, permite que esse conheça uma experiência religiosa que nenhuma instituição poderia proporcionar-lo. Nessa visão Ronsi afirma que:

Para os mestres espirituais, a ação de Deus na profundidade do ser humano, propicia um tipo de experiência religiosa que muda radicalmente em relação à predominante na religião institucional. Para esses, a religião já não é, fundamentalmente, um administrador do sagrado e menos um legislador de outras dimensões humanas. Ela é um sinalizador, em um nível de consciência que avista uma Realidade percorrendo toda a realidade.²²³

Ainda mais nos tempos atuais, a religião não tem mais ingerência irrestrita na vida do cristão. A experiência de profundidade, segundo Teixeira,

são janelas que se abrem, permitindo um novo respiro, no lugar mesmo onde o sujeito se situa. Algo decisivo acontece, indissociado de um lugar, de um encontro, de uma leitura, que transfigura o coração, redimensiona a visão e transforma a vida. ela acontece na experiência real, mas revela também a ‘visita’ de ‘algo não natural’ que irrompe e quebra a mesmidade do sujeito, arrancando-o de sua egoicidade, desvelando-lhe novos horizontes.²²⁴

Uma dessas formas de prática espiritual, ou espiritualidade prática,

²²¹ BOFF, C. Teologia e espiritualidade, p. 115.

²²² RONSI, F. Q. A mística cristã e o diálogo inter-religioso em Thomas Merton e em Raimon Panikkar, p.122.

²²³ RONSI, F. Q. A mística cristã e o diálogo inter-religioso em Thomas Merton e em Raimon Panikkar, p.55.

²²⁴ TEIXEIRA, F. A mística nos rastros do cotidiano. Entrevista concedida a Márcia Junges e Andriolli Costa para o IHU-on-line. edição 435 de 16 dez. 2013. Disponível em: < <http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/5322-faustino-teixeira-19>>. Acesso em: 13 abr. 2021.

vivenciada em experiências externas, envolvendo o outro, é percebida na coleta do dízimo e das ofertas. Como se vê a seguir.

5.3.1.

Dízimos, ofertas e prosperidade: negociando com Deus

Conforme ensinado nos cultos ordinários dessas igrejas, dízimos e ofertas são práticas que quem dá é mais abençoado do que quem recebe. A bênção não é para a instituição que recolhe a pecúnia, mas para aquele que se predispõe a colaborar, contribuindo financeiramente para ‘obra de Deus’.

Propagam que a prosperidade diz respeito ao indivíduo, não Deus. De uma forma mais direta, os dízimos e as ofertas deixam de ser para o estrangeiro, o órfão, e a viúva, passando a atuar como moeda de barganha, ou mesmo, para compra de bênçãos financeiras. “Quando acabares de separar todos os dízimos da tua colheita no ano terceiro, que é o ano dos dízimos, então os darás ao levita, ao estrangeiro, ao órfão e à viúva, para que comam dentro das tuas portas, e se fartem” (Dt 26,12). O valor que se “doa”, perde a essência de reconhecimento e ajuda mútua à obra cristã, voltado para o aspecto espiritual-social,²²⁵ tornando-se um mecanismo de benefício individual ou, no máximo, para a família.

É o capitalismo influenciando o caminhar da igreja, como afirmou Dias

as mudanças religiosas que ocorreram no mundo por causa do capitalismo propiciaram a formação de uma sociedade culturalmente diversificada, o que trouxe uma série de questões sobre a função da religião, sua relação com a sociedade e seu papel como um fenômeno que impede ou ajuda na mudança.²²⁶

No entanto,

a manifestação do interesse pelo dinheiro é realizada com muita transparência e naturalidade por parte dos pastores neopentecostais. R.R Soares (1985) afirma que no novo testamento o dinheiro é mencionado inúmeras vezes. Extensa carga horária da pregação de cultos na Universal e na Igreja Internacional da graça é reservada para a realização de abordagens atinentes ao dinheiro e à oferta, convencendo os fiéis a concretizarem o pagamento do dízimo e a realizarem oferendas em troca de prosperidade, saúde, felicidade, libertação do Diabo²²⁷

Nenhuma das igrejas citadas abre mão do cerimonial bíblico para a arrecadação de meios para sua sustentação (Mt 3,10). Umas utilizam os métodos

²²⁵ Obra social baseada nos ensinamentos religiosos.

²²⁶ DIAS, A. C. Sociologia da Religião, p.38.

²²⁷ MARIANO, R. Os neopentecostais e a teologia da prosperidade, p. 29.

antigos, como o uso dos gazofilácios,²²⁸ outras com as salvas²²⁹ e outras, fazendo-se valer da modernidade, sugerem que os fiéis ofertem através do uso de cartão de débito, crédito, ou transferência bancária.

Seja qual for o meio utilizado para possibilitar a contribuição, o ponto em comum entre essas igrejas é que todas pregam o dízimo como forma de comprovação de uma vida pautada na fidelidade a Deus.

Há até mesmo uma teologia que se firmou no final do último século, que se denomina ‘Teologia da Prosperidade’. Segundo Ricardo Mariano,

a Teologia da Prosperidade está trazendo o celeste porvir para o terrestre presente. Para comermos a melhor comida, para vestirmos as melhores roupas, para dirigir os melhores carros, para termos o melhor de todas as coisas, para adquirir muitas riquezas, para não adoecermos nunca, para não sofrer qualquer acidente, para morrermos entre 70 e 80 anos, para experimentarmos uma morte suave — basta crer no coração e decretar em voz alta a posse de tudo isso. Basta usar o nome de Jesus com a mesma liberdade com que usamos nosso talão de cheques.²³⁰

Logo, entende-se a manifestação de antipáticos à Igreja rejeitarem algumas doutrinas, pois como o próprio Mariano disse, parece um Deus de barganhas pecuniárias. O dizimista reveste-se de uma espécie de autoridade. Assim, os dízimos e as ofertas ganham um propósito diferente daquele ensinado na bíblia.

Para os líderes dessas igrejas, a cobrança do dízimo e das ofertas é a oportunidade de o fiel expressar sua gratidão e fidelidade, com explica Ricardo Mariano:

as bênçãos prometidas, desejadas e reivindicadas estão sempre atreladas à oferta financeira. Os pastores, contudo, alegam que a oferta é voluntária e refutam as críticas, em geral oriundas da grande imprensa, de outros segmentos evangélicos e até católicos, de que vendem bênçãos e suas igrejas não passam de "supermercados da fé". Cumpre frisar que, no âmbito da TP [Teologia da Prosperidade], pagar o dízimo e dar ofertas constituem duas das principais formas pelas quais o crente prova a sua fé. Colocada incessantemente à prova, a fé existe apenas e quando se manifesta concretamente em ação, quando é exercida, no caso, através do pagamento do dízimo e no ato da oferta.²³¹

Então, uma vez dizimista e ofertante, o ser humano se torna, de certa forma, o centro do universo. É o ‘seja feita a minha vontade assim na terra como nos céus’.

²²⁸ Local, em um templo, em que eram recolhidos e conservados os vasos e as oferendas. Dicionário Michaelis on-line. Geralmente uma caixa de madeira colocada próxima ao altar. Nesses moldes de entrega dos dízimos e das ofertas, o fiel desloca-se até o local onde se encontra o gazofilácio e deposita sua oferta.

²²⁹ Saco com cabo de madeira utilizada para recolher os dízimos e ofertas. Dicionário Michaelis on-line. Quando essa é a forma de arrecadação, ou seja, com salvas, o fiel permanece no seu lugar e oficiais da igreja dirigem-se até ele para recolher a oferta.

²³⁰ Revista Ultimato, Série Cadernos Especiais, Teologia da Prosperidade, março, 1994, p. 5. In MARIANO, R., Os neopentecostais e a teologia da prosperidade, p.24.

²³¹ MARIANO, R. Os neopentecostais e a teologia da prosperidade, p. 37.

A crença se torna uma lâmpada e Deus o gênio que está à disposição para realizar os pedidos; a prosperidade é conseguida fundamentalmente através da 'honra' dada ao Senhor através do dízimo e das ofertas; o fiel assume uma posição de autoridade para falar com a terra e os céus e a Deus não pede, ordena. Essa prática recebe o nome de Confissão Positiva.

O termo Confissão Positiva refere-se literalmente à crença de que os cristãos detêm o poder - prometido nas Escrituras e adquirido através do sacrifício vicário de Jesus - de trazer à existência, para o bem ou para o mal, o que declaram, decretam, confessam ou determinam com a boca em alta voz. Não à toa, o livro *Há poder em suas palavras*, de Don Gosset, tornou-se best-seller evangélico nos anos 90.²³²

Mas, como já vimos, os membros que são fiéis dizimistas adquirem o direito e a autoridade sobre todas as bênçãos materiais, ou seja:

estes evangélicos defendem que possuirão tudo o que determinarem verbalmente, com fé e em nome de Jesus. Saúde perfeita, prosperidade material e felicidade, "direitos" do cristão anunciados na Bíblia, naturalmente figuram entre as bênçãos mais declaradas por eles. Determinar nada tem a ver com pedir ou suplicar a Deus. Através do sacrifício vicário de seu filho, Deus já fez o que podia pela humanidade, perdando o pecado original e tornando, desde então, suas graças de saúde, prosperidade e vitória disponíveis aos homens nesta vida. Estes devem decretar, determinar, exigir, reivindicar, em nome de Jesus, como Deus prescrevera, para "tomar posse" das bênçãos a que têm "direito".²³³

Ainda assim, os dízimos e as ofertas, para os fiéis, acabam por fazer parte das manifestações espirituais, uma vez que além de ser um ato de obediência e fidelidade bíblica, sendo em si um ato de gratidão, torna possível a realização de várias ações sociais que visam o apoio financeiro a causas e pessoas, normalmente famílias com dificuldades para adquirirem o básico para a sua subsistência.

A convicção da ligação entre o dinheiro, a fé e a bênção aportam os corações dos fiéis de tal forma que, em muitos casos, já não sabem se contribuem por fé, ou têm fé porque contribuem. Também negam que contribuem porque têm em abundância, mas garantem que nada lhes falta porque contribuem, conforme afirma Mariano.²³⁴ Fato é que a parte financeira, como já visto, tem grande relevância na vida do crente pertencente às igrejas da terceira onda. Mas independentemente das verdadeiras motivações primárias, são exatamente as ações realizadas com as doações das ofertas financeiras e das contribuições de mão de obra especializada que possibilitam a igreja a cuidar dos pobres, das viúvas, dos órfãos e dos

²³² MARIANO, R. Os neopentecostais e a teologia da prosperidade, p. 29.

²³³ MARIANO, R. Os neopentecostais e a teologia da prosperidade, p. 29-30.

²³⁴ MARIANO, R. Os neopentecostais e a teologia da prosperidade, p. 37.

estrangeiros.

Portanto, se por um lado ensinam que a doação é um ato de fé, uma oportunidade de elevação espiritual, por outro, a igreja também pratica a ação pastoral social, exercendo também a fé comunitária e a ajuda aos necessitados, de forma a vivenciar a espiritualidade em tais ações sociais. Queiruga diz que “há, pois, um poder revelador na linguagem religiosa, que ‘rompe’ cada um dos nossos intentos de fazer de nossa experiência um sistema fechado”²³⁵.

Também cabe salientar que além de cumprir os objetivos religiosos da entrega, são exatamente essas contribuições, e muitas das vezes tão somente elas, que tornam possível a aquisição de materiais concernentes ao culto, como bancos, microfones, caixas de som, e outros, além de pagamento de tarifas de água, luz, telefone e internet. Também são elas que possibilitam o pagamento do pessoal especializado envolvido na obra da instituição.

Ainda que as diferenças sejam marcantes entre as igrejas neopentecostais e as tradicionais, e até mesmo entre as próprias neopentecostais, há práticas bastante semelhantes em suas doutrinas, costumes e práticas espirituais sociais, tais como: os dízimos e as ofertas como imposição para comprovação da fé e garantia de prosperidade; a autoridade sobre o material e o imaterial; as contribuições sociais para os necessitados; e as liturgias dinâmicas.

Verdade é que a igreja não é chamada para uma vida financeira, mas para anunciar a Boa Nova com bons testemunhos e muita demonstração de fé no Autor da vida. Como disse Billy Graham²³⁶, repetindo uma célebre frase de autor desconhecido: “pregue o evangelho em todo tempo. Se necessário, use palavras”. As atitudes refletem quem é o crente e o que aprende com o Deus que serve. Há ainda outros aspectos comuns a essas igrejas, os quais serão vistos a seguir.

5.3.2.

A espiritualidade nas ações pastorais sociais

²³⁵ QUEIRUGA, A. T. Repensar a ressurreição, p. 187.

²³⁶ William Franklin "Billy" Graham Jr (Charlotte, 7 de novembro de 1918 - Montreat, 21 de fevereiro de 2018) foi um evangelista evangélico, teólogo e Pastor Batista norte-americano. Foi conselheiro espiritual de vários presidentes dos Estados Unidos e proeminente membro da Convenção Batista do Sul. Nas últimas décadas, sempre era incumbido de orar na posse dos Presidentes dos EUA.

Além da contribuição financeira, outras práticas aproximam as igrejas neopentecostais em suas experiências religiosas, a partir de suas ações sociais. Destacam-se as ações que visam cuidar e assistir os mais necessitados, como viúvas, órfãos, idosos e moradores em condições de rua. Também há a assistência social designada para grupos específicos, como orfanatos, asilos, refugiados e centros de recuperação de dependentes químicos.

Em seus quadros de liderança, denominados ministérios, as igrejas têm dispensado um departamento em especial para programar e ativar as ações em prol das pessoas e grupos em situação difícil, materialmente falando. O departamento organiza campanhas internas e externas visando arrecadar alimentos e materiais para doação e cuidado dos carentes. Há uma profunda atitude solidária entre os irmãos, talvez porque já passaram, ou passam por situações parecidas e reconhecem a importância da ajuda nesses momentos.

Como afirma Mariano, a maioria dos fiéis neopentecostais veio da periferia e de situação de pobreza. Mas com ajuda mútua ou conversão de pessoas de classe social mais elevada, a membresia está subindo de patamar social:

Enquanto seus fiéis foram esmagadoramente pobres e estiveram privados de bens materiais, culturais e educacionais, o sectarismo e o ascetismo pentecostal não geraram grandes tensões internas. Mas, com a ascensão social de parte, ainda que minoritária, dos fiéis e com o progressivo aumento da conversão de adeptos de classe média, as tensões poderiam se intensificar, e muito, não fosse a acomodação ao mundo ou a dessectarização que, nas últimas duas décadas, começou a tomar corpo em diversas igrejas pentecostais.²³⁷

Mas as igrejas continuam com suas atividades de ajuda social. Com tais práticas as igrejas se sentem cumprindo o ide de Jesus e alimentando quem tem fome, dando de beber a quem tem sede, vestindo quem está nu. (Mt 25,35). Agora, além de poder contribuir através das doações para os trabalhos pastorais sociais, os crentes pertencentes ao neopentecostalismo vislumbram a prosperidade como meta, pois como afirma Mariano, “diferentemente de outrora, agora, muitos crentes, além de desejosos, reúnem condições econômicas de desfrutar das boas coisas que o mundo podia oferecer”²³⁸.

Mariano refere-se ao início do pentecostalismo, quando alcançava, na maior parte de seus adeptos, pessoas simples, da parte mais baixa da classe social. Mas

²³⁷ MARIANO, R.. Os neopentecostais e a teologia da prosperidade, p. 27.

²³⁸ MARIANO, R.. Os neopentecostais e a teologia da prosperidade, p. 27.

com o passar do tempo e as mudanças de estratégia, aos poucos outras classes mais elevadas iam sendo alcançadas e tornando-se membros da igreja pentecostal.

Porém, analisando o trabalho social desempenhado pela igreja, algumas questões são levantadas aqui: qual a espiritualidade nessas atitudes? Até onde vai o amor fraternal ensinado por Jesus e a partir de onde são convenientes tais atitudes por parte dos líderes? Seriam ações pastorais também, ou somente cumprimento de tarefa social religiosa? Há uma revelação divina nas realizações extra templo, ou são apenas desencargos de consciência ou formas de promover o nome da instituição? São interrogações nada fáceis de resolver ou obter respostas concretas. Indagações conflitantes que podem, uma vez respondidas, colaborar para uma caminhada mais centrada na vontade e nos ensinamentos do Mestre.

O cristão que então aprende com o Mestre não pode exercer sua espiritualidade apenas no cumprimento de certas regras ou doutrinas, mesmo que estejam relacionadas às igrejas ou à religião. Faz-se necessário e indispensável o reconhecimento de que a origem para todos os compromissos religiosos está na intimidade que vive com Deus, em Jesus. Nesse sentido, sobre a experiência de intimidade com Deus, Ronsi afirma que

é imprescindível que os cristãos se conscientizem de que a mística não distrai o ser humano do cotidiano. Pelo contrário, o coloca em atenção diante dos desafios e necessidades de seu tempo. A experiência mística não separa o amor de Deus do amor ao próximo. O amor a Deus e ao próximo são um só amor. É o amor que se faz humano através de Deus que leva o ser humano à sua plenitude, tornando-o filho de Deus. É certo que o mistério do ser humano se revela através do mistério de Cristo. E assim, se descobre o Cristo vivo de hoje, ontem e sempre.²³⁹

Assim como a *fé sem obras é morta*, também o amor sem prática é nulo. A demonstração do amor parte de um coração cheio de amor, preenchido por Cristo. Nosso melhor sentimento é mais do que Deus conosco - o Emanuel; é Deus em nós. E essa vivência na certeza da caminhada com o Senhor só é adquirida após uma maturidade cristã. Nisso muito bem nos lembra Ronsi que:

O ser humano conhece a si mesmo pelo testemunho de seu eu mais profundo, de seu espírito; também Deus se revela a si mesmo no amor de seu Espírito. O ser humano foi criado à imagem e semelhança de Deus, e não há outro meio de descobrir quem é senão descobrindo em si mesmo a imagem de Deus.²⁴⁰

²³⁹ RONSÍ, F. Q. A mística cristã e o diálogo inter-religioso em Thomas Merton e em Raimon Panikkar, p. 328.

²⁴⁰ RONSÍ, F. Q. A mística cristã e o diálogo inter-religioso em Thomas Merton e em Raimon Panikkar, p. 328.

As ações pastorais sociais devem ser fruto de uma consciência cristã plena. Não por não querer ver o próximo sofrendo, mas por não aceitar que o seu semelhante sofra. Não deve tratar apenas de quem assiste, mas muito mais de quem sofre. Amar é o maior ato de altruísmo que alguém pode manifestar. Essa deve ser a espiritualidade esperada nas ações pastorais sociais. Muito mais do que entregar algo para alguém, é entregar-se a si mesmo, como semelhante e como servo, com a compaixão de Cristo.

Desse modo, de uma igreja que professa a fé cristã se espera que, ainda que em uma era digital, o calor da presença seja levado a quem precisa de ter o coração aquecido. A forma remota pode levar a palavra, o ensino e até mesmo o consolo, mas nunca substitui uma mão estendida, um abraço fraternal e um sorriso sincero e amigo. O Deus revelado deve ser para todos e levado a todos. E, assim, a espiritualidade da Igreja sai do campo cognitivo e parte para uma experiência real com o Criador e com o próximo, numa experiência integral.

Então, a espiritualidade nas ações pastorais é percebida e vivenciada num cumprimento do ide. E o ide, nunca é de mãos vazias e coração duro. Mas de mãos prontas que levam o alimento, o alívio e a certeza de que não estão sozinhos. E o coração no ide deve ser sempre terno e pronto a acolher mais um irmão. Com isso, a igreja que vivencia a espiritualidade nas ações pastorais sociais deve parar de pensar um pouco no vinde, tão proclamado nas plataformas digitais, através do *marketing* frio, e atender verdadeiramente ao ide do Mestre.

5.3.3.

Distantes do Evangelho: a espiritualidade ameaçada

Há algumas questões a serem consideradas no momento histórico que se apresenta no cenário religioso brasileiro em que as igrejas neopentecostais afloram e se firmam com tanta veemência e reverberação. Quanto à missão da Igreja de Cristo, há pontos relevantes a serem observados para que não haja distorções dos objetivos.

Por isso, a nossa inquietação é quanto aos valores transmitidos pelas igrejas neopentecostais, especialmente as das linhas da Bola de Neve Church, da Pier 49 Church e da Igreja Evangélica Preparatória, onde as doutrinas divergem entre si, os valores cristãos são repensados e parecem andar na contramão, umas das outras,

especialmente as duas primeiras.

Podemos, então, levantar algumas questões quanto às diferenças gritantes entre as teologias vivenciadas e ensinadas por essas igrejas: como fica a espiritualidade nessa adversidade, quando uma coíbe o que a outra incentiva²⁴¹? Será realmente possível que com tantas diferenças na rota, consigam chegar ao mesmo lugar, ou seja, alcançar o mesmo objetivo final? Enquanto uma é liberal, moderna, promovendo-se de forma remota, utilizando-se dos meios digitais, a outra se recolhe ao seu universo, trazendo proibições que aniquilam uma vida social plena de seus fiéis, contra a modernidade, com práticas antigas, vistas antes em igrejas tradicionais.

Uma aponta para sua tese, dizendo que a vida plena é aproveitar de tudo o que o mundo oferece. Já a outra prega que a santidade é estar recolhida das ‘coisas do mundo não cristão’, separando-se exclusivamente para uma vida com e para Deus.²⁴² Então, por esses aspectos, uma questão se apresenta: de que forma, tais práticas as aproximam ou distanciam do evangelho?

Ainda que a afastem, não se pode afirmar que tais igrejas nasceram longe de Deus. E ainda há a possibilidade de o fiel experimentar da presença de Deus. Segundo Queiruga:

O homem experimentou com decisiva nitidez a presença de Deus no próprio núcleo de seu estar sendo pessoa. A intimidade dramática da vida de Jeremias como lugar em que descobre o Senhor em proximidade, força e vivacidade nunca vista até então, constitui um exemplo bem significativo.²⁴³

Dessa forma, conhecer a Deus implica em convivência cotidiana. O reconhecer a Deus já é uma condição humana movida pela ação do Espírito. Segundo Moltmann, o fato de podermos reconhecer Deus em todas as coisas e todas as coisas nEle, tem base teológica na compreensão do Espírito de Deus como força de toda a criação e fonte da vida.²⁴⁴

Contudo, ainda que a pessoa tenha uma experiência com Deus hoje, ela não

²⁴¹ Como visto, a Bola de Neve Church incentiva seus membros a fazerem tatuagens, usarem *piercing*, roupas extravagantes e estarem sempre conectados, enquanto a Igreja Evangélica Preparatória desautoriza tudo isso.

²⁴² Enquanto igrejas como a Bola de Neve e a Pier 49 permitem que seus membros façam tatuagens, usem *piercing*, vistam as roupas iguais as de pessoas que não são cristãs e frequentem basicamente os mesmos lugares, a Igreja Preparatória proíbe tudo isso, além de não permitir que seus membros utilizem as mídias sociais com naturalidade, como por exemplo, enviarem ou receberem vídeos, seja de qual for a natureza. Estas informações estão em seus Estatutos e Regulamentos Internos.

²⁴³ QUEIRUGA, A. T. A revelação de Deus na realização humana, p. 168.

²⁴⁴ MOLTSMANN, J. O Espírito da Vida, p. 44.

segue para a vida toda com o mesmo propósito. Pois, ainda que seja marcante e fique para sempre na memória, precisa ser renovada dia após dia. Assim, também a motivação e a revelação para a reunião do povo de Deus em um templo precisam ser confirmadas a cada momento. Há um sério risco de perder a visão durante a caminhada por não mais se estar atento à voz de Deus. Perder-se no caminho pode acarretar a não preocupação com a espiritualidade da própria igreja.

Há um evangelho, que são as Boas Novas, a ser vivenciado e anunciado. Como afirma Ortiz,

O evangelho que encontramos na Bíblia é o evangelho do Reino de Deus. Ele apresenta Jesus como o Rei, como o Senhor, como a autoridade máxima. Jesus se encontra no centro do evangelho. O evangelho do Reino é cristocêntrico. Nos séculos mais recentes, porém, temos ouvido falar de um outro evangelho – um evangelho cujo centro é o homem, um evangelho humano. É o evangelho da oferta tentadora; o evangelho da venda fácil; o evangelho do negócio vantajoso que ninguém pode recusar. Os pregadores dizem: “Amigos, se aceitarem Jesus...” (E aqui já encontramos um erro, pois é Jesus quem nos aceita, e não nós a ele. Mas nós colocamos o homem no lugar de Jesus, e agora o homem é a figura mais importante.) Os evangelistas dizem: “Jesus está batendo à porta do seu coração. Por favor, abram a porta! Não veem que ele está lá fora, de pé, ao frio e ao vento? Coitado de Jesus! Abram a porta para ele.” Não é de se espantar que o ouvinte pense que está fazendo um grande favor ao Senhor, ao tornar-se cristão.²⁴⁵

Se Jesus é o centro do evangelho e a igreja é, ou deve ser, a maior propagadora desse evangelho, logo Jesus deve ser também o centro da igreja. Muitos, em muitas comunidades cristãs têm procurado os holofotes para si, deixando Jesus de lado. Como afirmou Ortiz, “é o evangelho do homem”; o evangelho vantajoso, mas que afasta seu praticante do verdadeiro evangelho. Dessa forma, também esfria o amor. Logo, passamos a testemunhar igrejas cristãs, ou seja, que carregam o nome de Cristo que é a expressão maior do amor de Deus pela humanidade, deixando de ser hospital para ser tribunal. Se a espiritualidade cristã não fizer sentido para uma igreja, ou não for relevante, a igreja correrá o risco de não fazer sentido para a comunidade, nem para Deus.

5.4. **Considerações parciais**

Com a postura das igrejas neopentecostais diante da vivência espiritual experimentada por elas, alguns aspectos tornam-se relevantes para o melhor

²⁴⁵ ORTIZ, J. C. O Discípulo, p.8.

entendimento quanto à caminhada do cristão que adere a uma delas, ansiando por respostas vindas do alto, que possam afagar de alguma forma suas almas inquietas e cansadas. E é justamente a revelação de Deus o caminho para que haja uma espiritualidade madura. A maturidade cristã é fundamental para que o crente tenha bases bem enraizadas e não seja levado por sentimentos desmotivadores, que façam com que se sinta menor para Deus.

A revelação divina causa efeitos irreversíveis à vida do ser humano. Ao revelar-se, Deus permite que o homem conheça a si mesmo também. E é nesse conhecimento próprio que o cristão torna-se capaz de conhecer e reconhecer o próximo. Só depois dessa revelação, num encontro real, o ser é capaz de se tornar verdadeiro adorador.

Também a revelação permite de certa forma que os diferentes se aproximem. Mesmo igrejas antagônicas na liturgia, na doutrina, na teologia e nos objetivos, encontram a espiritualidade em práticas comuns a elas. O doar ao necessitado, o cuidar do ferido, o vestir o nu, o visitar o abandonado, possibilita uma proximidade entre os diversos movimentos.

O desafio às igrejas é lançado constantemente, uma vez que o traçado da história em que se encontra, não tem volta. Dessa forma, podemos tomar por base o pensamento de Ronsi, que afirma: “o cristianismo é provocado a realizar profundas mudanças, pois, mais do que em qualquer outra época de sua história, é desafiado a abrir-se para o reconhecimento das outras religiões em sua identidade e para o diálogo inter-religioso”. Contudo, o que é desafiador diante de outras religiões, torna-se, também, na realidade brasileira, um desafio diante dos ‘outros cristianismos’²⁴⁶. Pois aceitar o diferente sempre será um desafio.

6 CONCLUSÃO

Iniciamos esta dissertação apresentando a teoria de vários teóricos que previam o fim da religião e apontavam seus motivos para acreditarem que as práticas e o sentimento religioso chegariam ao fim. Criam que, com a chegada da

²⁴⁶ RONSI, F. Q. A mística cristã e o diálogo inter-religioso em Thomas Merton e em Raimon Panikkar, p. 27.

modernidade e o despertar do ser humano para novas possibilidades, não seria mais necessária uma religião. Assim, fomos levados a pensar na verdadeira utilidade e função da religião. Também nos indagamos caso ela realmente acabasse se faria falta para a humanidade. Em primeiro instante, acreditamos que a religião ainda tem fundamental importância no seu aspecto social, visto ser a principal contribuinte para os conceitos de moral e justiça para a sociedade. Mas, ainda que não tenha chegado ao fim, é possível que a religião cristã tenha perdido o foco em algum momento, desviando-se principalmente de suas funções sociais. Foi visto a partir do segundo capítulo que, se hoje há uma diversificação no próprio cristianismo, ampliando seus horizontes, antes a religião passou por séria proposição de fim.

A chegada do neopentecostalismo é vista no terceiro capítulo, propondo uma alternativa para o cristianismo brasileiro. Se antes a religião era ameaçada de findar, agora, além de crescer consideravelmente, novas propostas foram oferecidas e a espiritualidade fora questionada por alguns fatos, especialmente pelo acolhimento das igrejas do terceiro movimento, por terem abraçado as mídias digitais e as redes sociais, preocupando-se mais com as divulgações dos projetos do que com seus efeitos.

Já no quarto capítulo, as igrejas, inseridas nos movimentos de segunda e terceira onda, foram analisadas para uma melhor compreensão de seus papéis junto aos seus adeptos e a sociedade. Suas diferenças e semelhanças foram sintetizadas e, através de suas práticas e doutrinas teológicas, levantada a hipótese do afastamento de uma visão espiritual, visto estarem em alguns momentos totalmente em sentidos antagônicos. Entretanto, elas têm seus feitos, suas crenças e seus objetivos, os quais, provavelmente nem sempre são de uma visão espiritual.

Como pudemos ver chegando ao quinto capítulo, a revelação de Deus é posta como primordial para uma espiritualidade madura. Também foram analisados os efeitos da revelação divina e as práticas das igrejas que falam em nome de Deus. Percebeu-se ali a possibilidade das suas assistências sociais não serem realmente um ato de misericórdia para com o próximo, mas de serem apenas autopromoções por parte das instituições religiosas visando lucro financeiro e visibilidade social.

Então, somos levados a pensar que, possivelmente, a espiritualidade na diversidade cristã brasileira encontrada nas igrejas modernas, que compõem

últimos movimentos, fica longe do objetivo de uma igreja animada e conduzida por Cristo. Nelas a espiritualidade fica em segundo plano, quando muito, não sendo a preocupação primária das igrejas cristãs modernas. Também somos levados a crer que a autopromoção e a visão de lucro, que substituem a preocupação com a espiritualidade, distancia cada vez mais a igreja moderna do verdadeiro Evangelho.

A partir daí, pensando no objetivo maior, que é o de compreender os novos rumos do cristianismo, preocupa-nos onde pode chegar e o que pode causar essa diversidade cristã brasileira num futuro próximo, haja vista seu comportamento e crescimento constante no cenário cristão brasileiro atual.

Com isso, esperamos contribuir com essa dissertação, realizada a partir de uma pesquisa sistemática, de análises de literaturas temáticas e de uma longa entrevista com o líder da Igreja Evangélica Preparatória, no intuito de compreender o rumo que o cristianismo, inserido no Brasil, tem desenvolvido. Também pretendemos, com esse levantamento, contribuir para a composição de uma bibliografia sobre o tema aqui levantado, uma vez haver uma lacuna para essa reflexão.

Contudo, nossa pesquisa ficou limitada pelo fato de ter sido realizada em meio a uma pandemia e ter sido ela, a pesquisa, pensada em torno de entrevistas com os diversos líderes das principais igrejas analisadas aqui, além de dificultar o acesso às bibliotecas para uma melhor análise. Também contribuiu para um desempenho inferior ao esperado por nós, o fato de termos contraído a Covid-19, diminuindo o tempo de pesquisa e as condições ideais para realizá-la.

Contudo, fica um caminho aberto para novas pesquisas visto não se ter aqui esgotado o tema, muito pelas situações acima citadas, muito pela longa caminhada que a diversidade cristã brasileira apresenta hoje e as possibilidades vislumbradas para o cenário religioso nacional futuro.

Acreditamos que, com levantamentos quantitativos e qualitativos, outras literaturas sobre o tema e entrevistas adequadas podem apresentar uma nova realidade, especialmente pós-pandemia, visto não haver referências de pesquisas sistemáticas sobre espiritualidade nas igrejas desses movimentos durante o período pandêmico.

Ficamos, portanto, com a impressão de que os vários cristianismos dentro do

cristianismo podem gerar conflitos, mas também pode haver uma parte boa e importante na diversidade aqui apresentada. Primeiro porque contribui para o engajamento de novos adeptos e fortalecimento da fé de outros desanimados com cristianismo antigo. Depois, porque mesmo ao seu modo, cada igreja cristã que surge acaba por, de uma forma ou de outro, levando o nome do Senhor Jesus Cristo a muitas pessoas, além de contribuírem com as assistências sociais para o melhoramento das vidas de milhares de pessoas que não têm acesso ao básico para suas famílias de outras formas. Além disso, a diversidade cristã possibilita aos seguidores de Cristo terem uma oportunidade de aderirem a uma igreja com a qual se identificam e sentem-se bem com sua doutrina e forma de culto.

Por fim, foram todas essas questões que motivaram esta pesquisa a se debruçar sobre a espiritualidade na vida de algumas igrejas hodiernas e querer se aproximar de suas experiências e descobrir como reverbera a Palavra Viva dentro delas e no meio da sociedade.

7

Referências bibliográficas

ALBUQUERQUE JÚNIOR, V. de. **Dá glória e receba!** A expressão mítico-ritual nos “corinhos de fogo” no culto (neo) pentecostal. Projeto de Mestrado da Ciência da Religião. Juiz de Fora: UFJF, 2014.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, V. de. **Fronteiras semânticas:** o dialogismo das linguagens rituais pentecostais e umbandistas – uma análise das expressões gestuais. Juiz de Fora, 2018. 254p. Tese. Faculdade de Ciência da Religião, Universidade Federal de Juiz de Fora.

ALMEIDA, M. de. **Para além da morte de Deus.** Artigo Kínesis, Vol. I, nº 02, Outubro-2009, p. 222 – 231.

ANTISERI, D. Filosofia: **Idade Moderna**, v. II. Paulus, 2018.

AOKI, C.; MACHADO, F. R. **Acesso ao Divino:** de recursos digitais para práticas religiosas católicas. REVER, São Paulo, v. 10, p. 106-122, set. 2010. Disponível em: <http://www.pucsp.br/rever/rv3_2010/i_aoki.htm>. Acesso em: 29 mar. 2015.

BARBOSA, L.; CAMPBELL, C. **O estudo do consumo nas ciências sociais contemporâneas.** In: BARBOSA, Livia; CAMPBELL, Colin (Orgs). Cultura, consumo e identidade. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

BAUDRILLARD, J. **A sociedade de consumo**. Tradução de Artur Mourão. Rio de Janeiro: Elfos, 1995.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BELOTTI, K. K. **Ensino Religioso entre Sons e Imagens**. Revista de Estudos da Religião. nº 2, 2004, pp. 37-48. Disponível em: https://www.pucsp.br/rever/rv2_2004/p_bellotti.pdf. Acesso em: 11 set. 2015.

BENTO XVI, PP. **Bento XVI** – Minha herança espiritual. Paulus, 2013.

BENTO XVI, PP. Orígenes. Vida e Obra. In: **Oração e Santidade**. Catequeses aopovo de Deus. V. II. São Paulo: Molokai, 2018, p. 49-54.

BENTO XVI, PP. Carta Encíclica Caritas in veritate. Brasília:Edições CNBB, 2009.

BERGER, P.; KELLNER, B. ; Hansfried. B. **The homeless mind**: modernization and consciousness. Nova York: Random House, 1973.

BERGER, P. **Rumor de anjos**. A sociedade moderna e a redescoberta do sobrenatural. Vozes, 1973.

BERGER, P. **O Dossel Sagrado** – Elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulus, 1985.

BERGER, Peter. **A dessecularização do mundo**: uma visão global. In: Religião e Sociedade, vol. 21, nº. 1, 2001, p. 09.23.

BERGER, P. **Os múltiplos altares da modernidade**. São Paulo: Paulus 2017.

BÍBLIA. Português. Bíblia Sagrada. Edição revista e atualizada. Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil: Paulus,1990.

BÍBLIA de Jerusalém. Nova edição revista e ampliada. 2º impressão. São Paulo: Paulus, 2003.

BIMGEMER, M. C. **Crer e dizer Deus Pai**. Revista Semestral do Departamento de Teologia da PUC-Rio, ano V, nº9, julho/dezembro2001, pp.185-186.

BOARETO, J. A. **A onda do momento**: um estudo sobre a experiência dos jovens adeptos da Bola de Neve Church. 2011. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.

BOFF, C., **Teologia e espiritualidade**: por uma teologia que ilumine a mente e inflame o coração Rev. Pistis Prax., Teol. Pastor., Curitiba, v. 7, n. 1, p. 112-141, jan./abr. 2015

BRONSZTEIN, K. P. **Nação dos 318**: a religião do consumo na Igreja Universal do Reino de Deus. PPGCOM – ESPM, Comunicação mídia e consumo, São Paulo,

v.11, n.30,p.125-142, jan./abr. 2014.

BRONSZTEIN, K P, FREIRE, A. **O Ciber-fiel e a Ciber-igreja**: uma análise a partir da fanpage do Bispo Edir Macedo. In: CONGRESSO

BRONSZTEIN, K. Patriota; RODRIGUES, E. **Mídia, religião e identidade**: o consumo inteligente no Programa The Love School. Joinville: Rastros, 2015. (no prelo).

CASTRO, R. A. —**Olha pra mim Senhor**: O Individualismo cantando no Pentecostalismo. São Bernardo do Campo, 2010. 86 f. Monografia (Bacharelado em Teologia) — Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2010.

CANAVARRO, A. A. R. **Novos movimentos de espiritualidade e interpretação pastoral**. PORTO: 2004.

CARDOSO, Alexandre. **Dimensões básicas da religiosidade belo-horizontina**. Estudos Avançados (USP), v. 18, n. 52, p. 63-75, 2004.

CAMPOS, L. S. **Teatro, templo e mercado**: organização e marketing de um empreendimento neopentecostal. São Paulo: Vozes, 1997.

CARVALHO, W. A. **Dissertação Práticas religiosas, corpo e estilos de vida**: uma análise comparativa entre evangélicos no bairro rudge ramos em São Bernardo do Campo. 2010.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. 5.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

CHAGAS, E. F. **A majestade da natureza em Ludwig Feuerbach**. In: REDYSON, Deyve; DE PAULA, Marcio Gimenes (Org.). Homem e natureza em Ludwig Feuerbach. Fortaleza: Edições UFC, 2009.

CLARK, R. **Manual de Treinamento Ministerial**, Global Awakening, 2004. 4ª edição brasileira, 154pp. Ragai Produções, set. 2011.

CUNHA, M. do N. **A explosão gospel**: um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil. Rio de Janeiro: Mauad: Instituto Mysterium, 2007.

DIAS, A. C. **Sociologia da Religião**. introdução às teorias sociológicas sobre o fenômeno religioso, p.37-38.

DURKHEIM, Émile. **As Formas Elementares da Vida Religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares de vida religiosa**. O sistema totêmico na Austrália. São Paulo: Paulinas, 1989.

ELIADE, M. **Tratado de história das religiões**. 3º ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

ELIADE, M. **O Sagrado e o Profano**: a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

ELISA, R. **A mão de Deus está aqui**. Estudo Etnográfico da Igreja Mundial do Poder de Deus, 2014. Tese de Doutorado do Instituto de Filosofia e Ciências humanas. São Paulo. Campinas. Unicamp, 2014, p.3.

ESTALELLA, A.; ARDÈVOL, E. **Ética de campo**: hacia una ética situada para la investigación etnográfica de Internet. Espanha, 2007. Disponível em: <<http://www.qualitative-research.net/index.php/fqs/article/view/277>>. Acesso em: 13 de abr.2015

FAUSTO NETO, A. **A igreja doméstica**: estratégias televisivas na construção de novas religiosidades. Cadernos IHU. Instituto Humanitas, São Leopoldo, ano 2, 2004.

FAUSTO NETO, A. **A religião do contato**: estratégias discursivas dos novos templos midiáticos. Em Questão, Porto Alegre, v.10, n.1, p. 163-182, jan./jun. 2004.

FEATHERSTONE, M. **Cultura global**: nacionalismo, globalização e modernidade. Rio de Janeiro: Vozes, 1990.

FEUERBACH, L. **A essência do cristianismo**. São Paulo: Papirus, 1988.

FEUERBACH, Ludwig. **A essência do cristianismo**. Tradução Adriana Veríssimo Serrão. 2. Ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.

FEUERBACH, L. **Preleções sobre a essência da religião**. Tradução. José da Silva Brandão. Petrópolis: Vozes, 2009.

FEUERBACH, L. **A essência do cristianismo**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

FRESTON, P. **Protestantes e política no Brasil**: da constituinte ao impeachment. Tese de doutorado, Departamento de Ciências Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1993.

FREUD, S. **O futuro de uma ilusão**. O mal-estar na civilização e outros trabalhos, p.25-26.

GIBELLINI Rosino. **A Teologia do Século XX**. 2.ed. São Paulo: Loyola, 1998.

GOMES, W.. **Fenomenologia e Pesquisa em Psicologia**. Porto Alegre: Editora da UFRGS. 1998.

GOMES, E. **A era das Catedrais: a autenticidade em exibição (uma etnografia)**. Rio de Janeiro: Garamond/FAPERJ, 2011.

GRESCHKE, Heike M. Daheim in www.cibervalle.com. Ethnographie einer globalen Lebenswelt. MS Dissertationsschrift (Eingereicht) - Fakultät für Soziologie, Universität Bielefeld, 2007.

GREFFRÉ, C. **O lugar das religiões no plano da salvação**. In: TEIXEIRA, Faustino (org.). O diálogo inter-religioso como afirmação da vida. São Paulo: Paulinas, 1997. p. 112

GRENZ, S. J.; OLSON, R. E. **A teologia do século 20 e os anos críticos do século 21**. Deus e o mundo numa era líquida. São Paulo: Cultura Cristã, 2013.

GUERRA, L. **As influências da lógica mercadológica sobre as recentes transformações na Igreja Católica**. Revista de Estudos da Religião – REVER, São Paulo, v. 11, n.2, 2011.

HERVIEU-LÉGER, D. **La religion pour memoire**. Paris: Cerf, 1993.

HERVIEU-LÉGER, D. **O peregrino e o convertido**: a religião em movimento. Tradução: João Batista Kreuch. Petrópolis: Vozes, 2008.

HINE, C. **Virtual Ethnography**. Londres: Sage Publications, 2000.

HOOVER, S. M.; CLARK, L. S. **Practicing religion in the age of media**: explorations in media, religion, and culture. Nova York: Columbia University Press, 2001.

HUBA, J.; MCCONNEL, B.. **Citizen marketers**: clientes armados e organizados ameaça ou oportunidade? São Paulo: M.Books, 2008.

INSTITUTO Global. Disponível em: <<http://www.institutoglobal.com.br/>>. Acesso em: várias datas.

JACOB, C. R. et al. **Atlas da filiação religiosa e indicadores sociais no Brasil**. Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2003.

KLEIN, A. C. A. **Mídia, corpo e espetáculo**: novas dimensões da experiência religiosa. In PASSOS, João Décio (org). Movimentos do Espírito: Matrizes, afinidades e territórios pentecostais. Paulinas: São Paulo, 2005.

KOZINETS, R. **I Want to believe**: a nethnography of the 'X-Philes' subculture of consumption RV Kozinets. In: NA Advances in Consumer Research, Advances in consumer research, 1997. V. 24, eds. Merrie Brucks and Deborah J. MacInns, Provo, UT: Association For Consumer Research, pages: 470 – 475.

LESBAUSPIN, I. **Marxismo e religião**. In: Sociologia da Religião – Enfoques teóricos. Petrópolis: Vozes, 2011.

LEONILDO S. C. **Evangélicos e Mídia no Brasil** – Uma História de Acertos e Desacertos Revista de Estudos da Religião setembro / 2008 / pp. 1-26 ISSN 1677-1222,p. 3-11 Disponível em:< https://www.pucsp.br/rever/rv3_2008/t_campos.pdf>. Acessado em: 23 de março de 2021.

LEÃO, P J.. **Sem comunicação, não há salvação**: um olhar sobre as relações entre mídias de massa, religiões e igrejas na atualidade. Entrevista com Pedrinho

Guareschi. In: MARANHÃO FILHO; E M de A; USARSKI, F. Marketing Religioso. REVER, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 175 – 178, 2012j.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LÉVY, P. **Inteligência coletiva**: para uma antropologia do ciberespaço. 4.ed. São Paulo: Loyola, 2003.

LIPOVETSKY, G. **A felicidade paradoxal**: ensaio sobre uma sociedade de hiperconsumo. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

LIPOVETSKY, G. **O império do efêmero**: a moda e seu destino nas sociedades modernas. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LIMA, P. C. **Dizimista Eu?**, 1ª Edição CPAD, 1998.

LOJA virtual PlanetBola. Disponível em: <<http://www.planetbola.com.br/>>. Acesso em: out. 2014.

LÖWY, M. **Marxismo e religião**: ópio do povo? in Borón, A. et al. (orgs.), A teoria marxista hoje. Problemas e perspectivas. Buenos Aires: CLACSO, 2007.

LOPES, L. **Cabine oferece orações**...Disponívelem:<<http://noticias.gospelprime.com.br/cabine-oferece-oracoes-para-diversas-religioes/>>. Acesso em: dez. 2013.

MACHEN, J. G. **Cristianismo e Liberalismo**. São Paulo: Shedd Publicações, 2012.

MALINOWSKI, B. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Abril Cultural, 1976.

MARX, K. **Crítica da filosofia do direito de Hegel**; São Paulo: Boitempo Editorial, 2005.

MARX, K. **Crítica da Filosofia do Direito de Hegel**. In: Sobre a Religião. Lisboa: Edições, 1975.

MARX, K. **Contribuição à crítica da filosofia do direito de Hegel**. Introdução. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

MARX, K.; Engels, F. **Sur la religion** (SR), Paris, Éditions Sociales, 1960.

MARANHÃO FILHO, E. M. de A. **A grande onda vai te pegar**. marketing, espetáculo e ciberespaço na Bola de Neve Church. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

MARANHÃO FILHO, E. M. de A. **Religiões e religiosidades no (do) ciberespaço**. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

MARANHÃO FILHO, E. M. de A. **Neopentecostalismo de supergeração**: o ciberespaço como chave para o sucesso neopentecostal. História Agora. Revista de

História do Tempo Presente, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 342-362, 2010d.

MARCUS, G. E. **Ethnography in/of the world system**: the emergence of multi-sited ethnography. Annual Review of Anthropology, Palo Alto, California, v.24, p. 95- 117, 1995.

MARIANO, R. **Os neopentecostais e a teologia da prosperidade**. Novos Estudos. CEBRAP 1996.LL

MARIANO, R. **Mudanças no campo religioso brasileiro no censo 2010**, debates do NER, Porto Alegre, ano 14, n. 24, p. 119-137, jul./dez. 2013.

MARIANO, R. **Neopentecostais**: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. São Paulo: Loyola, 1999.

MARIANO, R. **Neopentecostais**: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. 2 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

MARIANO, Ricardo. **Análise sociológica do crescimento pentecostal no Brasil**. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

MATOS, A. S. de. **O movimento pentecostal**: reflexões a propósito do seu primeiro centenário – Parte 1. Vox Faifae: Revista de Teologia da Faculdade FAIFA, v. 3, n. 1, 2006.

MENDONÇA, A. G. **O celeste porvir**: a inserção do protestantismo no Brasil. São Paulo: Ed. Paulinas, 1984.

MENDONÇA, A. G. & V. **Prócoro**. Introdução ao protestantismo no Brasil. São Paulo: Loyola, 1990.

MILLER, D.; S., **Don. The Internet**: an ethnographic approach. Oxford- New York: Berg, 2000.

MOLTMANN, J.. **O espírito da vida**: uma pneumatologia integral. Petrópolis: Vozes, 1999.

NEGRÃO, L. N. **Mercadolicismo**: mercado na religião e religião do mercado. In: Estudos de Religião. Ano XIV, n.18, junho de 2000, São Bernardo do Campo: Umesp, 2000.

NELSON-FIELD, K.; TAYLOR, J. **Facebook fans**: a fan for life? United Kingdom. Admap, maio 2012. p. 25-27 (Special Edition Engagement).

NIETZSCHE, F. W. **A gaia ciência**. São Paulo: Companhia das letras, 2001.

NIETZSCHE, F. W. **Ecce Homo**. cap.IV. Por que sou um destino? Aforismo 8. Editora Vozes, 2016

NUWER, R. **As religiões vão desaparecer no futuro?** BBC News Brasil. Dez. 2014. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/12/141230vert_fut_religiao_futuro_ml>. Acesso em: 23 de março de 2021.

OLIVEIRA, A. **Secularização e mercado religioso em Peter Berger.** Revista Brasileira de História & Ciências Sociais, UNISINOS, Rio Grande do Sul, v. 4, n. 7, p. 7-26, jul. 2012.

ORO, I. P. **O fenômeno religioso:** como entender. São Paulo: Paulinas, 2013.

ORTIZ, J. C. **O Discípulo.** Tradução: Myrian Talitha Lins. 6ª ed. Santa Catarina: Editora Betânia, 1980.

OTTO, R. **O sagrado:** aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional. Tradução de Walter O. Schlupp. São Leopoldo: Sinodal, EST; Petrópolis: Vozes, 2007.

PASSOS, J. D. **Como a religião se organiza:** tipos e processos, São Paulo: Paulinas. 2006.

PEIRANO, M. G.S. **A análise antropológica de rituais.** In: . (Org.) O Dito e o feito: ensaios de antropologia dos rituais. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

PEREIRA, T. A. de P. ;BAZON, S. D. **A ação evangelizadora dos Jesuítas, o Colonizador Português e a Cultura e Civilização Indígena No Brasil Colônia.** Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 04, Ed. 07, Vol. 12, pp. 82-118. Julho de 2019.

PEREIRA, C.; LINHARES, J. **Os novos pastores.** Veja, edição 1.964, ano 39, nº 27, jul. 2006.

PEREZ, L. **Religião e sociedade de consumo.** In: Reunião de antropologia do MERCOSUL – antropologias em perspectivas, 5., 2003, Florianópolis. Anais... Florianópolis: 2003.

PIERUCCI, F. & PRANDI, R. **A realidade social das religiões no Brasil,** São Paulo, Hucitec, 1996.

PIERUCCI, A. F. **Reencantamento e dessecularização:** a propósito do autoengano em sociologia da religião. In: Novos Estudos, 49. São Paulo: CEBRAP, Novembro de 1997. p. 103.

PIERUCCI, A. F. **O povo visto do altar: democracia ou demo- filia?.** Novos Estudos CEBRAP, São Paulo, n. 16, p. 66-80, 1986.

PIERUCCI, A. F. **"Bye bye, Brasil":** O declínio das religiões tradicionais no Censo 2000. Estudos Avançados (USP), v. 18, n. 52, p. 17-28, 2004.

PINTO, T. **História do Brasil:** A Igreja Católica no Brasil. Disponível em: <<https://brasilescola.uol.com.br/historiab/igreja-catolica-no-brasil.htm>> Acesso em

28 mai.2021.

PRANDI, J.R. **Um sopro do espírito**. São Paulo. Edusp.1997.

PRANDI, R. **Religião paga, conversão e serviço**. In: Pierucci, Flávio e PRANDI, Reginaldo. A realidade social das religiões no Brasil. São Paulo: Hucitec, 1996.

PRANDI, R. **Mitologia dos orixás**. São Paulo, Companhia das Letras, 2000.

PRINCIPIOS para transformação. Apóstolo Rina. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=7CcWGJFtrUU>>. Acesso: ago. 2014.

QUEIRUGA, A. T. **Fim do cristianismo pré-moderno**. Desafios para um novo horizonte. Paulus. 2ª edição. São Paulo. 2011, p.23-60.

QUEIRUGA, A. T. **Fin del cristianismo pré-moderno**: retos hacia um nuevo horizonte. Sal Terrae. Santander, 2000.

QUEIRUGA, A. T. **El dialogo de las religiones en el mundo actual**. El Vaticano III. Barcelona, Herber-El Ciervo, 2001. Apud. VIGIL, J. Maria. Teologia do pluralismo religioso.

QUEIRUGA, A. T. **Autocompreensão cristã**: diálogo das religiões. São Paulo: Paulinas, 2007.

QUEIRUGA, A. T. **Creio em Deus pai**: o Deus de Jesus como afirmação plena do humano. São Paulo: Paulinas, 1993.

QUEIRUGA, A. T. **Do terror de Isaac ao abbá de Jesus**: por uma nova imagem de Deus. São Paulo: Paulinas, 2001.

QUEIRUGA, A. T. **Recuperar a criação**: por uma religião humanizadora. São Paulo: Paulus, 1999b.

QUEIRUGA, A. T. **Recuperar a salvação**: por uma interpretação libertadora da experiência cristã. São Paulo: Paulus, 1999a.

QUEIRUGA, A. T. **Repensar a ressurreição**: a diferença cristã na continuidade das religiões e da cultura. São Paulo: Paulinas, 2004.

QUEIRUGA, A. T. **Repensar a revelação**: a revelação divina na realização humana. São Paulo: Paulinas, 2010.

QUEIRUGA, A. T. **Un Dios para hoy**. Santander: Sal Terrae, 1997.

RATZINGER, J. **Los movimientos eclesiales y su colación teológica**, in Communio (1999) 97- / 03 (conferência realizada em Roma, dia 27 de Maio de 1998, na abertura do Congresso dos Movimentos eclesiais).

RATZINGER, J. **As novas problemáticas surgidas nos anos 1990**. Sobre a situação da fé e da teologia hoje. In: RATZINGER, J. **Fé, Verdade e Tolerância**.

O cristianismo e as grandes religiões do mundo. São Paulo: Ramon Lluull, 2007, p. 109-128.

RATZINGER, J. **O sal da Terra**. O Cristianismo e a Igreja Católica no século XXI. Um diálogo com Peter Seewald. Rio de Janeiro: Imago, 2005.

RATZINGER, J. **Revelação e Tradição**. Ensaio de análise do conceito de Tradição. In: RAHNER, K.; RATZINGER, J. **Revelação e Tradição**. São Paulo: Herder. 1968, p. 15-59.

RATZINGER, J. **Teoría de los principios teológicos**. Materiales para una teologia fundamental. Barcelona: Herder, 1985.

REALE, G.; ANTISERI, D. **História da filosofia**: do romantismo a empiriocriticismo Trad. Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2005.

REFKALEFSKY, E.; DURÃES, A. **Amém, Brother**: Estratégias de comunicação mercadológica da Bola de Neve Church. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO DA REGIÃO SUDESTE, 12., 2007, Juiz de Fora. Anais... Juiz de Fora: INTERCOM, 2007.

RÁDIOS virtuais da Bola de Neve. Disponíveis em: <<http://www.bolamusic.com.br/> <http://www.bolaradio.com.br/>>. Acesso em: várias datas.

REVISTAS produzidas pela Bola de Neve. Disponível em: <[www.revistas.bola de neve.com](http://www.revistas.bola-de-neve.com)>. Acesso em: dez. 2014.

REVISTA Hardcore, edição de setembro de 2013. Disponível em: <<http://www.genizahvirtual.com/2013/09/bola-de-neve-toma-caixote-epiconas.html#ixzz2hnmBJDbu>>. Acesso em: várias datas.

REVISTA VEJA. Deus e os Homens na visão de Bento XVI. Rio de Janeiro. Abril. 27Abr2005, p. 72-76. Semanal.

REZENDE, A. P.; DIDIER, M. T. **Rumos da História**: história geral e do Brasil: ensino médio. 2.ed. – São Paulo: Atual, 2005.

RHEINGOLD, H. **The virtual community**: homesteading on the electronic frontier. Cambridge, Massachusetts: Reading: Addison-Wesley, 1993.

RIBEIRO, L.; CUNHA, D. “**Bola de Neve**”: um fenômeno pentecostal contemporâneo. Revista Horizonte, Belo Horizonte, v. 10, n. 26, p. 500-521, abr./jun. 2012.

RIES, Al ; TROUT, Jack. **Posicionamento**: a batalha pela sua mente. São Paulo: Pioneira, 1997.

RIBEIRO, C. de O. **O princípio pluralista**: bases teóricas, conceituais e possibilidades de aplicação. Revista de Cultura Teológica, pp. 234-257. Ano XXV.

Nº 90. Jul/Dez 2017.

RIBEIRO, C. de O. **O princípio pluralista**. Cadernos Teologia Pública. Ano XIV – Vol. 14 – Nº 128 – 2017.

RICOEUR, P. **Da interpretação**: ensaio sobre Freud. Rio de Janeiro: Ed.Imago. 1977.

RIES, J. **O homem é desde sua origem um homem religioso**. (2012) Recuperado em: www.ihu.unisinos.br/noticias/505568.

ROCHA, E. **Representações do consumo**: estudos sobre a narrativa publicitária. Rio de Janeiro: PUC, 2006.

RONSI, F. Q. **A mística cristã e o diálogo inter-religioso em Thomas Merton e em Raimon Panikkar**. Para uma maturidade cristã e uma mística inter-religiosa. Rio de Janeiro, 2014. 343p. Tese. Faculdade de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

RUBIO, A. G. **O encontro com Jesus Cristo Vivo**. São Paulo: Paulinas, 1999.
SAINT-SIMON. **Nouveau Christianisme**: diálogos entre um conservateur et un novateur. . [s.n.], 1825.

SMITH, W. C. **O sentido e o fim da religião**, Ed. Sinodal, 2006.

SANTAELLA, L. **Navegar no ciberespaço**. São Paulo: Paulus, 2004.

SCHILLEBEECKX, E. **Fé Cristiana y sociedad moderna**. Madrid: Ediciones SM, 1990.

SEIXAS, R. Entrevista concedida ao Jornal Diário de São Paulo, em 15 de julho de 2002.

SOUZA, A. C. de. **Pentecostalismo**: de onde vem, para onde vai? Um desafio às leituras contemporâneas da religiosidade brasileira. 2004.

SOUZA, Be M.; MARTINO, L. M. S. **Sociologia da religião e mudança social**: católicos, protestantes e novos movimentos religiosos no Brasil. São Paulo: Paulus, 2004.

SOUZA, M. M. de. **As entrelinhas do consumo no discurso das religiosidades contemporâneas**: o caso de O segredo. In: Revista Contemporânea, Ed.18, v.9, n.2, 2011.

SPADARO, A. **Ciberteologia**: pensar o cristianismo nos tempos da rede. Tradução: Cacilda Rainho Ferrante. São Paulo: Paulinas, 2012.

STORNI, M. O.; ESTIMA, L. **A Religião como produto de consumo**: reflexões. CAOS - Revista Eletrônica de Ciências Sociais, UFPB, n. 15, p. 15-28, mar. 2010.

STRÜBING, J. **Grounded theory**. Wiesbaden: VS-Verlag, 2004. jan. 2015.

SUENENS, L. J. et al. **A experiência de Pentecostes**. A Renovação Carismática na Igreja Católica. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

SITE da Bola de Neve. Disponível em: <<http://www.boladeneve.com/>>. Acesso em: várias datas.

TEIXEIRA, E. B. **A fragilidade da razão**: pensiero debole e nihilismo hermenêutico em Gianni Vattimo. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

VATICANO II. *Dei Verbum*. In: **Compendio Concílio Ecumênico Vaticano II**. Documentos. Brasília: Edições CNBB, 2018, p. 175- 198.

WEBER, M. **Economia e sociedade**. Brasília: Editora da UnB, 1991.

WEBER, M. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. 2.ed. São Paulo: Pioneira. 2005.

WEBER, M. **Sociology of religion**. The University of Chicago Press, Chicago, 1971, p.52.

WITTEL, A. **Ethography on the move**: from field to net internet: qualitative social research. EUA, v. 1, n. 1, 2000.

ZEFERINO, C. G.J. **As Contribuições de Émile Durkheim para Compreender a Religião na Contemporaneidade**, p. 342. Revista Eletrônica Correlatio v. 16, n. 2 - Dezembro de 2017.